



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Elisabete Ferreira

**Quando a escola visita o museu e quando o museu visita a escola:
educação na perspectiva do Patrimônio Cultural**

Rio de Janeiro

2022

Elisabete Ferreira

**Quando a escola visita o museu e quando o museu visita a escola:
educação na perspectiva do Patrimônio Cultural**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós
Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto
de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro Centro de
Educação e Humanidades

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Ferreira de Souza Lima

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CAP/A

F383 Ferreira, Elisabete

Quando a escola visita o museu e quando o museu visita a escola:
educação na perspectiva do Patrimônio Cultural / Elisabete Ferreira. – 2022.

111 f.: il.

Orientadora: Patrícia Ferreira de Souza Lima.

Dissertação (Mestrado em Educação Básica) - Universidade do Estado
do Rio de Janeiro, Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.

1. Educação - Teses. 2. Museus - Aspectos educacionais - Teses. 3.
Patrimônio cultural - Teses. I. Lima, Patrícia Ferreira de Souza. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando
Rodrigues da Silveira. III. Título.

CDU 37:069.01

Albert Vaz CRB-7 / 6033 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Elisabete Ferreira

**Quando a escola visita o museu e quando o museu visita a escola:
educação na perspectiva do patrimônio cultural**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Centro de Educação e Humanidades.

Aprovada em: 14 de outubro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Patrícia Ferreira de Souza Lima (orientadora)
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira-UERJ

Prof.^a Dra. Daniele Bastos Lopes
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira-UERJ

Prof. Dr. Ozias de Jesus Soares
Fundação Oswaldo Cruz

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos, Caio, Eduarda, João e Felipe, com alegria e amor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a divindade, ao sagrado e a fé.

Aos meus pais que me deram a vida. Aos meus filhos Caio, Duda, João e Felipe, fonte do mais puro amor. Aos meus irmãos, pelo carinho. Não poderia deixar de agradecer, em especial a minha filha Duda, que pegou na minha mão no momento em que meu corpo e mente já estavam exauridos. Juntas, lemos, relemos, escrevemos, apagamos por diversas vezes e seguimos na energia de Freire, hooks, Shiva, Laksmi, Ganesh, Kali, Durga e outras deusas mais.

Agradeço à minha orientadora, professora Dra Patrícia Lima, que acreditou na potência do tema da pesquisa e aceitou ser minha orientadora. Nos momentos mais delicados que passamos, ela reuniu suas forças e decidiu continuar comigo até a defesa desta dissertação. Aos professores Dra Danielle Bastos Lopes e o professor Dr Ozias de Jesus Soares membros das bancas de qualificação e defesa, que gentilmente, aceitaram o convite e contribuíram com as reflexões e aprimoramentos deste estudo. A todas e todos os professores do PPGEB, pelo carinho, dedicação, acolhimento e aprendizado.

Aos meus queridos estudantes que se debruçaram nas visitas aos museus, com tanto encantamento, a ponto de serem a maior motivação para fazer uma pesquisa sobre a minha própria prática docente. Agradeço a ETEAB, que me abriu portas e portais para a realização de ser uma professora pesquisadora. Às professoras, Helen Padilha, Janete Ribeiro e Leila de Lima que participaram ativamente das Oficinas Rio dos Estudantes e, quando souberam que iriam colaborar com a minha pesquisa de mestrado, não mediram esforços para fazer das oficinas um trabalho potente, coletivo e de muito afeto.

Ao Museu Rio memórias que abriu seus portais virtuais e físicos, permitindo encontros e desencontros, descortinando um mundo de possibilidades e me surpreendendo com tantos conhecimentos e encantos. Aos profissionais desse museu que estiveram junto comigo nessa caminhada, acreditaram no potencial dos nossos estudantes e, brilhantemente, conduziram um processo educativo encantador. Em especial, a Lívia Brandão que desde o nosso primeiro contato, se mostrou encantada com a expectativa de um trabalho em conjunto. Às professoras, professor e profissionais do museu que participaram como voluntários respondendo aos questionários de entrevistas, contribuindo para análise e conclusão da pesquisa. A todas e todos os amigos, sobretudo aos professores que acreditaram e me incentivaram desde o início até a finalização deste trabalho.

O Museu é o mundo.

Hélio Oiticica

RESUMO

FERREIRA, Elisabete. *Quando a escola visita o museu e quando o museu visita a escola: educação na perspectiva do Patrimônio Cultural*. 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta dissertação investiga a relação estabelecida entre escola e museu, suas particularidades e potencialidades em relação às atividades pedagógicas sob a perspectiva do patrimônio cultural. Busca-se contribuir, por um lado, para a desconstrução do modelo pedagógicotradicional e conservador, dando lugar a uma educação libertadora. Por outro lado, cabe promover diálogo com os setores educativos dos museus, alguns deles inacessíveis, outros abertos a parcerias efetivas com os docentes. Como metodologia, foi realizada uma pesquisa de campo através de atividades em parceria entre a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch e o Museu Rio Memórias, durante os anos de 2021 e 2022. Depois de conhecerem o museu virtual, os alunos da Adolpho Bloch participaram das Oficinas Rio dos Estudantes, através das quais visitaram e pesquisaram os bens culturais de São Cristóvão, bairro da escola, e seu entorno, elaborando textos e imagens a partir da experiência de forma criativa, tendo sido a maioria deles selecionados para integrarem uma das exposições virtuais do Museu. Relatos e reflexões dos alunos, assim como depoimentos dos educadores envolvidos, são analisados ao longo da pesquisa. O Produto Educacional elaborado para este mestrado profissional, um mapa interativo impresso das ruas do bairro de São Cristóvão e entorno e ilustra as possibilidades de aproximação dos alunos de escola básica com o patrimônio cultural local. Elaborado em parceria com o Museu Rio Memórias, a cartografia serve de ferramentadidática com inúmeras possibilidades de aplicabilidade, a partir dos pontos já identificados e pesquisados, para novos horizontes de educação sob a perspectiva do patrimônio cultural, com a expectativa de que seja utilizada no sentido de uma educação mais criativa e sensível, para outras escolas de São Cristóvão, outros bairros, outras cidades.

Palavras-chave: Cartografia patrimonial; Educação Museal; Oficina pedagógica; São Cristóvão.

ABSTRACT

FERREIRA, Elizabeth. *When the school visits the museum and when the museum visits the school: education from the perspective of Cultural Heritage*. 2022. 111 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This dissertation investigates the relationship established between school and museum, its particularities and potentialities in relation to pedagogical activities from the perspective of cultural heritage. It seeks to contribute, on the one hand, to the deconstruction of the traditional and conservative pedagogical model, giving way to a libertarian education, in a decolonial way. On the other hand, it is necessary to promote dialogue with the educational sectors of museums, some of them inaccessible, others open to effective partnerships with teachers. As a methodology, a field research was carried out through activities in partnership between the State Technical School Adolpho Bloch and the Rio Memories Museum, during the years 2021-22. After visiting the virtual museum, Adolpho Bloch students participated in the Rio dos Estudantes Workshops, through which they visited and researched the cultural assets of São Cristóvão, the school's neighborhood, and its surroundings, creating texts and images from the experience in a creative, most of them being selected to integrate one of the Museum's virtual exhibitions. Reports and reflections from students, as well as testimonials from the educators involved, are analyzed throughout the research. The Educational Product prepared for this professional master's degree, an interactive printed map of the streets of the São Cristóvão neighborhood and surroundings, illustrates the possibilities of bringing elementary school students closer to the local cultural heritage. Elaborated in partnership with the Rio Memories Museum, cartography serves as a didactic tool with countless possibilities of applicability, from the points already identified and researched, for new horizons of education from the perspective of cultural heritage, with the expectation that it will be used in the sense of a more creative and sensitive education, for other schools in São Cristóvão, other neighborhoods, other cities.

Keywords: Heritage cartography; Museum Education; Pedagogical workshop; Saint Christopher.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Produções das Oficinas 2021 em exposição na Galeria Rio dos Estudantes--	55
Quadro 2	Produções das Oficinas 2022 em exposição na Galeria Rio dos Estudantes--	59
Quadro 3	Lista do local de residência dos estudantes-----	66
Quadro 4	Respostas dos estudantes ao questionário de avaliação das oficinas -----	68
Quadro 5	Respostas dos estudantes ao formulário de avaliação final das Oficinas Rio dos Estudantes.....	68
Quadro 6	Respostas dos estudantes ao formulário de avaliação final das Oficinas Rio dos Estudantes.....	69
Quadro 7	Relatos de estudantes de entrevistas gravadas em vídeo-----	70
Quadro 8	Questionário de avaliação final das oficinas (2021;2022) encaminhado aos docentes participantes das Oficinas Rio dos Estudantes -----	72
Quadro 9	Perguntas e respostas do questionário encaminhado a docentes da Educação Básica -----	74
Quadro 10	Respostas dos docentes à pergunta discursiva do questionário de avaliação final das Oficinas -----	76
Quadro 11	Questionário encaminhado aos profissionais do museu-----	78
Quadro 12	Respostas dos profissionais do Museu Rio Memórias -----	80

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Pintura em tela do 3º Conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho
Teixeira de Andrada Barbosa-----60
- Figura 2** Desenho da Casa da Marquesa de Santos, produzido pela estudante A.B ----- 61
- Figura 3** Produto Educacional Mapa Interativo do patrimônio cultural do bairro de São
Cristóvão e entorno-----105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADEG	Mercado Municipal do Rio de Janeiro
CEMEAB	Centro de Memória da Escola Adolpho Bloch
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
ETE	Escola Técnica
ETEAB	Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch
FAETEC	Fundação de Apoio a Escola Técnica
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IEPIC	Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISERJ	Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
PE	Polícia Especial
PM	Polícia Militar
PNM	Política Nacional de Museus
PNEM	Política Nacional da Educação Museal
PPGEB	Programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica
PUC	Pontifícia Universidade Católica
QR	Quick Response
SAE	Seção de Assistência ao Ensino
UERJ	Universidade do Estado Do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA ESCOLA E NO MUSEU	21
1.1. A Educação sob a perspectiva do Patrimônio Cultural	21
1.2. A Relação entre as Instituições Escola e Museu	28
1.3. Os Setores Educativos dos Museus e a Educação Museal	34
1.4. O Acesso de Estudantes ao Patrimônio Cultural Brasileiro pela Escola e Museu	38
1.5. O Acesso ao Patrimônio Cultural pelos Estudantes e a Necessidade de Transcender o Modelo Tradicional de Educação	42
2. O MUSEU RIO MEMÓRIAS E A ESCOLA TÉCNICA ADOLPHO BLOCH: EXPERIÊNCIA DE DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E MUSEU	45
2.1. Quem são o Museu Rio Memórias e a Escola Técnica Adolpho Bloch	45
2.2. Como se deu a Parceria entre o Museu e a Escola	48
2.3. Oficinas Rio dos Estudantes - 2021	51
2.4. Oficinas Rio dos Estudantes - 2022	57
2.5. Avaliações dos Participantes das Oficinas	65
2.5.1. Avaliações dos Estudantes	66
2.5.2. Avaliações dos Docentes sobre as Oficinas	71
2.5.3. Avaliações dos Profissionais do Museu sobre as Oficinas	77
3. O PRODUTO EDUCACIONAL: MAPA INTERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BAIRRO DE SÃO CRISTÓVÃO E ENTORNO: UMA EXPERIÊNCIA PATRIMONIAL, MUSEAL E DE MEMÓRIA AFETIVA	81
3.1. Sugestões de Aplicabilidade do Produto Educacional	83
3.2. Metodologia do Produto	86
3.3. O Bairro de São Cristóvão	88
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94

REFERÊNCIAS -----	98
APÊNDICE – Patrimonio Cultural do bairro de São Cristóvão -----	104
ANEXO A – Produto Educacional- Mapa interativo do patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão e entorno-----	105
ANEXO B – Entrevista para docentes que atuam na escola básica -----	106
ANEXO C – Entrevista aos profissionais do Museu Rio Memórias -----	111

INTRODUÇÃO

A pesquisa que gerou esta dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), traz à reflexão as ações educativas nas escolas na qual acontece a interação ativa entre professores, alunos e o Patrimônio Cultural brasileiro.

O principal objetivo do estudo é a elaboração de um produto educacional indicando possibilidades ou potencialidades de aproximação dos alunos de escola básica com o patrimônio cultural material e imaterial do bairro local. E os objetivos específicos são analisar a relação entre a escola e o museu, sobretudo entre os educadores que planejam as atividades de visitas aos museus e seus desdobramentos, e averiguar se esta relação promove acesso destes estudantes aos bens culturais.

Formalmente, de acordo com o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural brasileiro é constituído pelos “bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.” Serão considerados nesta pesquisa como patrimônio os bens culturais tombados ou não pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), analisando-se os presentes no entorno das escolas, reconhecidos pelos alunos como significativos para aquele território.

A instituição de aquisição, guarda, conservação, preservação e estudo de objetos patrimoniais é o museu, de acordo com o art. 1º da Lei 11.904/2009:

Art. 1º. Os museus são as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (BRASIL, 2009).

Assim, justifica-se que a observação do diálogo entre a escola e o museu, de suas aproximações, formas, contrastes e hierarquias, estabeleceu os percursos desta pesquisa, tomando-se como referência para averiguação e análise as visitas a museus como ações educativas com a perspectiva do patrimônio cultural.

Tais ações são recorrentes nas escolas e, ao provocar uma aproximação direta com os bens patrimoniais, são tidas como uma possibilidade de contribuir para a formação dos estudantes, como entende o museólogo Mário Chagas, que enxerga que neste encontro se

vivência a “eclosão de valores que nos habilita para a alegria e emoção de lidar com as diferenças” (2004, p. 145).

Considera-se, então, como hipótese de trabalho de pesquisa, que a interação entre os docentes e educadores museais no processo de visitação gerasse possibilidades para uma didática transformadora, inovadora e criativa e, conseqüentemente, pudesse ir além do modelo colonial tão presente no sistema escolar brasileiro.

O problema da pesquisa   a rela o e a intera o entre as institui es escola e museu, questão abstrata, porém rica em subjetividades inerentes ao elo que se tece entre os educadores que atuam nas duas institui es, durante todo o processo de visita, e também aos reflexos provocados nos alunos a partir da atividade educativa. Serão investigadas as diferenças de perspectivas pedagógicas entre os docentes e educadores museais e se essas diferenças podem gerar interferência em suas intera es e também ser causa de problemas durante as visitas e atividades afins.

A propositora da pesquisa   uma professora que tem como prática pedagógica a visita a museus e como referencial teórico e metodológico a Educa o museal - que embasa as suas a es educativas dentro e fora de sala de aula - e que, para realiza o das atividades de visita o com suas turmas, procura, sempre que possível, fazê-las através dos setores educativos dos museus. Em sua prática, foi possível perceber que   a partir da visita que se inicia uma rela o de aproxima o entre as institui es museu e escola, podendo-se a partir daí estabelecer um vínculo ou até mesmo parceria entre os profissionais da educa o que nela atuam. Além disso, também foi possível compreender que a visita o deve se guiar por caminhos metodológicos que conversem com a Educa o Museal, pois acredita-se ser essa uma maneira de avançar para uma Pedagogia que transcenda o modelo conteudista e de caráter multidisciplinar da escola.

A partir do interesse em aprofundar conhecimentos, percep es e pesquisar apropriadamente o tema, as visita es a museus pela escola vêm sendo objeto de estudo desta docente pesquisadora, levando em considera o as suas experiências e também o trabalho de outros docentes que utilizam da mesma perspectiva pedagógica. Considerando a rela o entre a escola e o museu como um problema que requer aten o e averigua o, a pesquisa traz como objeto de estudo ativo e consciente as experiências com as visitas realizadas ao museu virtual Rio Memórias, pelos estudantes e docentes da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch(Rio de Janeiro/RJ) e a atividade denominada Oficina Rio dos Estudantes, que também contemplou docentes, estudantes e profissionais do museu.

A visitação oportunizou a estudantes e docentes o primeiro contato com o Museu Rio Memórias, o que possibilitou a investigação sobre a experiência dos participantes com as novas aprendizagens e sobre as produções realizadas a partir das visitas.

As Oficinas Rio dos Estudantes foram uma outra atividade realizada logo depois da visita, quando a docente/pesquisadora e uma profissional do museu se conheceram, conversaram sobre as experiências da atividade e, a partir daí, pensaram em novas possibilidades de trabalhos em parceria. O museu, então, propôs o trabalho com as oficinas, uma ação educativa a ser realizada na escola, como forma de continuidade e de novos caminhos para fazeres educativos articulados entre as duas instituições, voltada para inserir o jovem no resgate da história e memória da cidade do Rio de Janeiro.

As oficinas são direcionadas a estudantes do Ensino Médio das escolas públicas cariocas, e, especificamente nesta pesquisa, será analisada a parceria com a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch que, segundo planejamento das educadoras do museu, teve como propósito despertar o estudante para o olhar de reconhecimento e apropriação do patrimônio cultural carioca.

O quadro teórico traz autores dos campos da Educação, Educação Museal, Educação Patrimonial, Memória Social e Patrimônio Cultural, com conceitos que fundamentam a educação de maneira abrangente, sendo aquela que ocorre no entrelaçamento entre estes diversos campos e não somente no escolar. Dessa maneira foi necessário um maior aprofundamento dialogando com correntes teóricas que são antagônicas, mas que se fizeram necessárias à medida que as próprias características conflitantes entre elas contribuíram para este estudo, que se iniciou dentro de uma corrente crítica e no decorrer de seu desenvolvimento e aprofundamento descortinou para possibilidades de diálogo com as teorias pedagógicas decoloniais.

A metodologia para esta pesquisa e que resulta nesta dissertação tem abordagem qualiquantitativa pois decorre da análise da interpretação e compreensão dos fenômenos sociais, assim como apresenta dados com referenciais mais objetivos.

Considera-se como tipologia a pesquisa de campo, em razão do processo metodológico ter ocorrido em dois espaços educativos, na escola e no museu. A pesquisa se dá como fruto da práxis docente, a partir da ação educativa de visitação a museus, apresentando uma reflexão sobre as produções culturais dos estudantes e, ao mesmo tempo, propõe um produto educativo que pretende enfrentar o acesso e identificação dos estudantes com patrimônio cultural brasileiro. Segundo Tozoni-Reis, 2010:

A literatura sobre pesquisa em educação elegeu, durante muito tempo, a escola como campo mais apropriado de pesquisa. No entanto, a riqueza dos processos educativos ocorridos em outros espaços que não os escolares fez com que, mais recentemente, o campo de ação e, portanto, de investigação da educação, se expandisse também para fora da escola. Consideremos, assim, como campo de pesquisa em educação os espaços educativos escolares e não escolares. (TOZONI-REIS, 2010, p. 23-24)

A dissertação explica, à medida que os capítulos se desenvolvem, todos os atores envolvidos, suas percepções e como a ideia da Oficina de Estudantes evoluiu e se concretizou, culminando em um produto educacional elaborado em parceria entre a escola e o museu.

Para coleta de dados foram utilizados, além da bibliografia, dois processos intrínsecos à prática pedagógica realizada pela própria professora pesquisadora: as visitas virtuais dos estudantes ao museu Rio Memórias e a participação dos mesmos nas Oficinas Rio dos Estudantes. As visitas virtuais foram realizadas no período do ensino remoto, nos anos de 2020 e 2021, e também no retorno ao ensino presencial, em 2022, por estudantes do Ensino Médio Integrado da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, como parte do planejamento da disciplina Turismo, Patrimônio e Memória Cultural. Nas oficinas, os recursos metodológicos utilizados foram a observação, análise e participação direta como docente e mediadora na elaboração, desenvolvimento, didática e apresentação das pesquisas dos estudantes. A partir destas experiências, houve a elaboração do produto educacional, o Mapa interativo com roteiro do Patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão e entorno.

A busca de dados se deu a partir da análise dos trabalhos realizados pelos estudantes; de suas respostas durante e após cada fase desenvolvida; dos formulários que responderam durante e após as oficinas, a fim de se obter um retorno sobre a aprendizagem e investigar sobre a motivação, alegria e energia que dispuseram durante todo o processo; além de entrevistas com as docentes e profissionais do museu que participaram das oficinas, com o propósito de verificar a motivação e percepção sobre a experiência da utilização do patrimônio cultural como perspectiva pedagógica e, sobretudo, de averiguar com as docentes sobre a percepção desta atividade como experiência educativa, motivadora, dialógica, reflexiva, criativa e sensível, que possa funcionar como um caminho para um fazer pedagógico que transcende ao modelo de ensino tradicional e colonial. Para referenciar a autoria dos relatos e trechos das pesquisas dos estudantes, foram utilizadas as iniciais do nome e sobrenome de cada membro citado, seguido do ano de referência que ocorreu a coleta de dados.

Importante destacar que todo o processo de pesquisa tem como referenciais teóricos e como objetivos principais o fomento a práticas pedagógicas que permitam um lugar libertário e revolucionário da educação, que coloque os estudantes como sujeitos e protagonistas de todas as ações, para que se utilizem dos processos educativos não só para o seu crescimento pessoal, mas também para uma nova forma de enxergar o mundo e para a transformação social. Sob esse pilar toda a pesquisa foi desenvolvida, até a elaboração final do produto educacional, no qual culmina a dissertação.

O primeiro capítulo apresenta o estudo sobre a relação entre a escola e o museu. Cabe salientar que, nesse contexto educativo, há dois grupos de educadores, os docentes que atuam nas escolas e os educadores museais que atuam nos museus, sujeitos estes que pensam a educação e planejam processos educativos a partir da perspectiva do patrimônio cultural. Portanto, é importante pensar sobre a contribuição dessa relação para a inserção dos estudantes nos museus, centros culturais e espaços afins como promotora de acesso ao patrimônio cultural pelos estudantes e de elaboração e apropriação de sua identidade cultural. O capítulo traz ainda um panorama sobre o modelo estrutural no qual as instituições escola e museu foram criadas e as intenções e interesses políticos que atravessaram esse modelo e continuam atravessando até os dias atuais.

O segundo capítulo apresenta as duas instituições analisadas, o Museu Rio Memórias e a Escola Estadual Adolpho Bloch. Em seguida, analisa os dados do processo educativo de visita ao museu virtual e o desdobramento da relação entre ele e a escola, sobretudo entre as docentes e as educadoras museais, bem como dos resultados das pesquisas dos estudantes no bairro de São Cristóvão e seu entorno. Além disso, discorre sobre todo o processo educativo das Oficinas Rio dos Estudantes, que ocorreu a partir de uma parceria entre as duas instituições, decorrente do primeiro processo educativo.

O terceiro capítulo, por fim, expõe o processo de criação, elaboração, metodologia, divulgação e aplicação do produto educacional, intitulado de “Mapa interativo do patrimônio cultural de São Cristóvão e seu entorno: uma experiência patrimonial, museal e de memória afetiva”. Como o objetivo principal desta pesquisa é desenvolver um produto educacional, a pesquisadora se debruçou nas visitas e nas oficinas para a criação de um material que pudesse ser construído coletivamente entre estudantes, docentes e profissionais do museu. Surgiu, então, a ideia de elaboração de um mapa interativo contendo um roteiro com alguns dos patrimônios culturais do bairro de São Cristóvão e seu entorno, no Rio de Janeiro, como indicação de possibilidades ou potencialidades para aproximação, apropriação e acesso dos

alunos de escola básica ao patrimônio cultural brasileiro local. Para tanto, a proposta é trabalhar delimitando um território, como forma de explorar e conhecer uma região significativa para estudantes e educadores.

O território escolhido foi o bairro de São Cristóvão e entorno, por ser o local onde a escola Adolpho Bloch está inserida. O produto educacional é baseado na sistematização de um mapa físico, contendo os locais pesquisados pelos estudantes durante a ação educativa Oficinas Rio dos Estudantes, o qual tem o objetivo de explicitar a relação entre museu e escola, que se pretende estimular, a fim de transcender os limites físicos das instituições, bem como de ampliar suas relações com o espaço urbano do entorno, com efetiva participação de seus frequentadores. A proposta é oferecer o mapa impresso às escolas do bairro objetivando estimular o acesso dos estudantes ao patrimônio cultural local para que também outras escolas façam seus próprios roteiros delimitando outros territórios.

Em síntese, diante do pressuposto da necessidade de uma educação libertária, esta pesquisa se propõe a analisar ações educativas sob a perspectiva do patrimônio cultural e como a relação entre escola e museu pode ser um fator de acesso dos estudantes aos bens culturais e, de fato, levá-los à apropriação do conhecimento e à própria emancipação de suas subjetividades e identidades. Para isso, foram analisados dados da relação específica experimentada pela autora da pesquisa, na parceria entre a Escola Adolpho Bloch, em que atua profissionalmente, e o museu virtual Rio Memórias, através de todos os atores envolvidos (docentes, educadores museais e estudantes), para, então, apresentar o objetivo prático desta dissertação, o seu produto educacional, que será exposto e utilizado pela comunidade escolar desta e de outras escolas, em especial as escolas públicas do bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, conforme será desenvolvido adiante.

1. A EDUCAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA ESCOLA E NO MUSEU

Esta pesquisa de mestrado investiga a educação na perspectiva do patrimônio cultural, através da apropriação dos bens culturais para o planejamento e desenvolvimento de ações educativas voltadas para o público escolar, as quais podem ocorrer a partir da escola, do museu ou espaço cultural ou também da parceria entre ambos os espaços. Será abordado neste capítulo, inicialmente, as concepções de educação sob a perspectiva do patrimônio cultural e, em seguida, as relações entre os sujeitos participantes deste processo educativo.

1.1. A Educação sob a Perspectiva do Patrimônio Cultural

Esta dissertação apresenta e defende a educação a partir da sua dimensão ampla, tendo como princípio a formação integral dos sujeitos, buscando um enfoque a partir da articulação entre as diferentes instâncias educacionais, ou mesmo locais não tradicionais de ensino como os museus. Por referência, por exemplo, segundo Ghon (2011), a educação pode abranger as esferas formais, não formais e informais, cada uma contendo suas especificidades.

As esferas formal e não formal possuem em comum a intencionalidade e a sistematização do conhecimento, colocando-o na sociedade através do planejamento e desenvolvimento de processos e ações educativas. A diferença entre elas é que a primeira pertence ao sistema escolar e a segunda, a instituições dos âmbitos da cultura, meio ambiente, movimentos sociais e outras. Por pertencerem a categorias diferentes, possuem políticas públicas específicas e distintas. Já a educação informal refere-se a ações educativas que acontecem de maneira natural e espontânea na sociedade, em espaços e instituições diversos.

As diversas definições e diferenciações da educação formal e da educação não formal, defendidas por teóricos da educação, vêm sendo questionadas por Castro (2015). Para a autora, os elementos que estes teóricos apresentam como agentes de diferenciação, como por exemplo, a flexibilidade do tempo, criação e organização dos espaços e a formação para cidadania, que, para eles, seriam típicos da educação não formal, são, ou deveriam ser, comuns aos dois tipos de educação.

Sobre esta divergência, primeiro observa-se as teses de teóricos, como Ghon e Gadotti *apud* Castro (2015):

Gohn (2010: 33) afirma que sua concepção de Educação Não Formal articula-se ao campo da Educação cidadã e a define então como: Um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais.

[...]

Gadotti (2005: 2) afirma que a Educação Não Formal é também uma atividade organizada e sistemática, mas aponta as categorias tempo e espaço como elementos de diferenciação entre ela e as atividades formais. Uma vez que na Educação Não Formal, o tempo da aprendizagem é flexível, respeita as diferenças e as capacidades de cada um, e cria e recria múltiplos espaços. (CASTRO, 2015, p. 174)

Em sentido contrário, a autora critica:

Mais uma vez, o que aparece como definição da Educação não formal tem conteúdo e objetivos estreitamente ligados àqueles que são ou deveriam ser os da escola, portanto da Educação Formal. Ao se negar esta afirmação, incorremos no risco de reforçar uma visão de Educação, cada vez mais difundida na sociedade e imposta pelas políticas públicas de Educação Formal: em que, voltada para o mercado de trabalho, portanto de caráter unilateral e operacional, a Educação é vista como responsabilidade quase restrita da escola, maior foco dos investimentos públicos para Educação.

[...]

Do mesmo modo, uma formação humanista voltada para a emancipação dos indivíduos é delegada a movimentos autônomos da sociedade, como não sendo responsabilidade do Estado e não aparecendo como foco privilegiado de investimentos de políticas públicas.

[...]

A Educação Não Formal também pode ter objetivos claros e específicos e ter diretrizes nacionais administradas por órgãos fiscalizadores e executores de outros ministérios, que não o da educação, como, por exemplo, têm feito o Ministério da Cultura. (CASTRO, 2015, p. 174)

Diante de tais apontamentos, cabe a reflexão sobre a relevância que se deveria dar a uma educação mais abrangente, na qual caiba a relação e aprofundamento entre educação formal e não formal e, nesse sentido, é essencial a compreensão do ser humano como um ser integral, considerando que a busca pelo conhecimento possa ocorrer quando ele é articulado a diversos valores éticos, estéticos, históricos, relacionais, culturais e emocionais. Segundo Trilla *apud* Carvalho (2016, p. 62), “o que realmente importa deveria ser a qualidade, a pertinência pessoal e social da aprendizagem em questão, e que o processo para chegar a ela tenha sido o mais eficaz.” Portanto, é importante que as políticas públicas e investimentos na educação tenham como foco a educação de maneira abrangente e não somente a educação escolar.

Logo, o patrimônio cultural brasileiro é considerado como um indispensável recurso educativo que pode ser apropriado por educadores e educandos para reflexão e troca de

conhecimentos sociais, históricos e culturais, contribuindo assim para a compreensão das diferenças existentes entre os sujeitos e suas inter relações. Importante destacar que o termo “diferença” é aqui interpretado, conforme Barreiros (2009, p. 103), “como construção social, em meio às relações sociais e disputas por poder social”.

Esta perspectiva vai ao encontro da concepção de Educação Patrimonial, a qual adota o patrimônio cultural como uma construção social e, como tal, deve ser apropriado coletivamente pelos sujeitos (IPHAN *apud* Tolentino, 2016, p. 39). A Educação Patrimonial é conceituada pelo IPHAN da seguinte maneira:

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (IPHAN, Educação Patrimonial. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>>. Acesso em: 27 set. 2021).

Assim, é importante se pensar numa pedagogia a partir das diferenças, tendo o patrimônio e a memória cultural como um referencial de registros de ações e relações que se estabelecem entre as diferentes culturas. A educação pela perspectiva do patrimônio cultural embasaria um aprendizado pela alteridade, integrando aos conteúdos escolares maior acesso à diversidade em todas as suas expressões, criando pertencimento e fortalecendo a formação cidadã.

Formalmente, o patrimônio cultural brasileiro é definido pela Constituição Federal de 1988, em seu artigo nº 216, como os “bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988). De acordo com o ex-Ministro da Cultura, Gilberto Gil (2008, *apud* FLORENCIO, 2012, p. 26), a partir de uma ótica mais ampliada, tem-se também a seguinte concepção sobre o patrimônio cultural:

Pensar em patrimônio é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial.” (IPHAN, 2008, *apud* FLORENCIO, 2012, p. 26)

Em relação à memória, é crucial compreender que se trata de uma atividade dinâmica, como afirmam Dobedei, Farias e Gondar (2016, p. 11), que “está inserida em um campo de lutas e de relações de poder, configurando um contínuo embate entre o ato de lembrar e de

esquecer.” A memória abrange tudo aquilo que está ligado ao passado, presente e futuro, sendo também algo de que não se tem um controle e por isso não é possível defini-la dentro de uma linearidade, mas se pode pensá-la e tê-la durante todo o tempo de uma existência humana. Na mesma linha, coloca Gondar (2016):

A memória, contudo, nunca é: na variedade de seus processos de conservação e transformação, ela não se deixa aprisionar numa forma fixa ou estável. A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Sua única fixidez é a reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade a esse campo devam ser plásticas e móveis. Não pode ser definida de maneira unívoca por nenhuma área de conhecimento. Mesmo no interior de cada disciplina, ela é um tema controverso. Enquanto campo de estudos, a memória social aloja uma multiplicidade de definições, provenientes de diferentes perspectivas e discursos, muitas vezes contraditórias. Isso não significa que devamos considerá-las como equivalentes. (GONDAR, 2016, p. 19)

Para Abreu (2016, p. 47), “a memória é entendida como um espaço/tempo que vive das pausas, dos espaços de silêncio, do lugar ‘entre’ movimento. E, sendo de pausa, é também lugar do entre o que já foi, o que está sendo e o que será, é lugar também de pensamento”. Estes pensamentos permitem que muitas problematizações ocorram no tempo presente, pois são carregados de normas, crenças e ritos inerentes às sociedades e impostos aos indivíduos. Por conseguinte, é fundamental refletir sobre as relações que se tecem entre os tempos passado, presente e futuro, e que levam os sujeitos a processos de questionamento, resistência, criação de novos processos culturais, busca por novos caminhos e novos olhares.

Chagas (2004, p. 145) apresenta uma perspectiva da educação na qual estão em simbiose o patrimônio e a memória social. Segundo o autor, “interessa pensar a educação como algo que não se faz sem se ter em conta um determinado patrimônio cultural e determinados aspectos da memória social”. Dessa forma, não se deve limitar o patrimônio a ser adjetivo da educação, pois ele se encontra enraizado nela e ela nele.

A relação entre educação e patrimônio não deixou de estar presente nos museus, tradicionais guardiões de bens patrimoniais, criados para preservá-los muitas vezes, desde as práticas museológicas do século XIX. Mas foi no século XX, na década de oitenta, que se discutiram e implementaram no Brasil as práticas de Educação Patrimonial. Chagas (2003 *apud* TOLENTINO, 2016, p. 41) afirma que, neste período, a museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta trouxe da Inglaterra para o Brasil a metodologia da Educação Patrimonial, com termo em inglês, denominada *Heritage Education*, apresentada no “Guia prático de Educação Patrimonial”, para ser aplicada tanto em museus quanto no patrimônio cultural de maneira geral. O autor aponta que o referido guia apresentava um cunho instrutivista, ou seja, uma

perspectiva de educação apenas como transmissão do conhecimento, através de um processo educativo focado no objeto. Tal concepção atualmente é tida como ultrapassada, pois muito já se avançou em concepções de Educação Patrimonial, tendo a visão atual o foco nos sujeitos e suas relações sociais, como exposto anteriormente.

Nos museus, a criação e consolidação da educação na perspectiva do patrimônio cultural possui uma trajetória marcada por processos políticos relevantes para a história da Educação e da Museologia. A década de mil novecentos e cinquenta foi marcada por eventos institucionalizados cujas “pautas eram discussões conceituais para o entendimento do que era considerado educação em museus” (PNEM, 2018, p. 15). O campo se estabeleceu a partir de conceitos da Museologia, pelos quais o museu era visto como um espaço educativo para auxiliar na educação formal, como uma extensão do espaço escolar. Essa visão preocupava muitos profissionais da educação em museus, como Frecheiras (2015), que criticava as visitas a museus acontecerem a partir da perspectiva pedagógica tradicional, cuja regra era a realização de um guiamento no museu, utilizando-se de recursos pedagógicos, avaliações e atividades prontas, processos estes que não permitiam reflexão sobre as ações.

O início do século XXI é marcado pela implementação da Política Nacional de Museus (PNM), lançada pelo Ministério da Cultura em 2003. Este marco levou os profissionais da Educação Museal a uma mobilização profunda em prol da construção da Política Nacional da Educação Museal - PNEM, consolidada em 2016 e publicada em 2018, a qual rege as ações educativas nos museus. Importante ressaltar que o documento foi construído de forma democrática, com vários debates e eventos realizados pelos próprios educadores museais em todo o território nacional, diferentemente da Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei nº 9394/1996), que teve uma construção hierárquica e imposta aos docentes, que não tiveram oportunidade de participar deste processo.

A PNEM ressalta a influência de Paulo Freire através de sua filosofia e metodologia da educação popular e este fator foi determinante para alicerçar o papel da educação nos museus, com vista a proporcionar uma formação crítica e emancipatória de sujeitos, através de processos educativos dialógicos. Cabe evidenciar, assim, a construção conceitual do campo corroborada por Costa:

A Educação Museal é uma peça no complexo funcionamento da educação geral dos indivíduos na sociedade. Seu foco não está em objetos ou acervos, mas na formação dos sujeitos em interação com os bens musealizados, com os profissionais dos museus e a experiência da visita. Mais do que para o “desenvolvimento de visitantes” ou para a “formação de público”, a Educação Museal atua para uma

formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la. (COSTA, 2018, p. 73).

Diante deste conceito, ressalta-se o foco da Educação Museal na relação e diálogo entre os sujeitos e os bens culturais. Para isto, é necessária a compreensão de que os bens culturais não são estáticos e que os objetos e imagens também se relacionam com as pessoas, afetando-as de múltiplas maneiras (CHAGAS, 2004, p. 145). É a partir desses apontamentos e reflexões, quando acessados e compreendidos pelos educadores, que os processos educativos de visitas de escolas aos museus acontecerão com maior liberdade para as aprendizagens e produções sensíveis, criativas, críticas e emancipatórias.

Partindo dessa premissa da possibilidade de liberdade nos espaços museais, Kastrup (2010) aponta sobre a percepção dos encantamentos e fatos surpreendentes existentes durante as visitas aos museus. De acordo com a autora, “nas visitas a museus podem ocorrer a busca pelos encontros, experiências e aprendizagens e não informações de um saber pronto para ser absorvido e consumido” (2010, p. 39). Nesse contexto, é importante trazer o conceito de experiência estética, que segundo a autora, “é o desenvolvimento clarificado e intensificado da experiência em geral [...] Ela existe frente à Arte, mas também emerge na vida cotidiana”. (DEWEY *apud* KASTRUP, 2010, p. 39). A experiência estética se distingue da experiência comum a partir dos olhares sensíveis e emotivos sobre os fenômenos vivenciados.

Considerando que as experiências educativas com as visitas ao patrimônio cultural, sobretudo nos espaços museais, podem e devem possibilitar uma experiência emocionante, ficando marcada na memória da vida escolar destes estudantes, vale trazer a definição de estética da mesma autora:

Podemos definir a experiência estética por algumas qualidades. [...] a primeira é tratar-se sempre de uma experiência marcante, que não se dissipa e que não é facilmente esquecida. A segunda é ser uma experiência que possui uma unidade, onde as partes constituintes são reunidas sem emendas ou vazios. Ainda que composta por partes sucessivas, estas são reunidas numa síntese. A terceira é que tal unidade inclui de modo indistinto as dimensões emocional, prática e intelectual, que só a posteriori podem ser separadas. A dimensão emocional responde pelo caráter de totalidade da experiência, sendo própria da dimensão prática a conexão do corpo com o mundo a sua volta e da dimensão intelectual dar finalmente seu significado. (KASTRUP, 2010, p. 39).

Quando se vai a um museu, seja ele de artes, de ciências, de história ou de qualquer outra tipologia, percebe-se que se trata de um lugar de provocações, problematizações, emoções, afetos e conflitos, pelos quais podem ser despertadas memórias, questionamentos, relacionamentos, momentos de lazer, novas aprendizagens e produções. E a escola deveria ser

também este espaço, só para provocar no leitor as interseções que podemos estabelecer entre ela e os museus, e as atividades já desenvolvidas em uns e outros.

Ferrera-Balanquet (2017, p. 449) destaca que a experiência pode ser de fato sentida quando se permite “elaborar ejercicios corporales que traduzcan los conceptos críticos en expresiones y gestos para sanar el cuerpo y el espíritu de la colonialidad”¹. Diante disso, é importante trazer a reflexão sobre o olhar de educadores, tanto das escolas quanto dos museus, que permita o desfrute de uma experiência mais sensitiva na qual os estudantes possam ter tempo para estarem de fato presentes e perceberem as diversas nuances, os cheiros, os toques, as cores, os sons e os silêncios que abarcam cada canto desses lugares de memória.

Todas estas concepções são trazidas com o intuito de criar estratégia para um fazer pedagógico diferente do modelo convencional, buscando assim por uma perspectiva outra, que seja capaz de conduzir a percepção dos sujeitos sobre a conexão na qual todos os seres estão envolvidos e através da qual se possa desconstruir os muros coloniais existentes nas instituições educativas modernas. “Este é um movimento subjetivo e sensível, que leva ao acolhimento das sensações, afetos, forças, intensidades, surpresas, perturbações e enigmas que forçam a pensar” (KASTRUP, 2010, p. 42) e, conseqüentemente, a criar.

Diante deste contexto, é fundamental trazer o diálogo entre as perspectivas patrimonial e decolonial que, sob o ponto de vista de Siqueira (2020), ocorre quando há comprometimento com a luta contra hegemônica, através de uma pedagogia subversiva, que esteja comprometida com o pensar a partir das diferenças culturais e dos povos oprimidos, reforçando o diálogo entre os sujeitos e, conseqüentemente, conferindo maior liberdade criativa para os fazeres educativos. E, para Walsh (2017), educação decolonial pode ser considerada da seguinte forma:

Son gritos que llaman, imploran y exigen un pensar-sentir-hacer-actuar, que claman por prácticas no solo de resistir sino también de in-surgir, prácticas como pedagogías-metodologías de creación, invención, configuración y co-construcción —del qué hacer y cómo hacer— de luchas, caminares y siembras dentro de las fisuras o grietas del sistema capitalista moderno/ colonial, antropocêntrico, racista, patriarcal.² (WALSH, 2017, p. 30)

¹ O trecho correspondente na tradução é: “elaboram exercícios corporais que traduzem conceitos críticos em expressões e gestos para curar o corpo e o espírito da colonialidade”.

² O trecho correspondente na tradução é: “São gritos que chamam, implorar e exigir um pensar-sentir-fazer-actuar, que clama por práticas não só de resistência, mas também de emergência, práticas como pedagogias-metodologias de criação, invenção, configuração e co-construção – do que fazer e como fazer– de lutas, passeios e semear dentro das fissuras ou fissuras do sistema capitalista-moderno/colonial-antropocentrico-racista-patriarcal.”

É importante pensar na descentralização do sujeito moderno, questionando a ideia de poder incutida em muitos dos bens culturais consagrados, que foram estabelecidos a partir de uma narrativa hegemônica. Há nesse contexto uma série de museus e monumentos com caráter conservador. Até mesmo o samba e o futebol, que apesar de possuírem um histórico delutas dos povos marginalizados, também possuem uma força conservadora, de cunho machista, misógino, racista e outros tantos preconceitos que acabam sendo naturalizados por estarem vinculados a símbolos culturais com grande representatividade para o país. Por isso a ideia de pensar na escola e no museu refletindo e interagindo entre si, a fim de propor ações educativas problematizadoras ao modelo colonial, utilizando-se do patrimônio e dos museus como campos de conflito.

Este é o parâmetro teórico que fundamenta esta pesquisa, baseada em uma atividade educativa que percorreu o patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão e seu entorno. Destaca-se, aqui, a reflexão sobre a possibilidade das visitas de escolas a museus, baseadas nas concepções apontadas, funcionarem como ações alternativas para transcender o modelo escolar colonial, que ainda se encontra tão arraigado no sistema educacional brasileiro.

1.2. A Relação entre as Instituições Escola e Museu

Diante da utilização do patrimônio cultural como perspectiva para uma educação que possa transcender o modelo escolar tradicional e conservador, é necessário observar as relações que se estabelecem entre a escola e o museu, que são as instituições responsáveis pelas atividades educativas que utilizam os bens culturais como referencial pedagógico. Essa relação pode se dar de diversas maneiras, o que será analisado a seguir.

A escola e o museu pertencem a instâncias oficiais diferentes e as legislações às quais estão submetidas possuem histórico, concepções e processo de construção também distintos. A escola foi construída numa concepção moderna e rígida, sendo atualmente regida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei nº 9.394/96, que, apesar de seus avanços, mantém uma estrutura enrijecida da instituição escolar. Conforme Gadotti (2005 *apud* Castro, 2015, p. 174), a escola “depende de uma diretriz educacional centralizada com estruturas burocráticas e hierárquicas, determinadas em nível nacional, fiscalizadas por órgãos do Ministério da Educação”. Possui uma grade curricular com disciplinas que obrigatoriamente devem ser executadas de maneira a cumprir com as determinações das diretrizes referentes aos diferentes

segmentos e etapas educacionais. Soares (2015) salienta que, apesar da legislação ampliar o olhar sobre a interação entre as diferentes formas de educação (formais, não formais e informais), mantém sua rigidez e dificulta ações educativas mais livres, como se extrai do trecho abaixo:

Ao bifurcar nas instituições, atravessadas por contradições e conflitos, não é difícil perceber os muros que ainda obstaculizam qualquer tipo de reciprocidade e entendimento dos processos educativos como um todo articulado da formação humana. (SOARES, 2015, p. 29)

Já as instituições patrimoniais e museais, dentro da esfera da Educação, são regidas por legislações do âmbito da cultura, que, diversamente da LDB, têm uma estrutura mais flexível. No campo da Educação Patrimonial, a Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016, estabelece diretrizes do IPHAN e das Casas do Patrimônio, em seu artigo 3º, conforme se vê:

Art. 3º São diretrizes da Educação Patrimonial:

- I - Incentivar a participação social na formulação, implementação e execução das ações educativas, de modo a estimular o protagonismo dos diferentes grupos sociais;
- II - Integrar as práticas educativas ao cotidiano, associando os bens culturais aos espaços devido das pessoas;
- III - valorizar o território como espaço educativo, passível de leituras e interpretações por meio de múltiplas estratégias educacionais;
- IV - Favorecer as relações de afetividade e estima inerentes à valorização e preservação do patrimônio cultural;
- V - Considerar que as práticas educativas e as políticas de preservação estão inseridas num campo de conflito e negociação entre diferentes segmentos, setores e grupos sociais;
- VI - Considerar a intersetorialidade das ações educativas, de modo a promover articulações das políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural com as de cultura, turismo, meio ambiente, educação, saúde, desenvolvimento urbano e outras áreas correlatas;
- VII - incentivar a associação das políticas de patrimônio cultural às ações de sustentabilidade local, regional e nacional;
- VIII - considerar patrimônio cultural como tema transversal e interdisciplinar.

No campo da Educação Museal, é a Política Nacional da Educação Museal - PNEM (IBRAM, 2018) que dita a regra de suas normas. O documento consta de uma apresentação descrita formalmente como:

Produto de um processo iniciado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2010. O documento resultante é representativo da interlocução entre museus de todo o país, com o protagonismo de seus educadores. Essa ampla construção coletiva gerou a constituição de parâmetros, no intuito de impulsionar a área museológica brasileira e contribuir com a reflexão no cenário internacional.

A PNEM vem desenvolver a Política Nacional de Museus no campo da educação, tendo como base os demais documentos orientadores do campo da cultura, contribuindo para a instituição de políticas públicas consolidadas e continuadas. O

resultado apresenta-se alinhado aos princípios adotados pelo Ibram, como o respeito à diversidade, a promoção da participação social e a valorização do relacionamento da sociedade com o patrimônio. (IBRAM, 2018, p. 7)

Por pertencerem ao âmbito da cultura, as concepções da Educação Patrimonial e Museal têm características mais flexíveis em relação à legislação do âmbito escolar, que se apresentam com padrão maior de rigidez, com regras impositivas a serem seguidas pelos docentes. A cultura, por sua vez, permite que as atividades educativas sejam elaboradas e executadas de forma mais livre. Por isso, tem-se que a relação entre as duas esferas educativas pode gerar às escolas abertura para outros caminhos de fazeres educativos.

Apesar das diferenças estruturais entre as legislações de escolas e museus, ou as atribuições educacionais de uma ou outra, faz-se necessário pontuar que educação e cultura não se separam, tampouco se adjetivam, numa perspectiva abrangente da educação. Para Valente (2018, p. 43), “tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do entrelaçamento da educação com a cultura”. As diversas formas de Educação são inerentes à existência humana, entrecruzando nos meios sociais de maneira organizada ou não, e estão presentes no ambiente familiar, nas comunidades, nas instituições religiosas, nos movimentos sociais, nas escolas e nos espaços culturais em geral.

Portanto, é através da troca e mediação entre educadores e educandos que se estabelecem os processos pedagógicos de construção, desconstrução e aquisição do conhecimento. Reforça Marino (2018) que:

Atualmente, parte das aprendizagens mais significativas estabelecidas pelos jovens ocorre fora dos muros institucionais, de modo informal e diverso, e será fecundo que a escola possa ser contaminada por essas práticas formativas. (MARINO, 2018, p. 25)

O autor defende como essencial a compreensão do ser humano como um ser integral, considerando que a construção do conhecimento ocorre quando ele é articulado a diversos valores éticos, estéticos, históricos, relacionais, culturais e emocionais. Sustenta, além disso, que a escola que se conhece hoje não vem desempenhando um papel que tenha como princípios tais valores, devido à sua demasiada urgência de transformar o conhecimento em conteúdos multidisciplinares fragmentados, estando presa à necessidade de atender às demandas mercadológicas.

Esta deve ser a tendência pedagógica presente em um sistema educacional que subsiste desde a Modernidade, desenvolvido através de uma lógica excludente, classificatória

e seletiva, sendo o acesso à escola e ao conhecimento somente para aqueles que se encontram dentro de um padrão comportamental aceito pela ordem vigente. Segundo Arroyo (2007, p. 789), “a cultura escolar opera tradicionalmente com parâmetros classificatórios dos educandos”, fator este que contribui para relações cada vez mais violentas nas instituições educacionais.

Assim como as escolas, os museus também foram constituídos seguindo concepções disciplinadoras e excludentes. Segundo Chagas (2002, p. 51), os museus do século XVIII e XIX, iniciaram seus planos museológicos com o mesmo caráter elitista. Isso é muito preocupante, pois até hoje muitos desses museus, sobretudo os mais tradicionais, permanecem com tais características, uma vez que se encontram dentro das mesmas estruturas. Sendo assim, há um risco de continuidade dessa seletividade de seu público, em razão de alguns aspectos que ainda se mantêm, como por exemplo, a suntuosidade arquitetônica, a organização das exposições sob uma narrativa hegemônica, a ótica da vigilância e do controle do tempo de visita, os quais contribuem para que muitos estudantes não se sintam pertencentes e acolhidos nos espaços museais, nem mesmo em relação ao direito de entrar e usufruir deles.

Dentre diversas características, algumas que marcam significativamente esse histórico dos museus são o interesse num determinado tipo de público - que já possui conhecimentos, saberes, comportamentos considerados “adequados” e linguagens específicas para adentrar e usufruir das exposições -, o controle de tempo e a vigilância muito presentes durante uma visita, podendo haver julgamentos e punições por parte dos docentes e demais educadores, sendo estas características resultado desse modelo de educação com caráter disciplinar.

Daí a necessidade de se pensar em escolas e museus que conduzam processos educativos de cunho mais democráticos, através de perspectivas pedagógicas que dialoguem com os jovens estudantes que se encontram hoje nas escolas. Assim como salienta Dayrell (2001), “compreender os jovens que chegam na escola é aprendê-los como sujeitos sócio culturais” (DAYRELL, 2001, p. 140). As diversas realidades dos cotidianos escolares se encontram cada vez mais permeadas por experiências de desgastes relacionais, sobretudo quando se trata de professor e estudante, o que contribui para que a escola continue não cumprindo com uma missão muito importante de acolhida dos sujeitos, que proporcione bem estar, expectativa de vida e dignidade.

Este contexto de desgaste dentro da comunidade escolar é bem ilustrado no documentário “Pro Dia Nascer Feliz”, de 2006, dirigido por João Jardim, sobre o qual o jornal

“Pensar a Educação em Pauta” tece profundas análises, conforme o trecho extraído de seu site:

O que podemos concluir brevemente, é que eles teriam mais interesse pela escola e pelo estudo se souberem que terão oportunidades de crescer. Se lhe fossem dadas todas as oportunidades eles poderiam ser melhores. Se tiverem acompanhamento adequado para resolver suas dúvidas e dificuldades na escola, eles se desenvolvem no ritmo desejado. E não basta somente ter oportunidades na educação, mas sim ter outros elementos importantes na vida social como um todo. (Em suma, eles conhecem que “precisam estudar para ser alguém na vida”. Muitos, também, possuem talentos que transcendem a escola. São alunos que poderiam servir muito bem a sociedade, mas os desperdiçamos por falta de atenção e cuidado, num lugar onde não tem seus conhecimentos e experiências valorizados). O que é evidente é que as escolas precisam mudar a sua estrutura. Precisam ser mais democráticas, horizontais e abertas, além de pertencentes ao século XXI, que é dinâmico. (COSTA, 2020.

Disponível em:

<<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/resenha-do-filme-pro-dia-nascer-feliz/>. Acesso em: 29 ago. 2022.)

Os elementos citados pelos autores são indicadores de que a escola necessita passar por uma transformação, pois as gerações atuais não entendem a linguagem deste modelo rígido e conservador. Porém, apesar de todas estas características negativas, é também um lugar que se tem como referência de experiências de afeto, tais como, as amizades, os amores, bem querer e demais relacionamentos. Dessa forma, os aspectos positivos deveriam ser considerados como ponte para os processos de ensino e aprendizagem. Assim como argumenta Arroyo (2007), os estudantes têm a escola como lugar de socialização, gostam de encontrar com os amigos e de momentos de lazer, porém não se sentem seguros quanto a uma base para seu bem estar social e acabam ficando sem expectativas de vida digna, muitas vezes evadindo-se da escola e procurando em outras instituições, sobretudo no mercado de trabalho, a garantia de um futuro melhor.

Diante disso, esta pesquisa visa refletir sobre o olhar docente que permita o desfrute de uma experiência educativa mais livre e sensível, não só na escola, mas também na interação com os museus e centros culturais, acreditando que esse olhar sensível é o que possibilita a criticidade, a criatividade, a subjetividade e, conseqüentemente, o estranhamento e o questionamento sobre a estrutura vigente e o empoderamento dos sujeitos.

Pensando nessas interações entre os diferentes espaços educativos, o pesquisador Antonio Tonucci (2020) apresenta oralmente, em entrevista concedida à Secretaria de Educação de Bogotá, sobre a importância da escola usar o território do seu entorno como espaço para construção de conhecimento, sobretudo quando estes são amplos, sem muros,

ecológicos e que promovam sensações de abundância. Isso pode contribuir para um processo educativo mais libertador e transformador. As ações educativas, quando ocorrem em diferentes instâncias, funcionam como experiências capazes de aguçar sensações de bem estar para os estudantes e docentes, melhorando as relações entre ambos e despertando para relacionamentos saudáveis e felizes, além de possibilitar a construção de conhecimentos inter e transdisciplinares, como afirmado por Tonucci (2020): “Experiências que despertem sensações de bem estar e felicidade são fundamentais para a vida dos professores e conseqüentemente irá interferir no relacionamento professor - aluno” (TONUCCI, 2020).

Dentre esses lugares que educam, encontram-se em evidência os espaços museais, os quais contam com setores educativos que planejam e desenvolvem atividades para o público escolar. Muitos desses museus possuem áreas internas e externas amplas, com belos jardins, paisagens de grandes belezas cênicas, que provocam sensações e despertam comportamentos corporais mais livres.

Neste ponto, existe uma real contradição e conflito entre a estrutura de museus mais tradicionais e a Educação Museal, que, como já se viu, tem como característica e objetivo o protagonismo dos sujeitos, através de práticas com maior liberdade e diálogo. Porém, é possível usufruir destes museus de forma libertária e criativa, mesmo com suas limitações, dependendo do olhar dos educadores envolvidos. Há museus, por exemplo, que delimitam uma distância entre os sujeitos e os objetos, têm controles de visitação interna, rigidez de percurso, porém possuem áreas externas que podem servir de espaço para que os estudantes se permitam agir de forma mais livre, sensível e criativa e se apropriem deste patrimônio.

Para Freire, é fundamental que educadores se utilizem de métodos pedagógicos que sejam capazes de levar o educando a refletir sobre o que está sendo ensinado, sobretudo sobre o seu próprio processo histórico social. Ele afirma que “uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil” (FREIRE, 1998, p. 35). Não se trata de subverter todas as normas e regras existentes nos espaços museais, mas questioná-las e buscar possibilidades para quebrar alguns paradigmas conservadores e considerar as peculiaridades das visitas a esses espaços pelo público escolar.

Dentro de uma concepção democrática de educação, é importante pensar sobre uma prática docente com metodologias provocativas e aguçadas de sentimentos e sentidos. Cabe a colocação de Freire (1988):

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 1998, p. 35)

Parte daí a importância de refletir sobre a necessidade de se buscar um olhar outro quando se entra em museus, sobretudo naqueles que ainda se mantêm numa ótica conservadora.

É fato que quando se pensa na escola não há dúvida quanto à sua dimensão educativa, mas quanto aos museus, a princípio, são associados à aquisição, guarda, conservação e preservação do patrimônio cultural material e imaterial da humanidade. Porém, segundo Valente (2009, p. 88), “à medida que o museu cumpre suas funções elementares de conservar e mostrar um patrimônio tangível ou intangível ele já está gerando efeitos educativos”. Nesse sentido, a dimensão educativa está implícita nas suas funções elementares e podem ser potencializadas à medida que se organizam sistematicamente em setores educativos. Assim como afirma Castro (2015, p. 173), “a maior parte dos museus possui setores educativos com uma pedagogia sistematizada, contendo planejamento, metodologia, registro e avaliação de suas ações”. Dessa maneira, passam a possuir suas funções tipicamente educativas, tendo como princípio a formação integral dos sujeitos.

1.3. Os Setores Educativos dos Museus e a Educação Museal

O primeiro setor educativo de um museu brasileiro foi implementado no Museu Nacional, em 1927, pelo diretor da instituição à época, Edgard Roquete Pinto, através do Setor de Assistência ao Ensino (SAE). De acordo com Costa (2018), o diretor, em seu discurso de inauguração, definiu o museu como “escola que ensina a todos, escola que ensinam todos. Museu deve ser antes de tudo casa de ensino, casa de educação”. Assim, Roquete Pinto revelou seu reconhecimento do papel educativo da instituição, influenciado pelos museus estadunidenses, que em sua maioria carregam esse mesmo prisma (COSTA, 2018, p. 52).

Ainda conforme Costa (2018), outra intelectual que contribuiu com a educação em museus foi Bertha Lutz, também funcionária do Museu Nacional, que se debruçou em pesquisas na área de Educação Museal, na década de 1930, refletindo e questionando os

processos didáticos dos museus, que se limitavam à sua escolarização. Também pautada em experiências nos museus estadunidenses, aprofundou-se em temas mais amplos, tais como material didático, democratização cultural, visitas escolares, ações extramuros, atividades voltadas para pessoas com deficiência e para crianças pequenas, estudos de público, além de questões de gênero, arquitetura de museus, propaganda e divulgação, dentre outros.

Vale ressaltar que o Serviço de Assistência ao Ensino sofreu diversas interferências ao longo de seu processo histórico e atualmente encontra-se em funcionamento, embasado pela

Política Nacional da Educação Museal, primando por uma formação crítica e integral dos sujeitos, de maneira que atuem na sociedade com uma consciência libertária e transformadora.

A compreensão da Educação Museal é extremamente importante para a educação em sua concepção mais ampla, justamente por pretender a formação integral dos sujeitos. Neste sentido, o museu e a escola poderiam e deveriam estar mais próximos, visto que o primeiro atua, através da Educação Museal, predominantemente, na construção e planejamento de ações pedagógicas voltadas para o público escolar. No entanto, a realidade demonstra que as duas instituições ainda são distantes em seus fazeres pedagógicos, pois a construção e elaboração das atividades não são feitas de forma conjunta, havendo um hiato entre suas ações, correndo-se o risco de não serem plenamente aproveitadas.

Como a intenção da pesquisa é direcionar o olhar para a relação existente entre a escola e o museu, parte-se do pressuposto de que as visitas a museus são ações pedagógicas que possibilitam a interação entre os docentes da escola e os educadores museais, contribuindo assim como perspectiva educativa criativa e inovadora, a fim de buscar um olhar crítico e reflexivo dos educadores e de seus estudantes sobre o mundo. Segundo Freire (1987, p. 70), “enquanto a prática bancária implica uma espécie de anestesia, inibindo o poder criador dos educandos, a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade.” Por conseguinte, é importante pensar nesses sujeitos conscientes de sua historicidade, que se reconhecem no passado e se relacionam com o mundo de maneira ativa, com capacidade de interferir na realidade e modificá-la.

É possível perceber na Educação Museal a intencionalidade de romper com a disciplinaridade como domínio de poder, típica do modelo tradicional de ensino. Segundo Lopes (1991), tanto a escola quanto os museus precisam compreender a visita das escolas como uma atividade com capacidade para transcender a tentativa de atender aos conteúdos disciplinares da escola, assim como exime do museu a responsabilidade de ser uma sala de

aula ou um complemento da escola e, em consequência disso, busca pela desobediência das lógicas coloniais dominantes no modelo tradicional de ensino brasileiro.

Uma forma de maior aproximação entre as instituições é a interação dialógica entre os educadores das duas instâncias, tanto na sua formação, quanto no planejamento das ações educativas. Para tanto, é necessário que o professor conheça o campo museal e patrimonial, bem como que o educador museal conheça o universo escolar, para que ambos compreendam as necessidades dos estudantes, os objetivos e propostas de cada instituição e, nesse sentido, estabeleçam relações significativas para os processos educativos.

Dito isto, é fundamental compreender que a relação entre a escola e o museu ocorre em duas situações: quando o museu leva o seu acervo e metodologia próprios até a escola e quando a escola sai de seu ambiente tradicional para o espaço museal. No primeiro caso, é relevante trazer como referência as ocasiões em que os museus propõem a itinerância de seus projetos, destacando assim a preocupação em tornar os objetos museais mais acessíveis, por exemplo, através de empréstimos das obras a instituições educacionais, sobretudo aquelas que se localizam afastadas dos grandes centros urbanos (SOARES, 2016, p. 143). E na segunda situação, quando a escola vai até o ambiente do museu e o docente se apropria de bens culturais museais para seu fazer pedagógico, ele se encontra numa relação que pode se estabelecer de diferentes maneiras.

Cabe indagar como isso acontece? Quais são as perspectivas que os docentes se pautam para atuar numa atividade como essa? Quais os recursos de que ele pode se apropriar para trazer significado para a sua prática docente? É necessário dar uma aula convencional quando se vai ao museu com os estudantes? São perguntas reflexivas que se pretende retomar através ou durante os relatos dos estudos de campo nos próximos capítulos desta dissertação.

Para Marandino (2008, p. 24; p. 26), “um dos públicos mais significativos nas visitas aos museus, em todo o mundo, é o escolar, seja pela quantidade, seja pelas ações organizadas para atendê-lo”. Essa pesquisa visa refletir sobre a importância que a escola tem como parte no processo de elaboração de atividades de visitas a museus e espaços culturais, promovendo o acesso de estudantes aos mesmos, tendo como referencial mais as ações em si do que o quantitativo de visitas.

A visão de interação entre docentes e educadores museais é de diálogo, de maneira que não haja subordinação entre as instituições. A ideia é se utilizar do patrimônio cultural como construção social, sob uma perspectiva crítica, tendo os sujeitos como protagonistas dos processos educativos, sobretudo quando realizam visitas a museus.

Carvalho (2016) aponta que as visitas a museus são fundamentais para a aproximação entre os educadores museais e professores. Há inúmeras discussões sobre essa questão, mas as pesquisas apontam algumas lacunas acerca do processo de visitação. Como afirma Soares (2015), é necessário que se continue a refletir sobre essa relação, pois é preciso romper barreiras hegemônicas presentes nas políticas públicas das duas instâncias educacionais. Contudo, isso ainda é muito distante na prática, pois ainda há muito a ser realizado até que escola e museu se visitem com intercompreensão dos papéis e funções de cada um no cotidiano dos alunos e na elaboração das atividades pedagógicas.

Na maioria dos casos, verifica-se que, no planejamento e execução dessas atividades pela escola, ainda falta muito a conhecer sobre a Educação Museal. Há docentes que conhecem os setores educativos dos museus, agendam visitas através desse contato, porém as questões burocráticas sobressaem em relação à reflexão pedagógica para a realização da atividade. Vale ressaltar que isso ocorre por parte das duas instituições, ou seja, a preocupação é quase sempre com a administração dos trâmites burocráticos para que a escola consiga realizar a visita e para que o museu receba o público escolar.

Existe ainda outro contexto, quando o docente entra em contato com o setor educativo do museu e este se preocupa em oferecer um evento preparatório, que normalmente é um encontro entre os professores e os educadores museais. Neste caso, percebe-se uma aproximação na relação, porém o foco desse encontro ainda fica muito direcionado para a visita em si, deixando uma lacuna nas reflexões pedagógicas de um processo educativo de tamanha potencialidade. Verifica-se que o professor quase sempre participa como um visitante que acompanha o grupo de estudantes, com a preocupação muito mais voltada para o controle e cuidado dos estudantes e com as questões burocráticas.

Cabe ressaltar que, de acordo com Lopes (2019), há um distanciamento entre os docentes e os educadores museais durante as visitas mediadas e constata-se que tal fato ocorre, em grande parte, em razão de dois fatores: porque muitos professores não possuem o hábito de frequentar museus, o que os leva a um estranhamento e passividade durante as propostas pedagógicas oferecidas pelo museu; e porque existe uma hierarquia por parte do museu, fazendo com que os professores não se sintam muito confortáveis para interagir em conjunto durante a mediação.

Tem-se, assim, que a relação entre a escola e o museu ainda está distante de alcançar suas melhores possibilidades e experiências, porém a interação entre ambos é uma potencialidade para a educação, no sentido de formação integral dos sujeitos. As críticas e

pesquisas nesta seara visam, portanto, aproximar as duas instituições, o que, a partir desta pesquisa, evidenciou-se ser possível, como será observado no decorrer das análises.

1.4. O Acesso de Estudantes ao Patrimônio Cultural Brasileiro pela Escola e Museu

Partindo dos pressupostos de que visitar museus é um direito do sujeito e de que estudantes terem acesso aos bens culturais é significativamente relevante para seu processo formativo, Candau e Sacavino (2013), ao abordarem a educação como um direito social, sinalizam sobre a importância dela não ficar somente restrita à escolarização, sendo portanto imprescindível se pensar na relação entre as instituições educativas, para uma educação que transforme a realidade dos processos formativos, sendo eles escolares ou não.

Passa-se, então, à discussão e reflexão sobre o direito de acesso de estudantes, sobretudo das escolas públicas, ao patrimônio cultural, sendo a escola e os museus instituições promotoras desse direito, através das atividades de visitação a museus e demais espaços culturais. Nesse sentido, é importante refletir sobre a relação entre escola e museu também como promotora de acesso de estudantes a bens culturais, sobretudo das escolas públicas aos espaços museais. Segundo Cazelli (2005), os jovens de classes desfavorecidas, na maioria das vezes, só têm acesso a museus quando levados pela escola.

É notório que a visitação de que se fala se trata de uma atividade extramuros escolares e que, de certa forma, demanda um planejamento diferenciado daquele que ocorre dentro de uma sala de aula. E, possivelmente, no decorrer do processo, poderão ocorrer desafios a serem traçados pelos docentes responsáveis pela visita, que são inúmeros, destacando-se dois exemplos que serão analisados a seguir, a burocracia no planejamento das visitas escolares a museus e as especificidades do público escolar no processo de visitação.

Considera-se que a visita é um processo que começa com a ideia de levar estudantes a um museu e que isso pode partir de diferentes frentes, citando como exemplos, o currículo escolar, um projeto exclusivo do docente ou o convite do museu à escola para uma visita. Sendo assim, pressupõe-se que os professores que se colocam disponíveis para a atividade precisam iniciar um planejamento diferenciado, o qual requer perspectivas pedagógicas que auxiliem a fazer dessa atividade algo que seja relevante para a formação dos estudantes, assim como para a sua própria formação. É fundamental que os docentes levem ao

conhecimento dos estudantes a pretensão de realizar a atividade para juntos discutirem e refletirem sobre a proposta e, a partir daí, entrarem em contato com o museu para que se inicie a relação entre os educadores das duas instituições.

Porém, vale ressaltar que, no meio desse trâmite, há uma burocracia à qual os professores ficam submetidos no planejamento das visitas, como, por exemplo, a logística de transporte dos estudantes, as autorizações dos responsáveis legais para os alunos saírem da escola, a liberação dos professores de outras disciplinas para que os estudantes possam sair para a visita, entre outros. Por vezes, essa burocracia pode acarretar até na desmotivação do professor em realizar a visita, em razão do desgaste e da falta de tempo para reflexão pedagógica entre os educadores das duas instituições.

Almeida (1997, p. 52) argumenta que, quando se inicia um planejamento de visita a museu com estudantes, são notórias as dificuldades encontradas para que esse processo educativo aconteça, “pois há um distanciamento entre as perspectivas que os docentes e educadores museais propõem e o que realmente ocorre no desenrolar das visitas.” Nesse processo, o docente quase sempre acaba mais sobrecarregado frente às demandas burocráticas das duas instituições. Com isso, é preciso discutir sobre as referidas dificuldades enfrentadas pelos professores que propõem essas atividades.

Nesta próxima reflexão, sugere-se minimizar as questões burocráticas para os professores, buscando retirá-las de sua responsabilidade, pois a maior necessidade é que eles estejam engajados com as questões e reflexões pedagógicas e as ações desenvolvidas coletivamente com os educadores museais. A maior ênfase deve ser dada ao processo pedagógico e não à resolução de problemas burocráticos. Sendo assim, o que se espera é que a escola disponibilize um outro profissional que se atenha aos trâmites burocráticos e permita aos docentes e aos educadores museais a organização de um processo educativo reflexivo, dialógico, crítico, libertador e emancipador, como se fundamenta a Educação Museal.

Quando se pensa em educação através do patrimônio e da memória cultural, requer-se a compreensão sobre as sensibilidades, subjetividades, o tempo e o olhar de cada estudante. É imprescindível a percepção dos docentes sobre os diversos públicos que visitam os museus - levando em consideração o público escolar do qual se trata este estudo -, que possuem expectativas distintas, pois de acordo com as diferenças inerentes aos sujeitos e a determinados grupos de sujeitos, cada um tem necessidades específicas para experienciar, significar e ressignificar os espaços museais e patrimoniais. Por exemplo, um grupo de estudantes de escola básica têm particularidades em relação a estudantes de uma universidade.

Para Carvalho e Lopes (2016, p. 917), através de estudos sobre o público infantil nos museus, chama-se a atenção para a curiosidade das crianças ao entrarem em contato com os objetos culturais expostos em galerias, aguçando a vontade de brincar e inventar coisas a partir do que estão vendo e de experimentar e conhecer as coisas do mundo. Importante destaque que as autoras apresentam sobre a infância é o interesse nessa fase da vida por colecionar as coisas do mundo como forma de valorização da cultura material.

Essa capacidade criativa inerente das crianças é que as fazem tão questionadoras das coisas que estão conhecendo. Se o interesse neste acesso dos museus pela escola já é deficitário, imagina-se as diversas capacidades e habilidades que proporcionarão aos alunos para dar conta da visita de forma integral. E também faz-se necessário considerar as pesquisas sobre a inclusão dos estudantes com deficiência que visitam os museus. Como se pensa na acessibilidade e nos recursos específicos, para que se favoreça o desfrute dos espaços museais de maneira equitativa?

Na Política Nacional da Educação Museal - PNEM (2016), através do estudo realizado por Portella (2016), é apresentado o termo “acessibilidade plena” para dar conta da abrangência dessa temática. A pesquisa realizada pela autora aponta que não basta apontar os caminhos para garantir os recursos físicos, considerados numa vertente espacial e comunicacional. É necessário ir além disso e promover nesses lugares uma organização que leve em consideração os aspectos emocionais, intelectuais e afetivos, de forma que as pessoas com deficiência possam usufruir plenamente de tudo o que é oferecido. Ainda reforça a autora que:

É imprescindível, quando se busca a organização de espaços que atendam às necessidades dos usuários, que se pense em projetos e conceitos que falem de segurança, respeito e plena fruição para todos. Todos os cidadãos têm o direito de ir e vir, inclusive aqueles que possuem deficiências permanentes ou ocasionais. Cadeirantes, deficientes auditivos ou visuais, gestantes e idosos precisam transitar e acessar todos os espaços da cidade, prédios públicos e institucionais, usar sanitários, telefones, sem que isso lhes cause dificuldades e constrangimentos. (PORTELLA, 2016, p. 59)

Trazer essa discussão é sempre fundamental para qualquer estudo que tenha o público como referencial. Portanto, é necessário que, em todos os processos de planejamento e desenvolvimento de visitas a museus, haja maior engajamento entre a escola e o museu, visando a inviabilidade de qualquer tipo de exclusão ou discriminação que possa vir a ocorrer

com os estudantes portadores de deficiência e que todos possam desfrutar e usufruir de maneira equitativa dos espaços e produções culturais.

Importante ressaltar que, quando se trata especificamente das pessoas com algum tipo de deficiência, não se pretende separá-las dos outros grupos dos quais fazem parte. Especificam-se suas necessidades não para discriminar, mas sim para garantir as condições para que possam usufruir do patrimônio junto com todos os outros indivíduos do público no qual se inserem, como, por exemplo, o público escolar.

Passando aos adolescentes, vale trazer algumas das experiências desta professora pesquisadora com os seus alunos, nas diversas visitas já realizadas na escola em que atua. É possível perceber nos estudantes adolescentes a curiosidade durante a exploração do espaço, na relação com os objetos, no despertar de suas memórias coletivas e individuais, aguçando as percepções de fatos inerentes às suas histórias. Por isso, muitas vezes em que interagem com os objetos culturais, recordam-se de fatos do passado, mas que continuam vivos nas suas memórias atuais.

A partir disso, há a necessidade de se pensar nas subjetividades, no tempo que cada um necessita para desfrutar das exposições e demais espaços, assim como as suas produções a partir da experiência com a visita. Algo que se pode considerar relevante é a motivação e alegria dos estudantes para sair da escola e conhecer os museus e espaços culturais. As razões são inúmeras, a começar por ser algo diferenciado da rotina cotidiana escolar, andar por outros caminhos, utilizar transportes diferentes do habitual, tudo isso feito junto dos colegas da escola, o que é algo que gera prazer. É possível perceber que, antes de saírem para uma visita, os alunos se arrumam, se enfeitam, usam maquiagens e penteados diferentes e costumam dizer que se arrumam para as sessões de fotos que irão tirar para publicar nas redes sociais e para guardar como memória de um momento tão especial de sua história. Considera-se que esse momento mereça total apreciação por parte dos educadores, pois é perceptível o contentamento dos estudantes com a atividade, podendo contribuir para que se sintam motivados a repetir a experiência e até mesmo proporcioná-la a outras pessoas do seu convívio, criando o hábito de visitar museus e outros espaços culturais.

No caso de visitas a museus virtuais, não acontece a saída física dos estudantes e professores e também não há o contato físico dos estudantes com os educadores museais, porém, da mesma forma, é fundamental analisar que educadores da escola e do museu pensem na organização das exposições e galerias para receber o público escolar, esperando que a visita aconteça a partir do mesmo olhar sensível que se propõe quando vai a um museu

físico. Por isso, essa proposta de atividade requer um preparo anterior à visita, a fim de abordar sobre a diferença entre visitar o museu físico e o virtual e conversar com os estudantes sobre a importância do olhar sensível para realizar a atividade.

Dentre os vários problemas a serem enfrentados para a prática de visitação escolar a museus, também encontra-se a necessidade de transcender as perspectivas pedagógicas tradicionais, de modo a efetivamente possibilitar o acesso dos estudantes ao patrimônio cultural, e no contexto da pandemia, a educação, de modo geral, sofreu diversos desafios que levaram a um processo de mudanças, como a necessidade do uso de tecnologias.

1.5. O Acesso ao Patrimônio Cultural pelos Estudantes e a Necessidade de Transcender o Modelo Tradicional de Educação

Quando se fala em acesso, não se trata da simples presença física do estudante no espaço museal, é preciso criar possibilidades para que ele se aproprie deste lugar e de tudo o que tem dentro dele, sentindo-se sujeito e protagonista do processo educativo de visitação. É comum que estudantes que não têm o costume de visitar museus, como acontece com a maioria do universo da escola pública, vejam estes espaços como tediosos, em razão das normas, da organização das exposições, da obrigatoriedade de se seguir um roteiro único, da impossibilidade de movimentos corporais autênticos, do tempo de visitação, entre outros. Por isso, é necessário uma outra concepção pedagógica, que supere esta rigidez tradicional e seja, por isto, revolucionária.

As visitas a museus são consideradas aqui como possibilidades para transformar o olhar sobre os processos educativos, ou seja, buscar caminhos para uma pedagogia outra, para algo que possa transcender o ensino que já vem sendo aplicado nas escolas, através das concepções pedagógicas tradicionais. Espera-se que a atividade de visitação a museus seja uma possibilidade ou um caminho para romper com os muros que limitam os fazeres pedagógicos das instituições educacionais. Nesse sentido, evocamos mais um dos pensamentos de Freire (1998) que nos fomenta nesta pesquisa:

O necessário é que embora subordinado à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o imuniza contra o poder apassivador do bancarismo. (FREIRE, 1998, p. 28)

Para o autor, “ensinar exige criticidade” (FREIRE, 1998, p. 34). Percebe-se através do pensamento de Freire que a questão estrutural, em que as concepções pedagógicas tradicionais foram constituídas, é um desafio que se enfrenta no cotidiano da educação e que requer uma constante busca no sentido de transcender subversivamente para uma formação integral com vistas a valorizar as subjetividades.

Uma das educadoras inspiradas pelos princípios freirianos, hooks (2013, p. 10; 11) destaca que “o ato de estudar e cuidar do intelecto é uma ação contra hegemônica.” A autora aponta sobre a escola em que estudou com alegria e otimismo. Conta que suas professoras eram mulheres negras, com o compromisso com uma pedagogia revolucionária para a formação de sujeitos pensadores que resistam a qualquer estratégia colonizadora. Para a autora, a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo e nunca de tédio e, caso o tédio prevaleça, é necessária a utilização de estratégias pedagógicas que alterem essa atmosfera até mesmo a perturbem, subvertendo-a. No mesmo sentido devem ser pensados os espaços museais, quando utilizados para práticas educativas.

Por conseguinte, é fundamental pensar na escola percorrendo por outros caminhos através de perspectivas pedagógicas criativas e motivadoras. Segundo Freire, “uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil” (1998, p. 35). Para o autor, é fundamental que educadores se utilizem de métodos pedagógicos que sejam capazes de levar o educando a refletir sobre o que está sendo ensinado, sobretudo sobre o seu próprio processo histórico e social. Neste contexto, mesmo que o museu a ser visitado seja rígido e tradicional, é possível aos educadores olharem e utilizarem o espaço de forma mais libertária em suas atividades de visitação, propiciando a reflexão crítica dos estudantes.

Diante do exposto no desenvolvimento deste capítulo até agora, os educadores museais e professores precisam elaborar projetos que respeitem as particularidades do público escolar, inclusive a sua hesitação em frequentar os museus e buscar desconstruí-la de forma libertadora e não impositiva. Um exemplo de como isso pode ser feito é sugerir a estes estudantes que frequentem, inicialmente, o espaço externo dos museus, sem a obrigatoriedade de seguir um roteiro específico, visando a sua apropriação e desfrute. A partir do momento em que eles se sintam confortáveis, a visitação interna pode ser mais proveitosa e prazerosa.

Quando isto acontece, através de uma prática pedagógica libertadora, o estudante é protagonista do processo educativo e consegue, a partir daí, aproveitar profundamente o

patrimônio cultural, identificando-se com ele, associando-o às suas memórias, levando o conhecimento para fora da escola, em seus diferentes âmbitos sociais, e se transformando enquanto sujeito social.

Para que de fato seja realizado o acesso dos estudantes aos museus, essas barreiras precisam ser de conhecimento tanto dos educadores museais quanto dos professores e isto só será possível a partir de uma relação efetiva entre os profissionais das duas instituições, tendo-se como prioridade os estudantes. Assim, as discussões, estudos e reflexões da Educação Museal devem integrar também os professores.

Foi a partir deste olhar para a educação, através de processos educativos em que houve a aproximação entre a escola e o museu, que esta pesquisa acompanhou e analisou as visitas a museus pelos estudantes e as suas produções sobre o patrimônio cultural visitado, que demonstram que de fato estiveram em um lugar de protagonistas e, portanto, apropriaram-se dos bens culturais e compreenderam-se como sujeitos históricos.

2. O MUSEU RIO MEMÓRIAS E A ESCOLA TÉCNICA ADOLPHO BLOCH: EXPERIÊNCIA DE DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E MUSEU

A problemática da pesquisa, como já afirmado, visa a análise da relação entre as instituições escola e museu e entre os profissionais da educação de ambas as instituições, que planejam as atividades de visitação escolar aos museus e de atividades afins. Para tanto, apresenta-se como metodologia a investigação da parceria entre a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch e o Museu Rio Memórias, a fim de gerar dados e análises que possam subsidiar o estudo destas relações de forma mais ampla.

2.1. Quem são o Museu Rio Memórias e a Escola Técnica Adolpho Bloch

O Rio Memórias é um museu virtual e sua estrutura se encontra no endereço eletrônico: <https://riomemorias.com.br>. Ele se propõe a elaborar, valorizar e divulgar a história do Rio de Janeiro, numa perspectiva tecnológica, com o seu acervo digital criado especialmente para o museu, a partir de narrativas textuais, orais e audiovisuais sobre as memórias de histórias de lugares e personalidades da cidade. O museu tem como idealizadora a atual diretora Livia Brandão e o conteúdo fica a cargo de uma equipe de pesquisadores, editores de textos, produtores de podcasts, desenhistas, historiadores, produtores de áudio e vídeo, sob a coordenação de Antonio Edmilson Martins Rodrigues (PUC Rio) e Heloisa Starling (UFMG – Projeto República).

A organização virtual do museu conta com links que dão fácil acesso, por celular, computador ou eletrônicos afins, a doze galerias: “Rio desaparecido”, “Rio de sons”, “Rio de conflitos”, “Rio em movimento”, “Rio cidade em transformação”, Rio cidade febril”, “Rio cinético”, “Rio dos estudantes”, “Rio literário”, “Rio na Independência”, “Rio religioso”, “Rio cultural”. Há também os links “Linha do tempo”, onde se pode conhecer os fatos em ordem cronológica, e “Podcasts”, com histórias da cidade para ouvir, ampliando o alcance do conteúdo do museu virtual.

De acordo com o Estatuto Social da Associação Rio Memórias (2020), este museu é uma organização sem fins lucrativos que tem como missão a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, mediante a difusão da história e cultura da cidade, bem como a promoção de projetos e atividades relacionados à educação. Tem como

objetivo mostrar a história do Rio, de maneira mais acessível, para que um maior número de pessoas possa usufruir do espaço; construir novas narrativas, apresentando o conteúdo através de memórias que se encontram silenciadas e até mesmo apagadas; provocar os jovens a se inserirem no processo de transformação da cidade; criar uma coletividade colaborativa de construção da história do Rio; promover uma mudança de atitude em relação ao patrimônio cultural do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que, em razão do edital de fundação do museu determinar que o lançamento do site deveria ser realizado em uma escola pública, a inauguração ocorreu na Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, no ano de 2019, com a participação de profissionais do museu, docentes e estudantes da escola.

A Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, localizada na rua Bartolomeu de Gusmão, no bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, é mantida pela Fundação de Apoio a Escola Técnica - FAETEC e está inserida junto a um conjunto de patrimônio cultural capaz de aflorar memórias, afetos e subjetividades para quem circula pelo bairro, citando como exemplo, o Museu Nacional e a Quinta da Boa Vista, locais de referência para a comunidade escolar. De acordo com pesquisa sobre esta escola, realizada por estudantes em 2021 e expostos na Galeria Rio dos Estudantes do Museu Rio Memórias, a ETEAB:

Possui memórias e patrimônios que abrangem e enriquecem, de forma importante, o bairro de São Cristóvão, e seu nome faz uma homenagem a Adolpho Bloch que foi um dos mais importantes empresários da imprensa e televisão brasileira. Além de fundador do grupo de mídia que levava seu sobrenome (Bloch Editores), também foi criador da revista semanal Manchete, em 1952. Anos depois, em 1983 fundou a Rede Manchete, que hoje está extinta. (J.P. *et al* MUSEU RIO MEMÓRIAS, GALERIA RIO DOS ESTUDANTES, 2021)

No dia 10 de agosto de 1998 a ETEAB abriu suas portas aos alunos homenageando Adolpho Bloch, um dos mais importantes empresários da imprensa e da televisão brasileira. Antes de se tornar uma escola, o lugar era um centro de produção para a TV educativa do governo do estado (foi ocupado por Darcy Ribeiro no governo Leonel Brizola). Diferente de outras instituições mantidas pela FAETEC, a ETEAB foi construída “do zero”, sem antes fazer parte da estrutura da Secretaria de Estado de Educação. A instituição foi fundada com uma metodologia diferenciada, projetos e melhores dinâmicas entre alunos e professores, trazendo um olhar visionário e esperançoso sobre o futuro. Em pouco tempo a escola se tornou uma das mais procuradas da cidade, dando maior valor não somente ao ensino, mas ao bairro em que se encontra, com seus eventos abertos ao público e projetos que se destacam nos mais diversos cenários educacionais: Agências Modelo, o NEO (Núcleo de ensino de Línguas), o Cine Clube De Olho na Cena e o banco de imagens Darcy Ribeiro, que possui um acervo de mais de 4.500 fitas e imagens para pesquisas. (J.P. *et al* GALERIA RIO DOS ESTUDANTES MUSEU RIO MEMÓRIAS, 2021)

Conhecida como ETEAB por toda a comunidade escolar, é uma escola técnica integrada ao Ensino Médio. O texto base do Ministério da Educação traz um histórico do

processo político de construção da educação regular integrada à técnica e apresenta o Decreto no. 5.154/04 como a possibilidade de integrar o Ensino Médio à educação profissional técnica de nível médio, numa perspectiva que não se confunde totalmente com a educação tecnológica ou politécnica, mas que aponta em sua direção porque contém os princípios de sua construção (MOURA; GARCIA; RAMOS, 2007, p. 24).

A escola, que possui um viés educativo para a Comunicação e Economia Criativa, tem uma história bastante representativa para o Rio de Janeiro, assim como para todo o contexto educacional brasileiro. Sua estrutura física é acolhedora, com amplo espaço externo, rodeada por muitas espécies de árvores e jardins, um pátio com quadra de esportes, campo de futebol e espaços culturais, citando como exemplo a Cisterna Cultural, espaço apreciado pelos estudantes, utilizado para diversas ações educativas, tais como eventos, atividades artísticas, festividades e lazer.

Enquanto a área externa possui um espaço mais amplo e livre, a estrutura física interna conta com um prédio de seis andares, com seus corredores e salas de aula distribuídos de maneira tradicional. A arquitetura é também um programa que serve de discurso, que transmite estímulos de valores para impor disciplina, vigilância, ordem e controle de pessoas, sendo, portanto, um elemento significativo do currículo escolar. Segundo Escolano (2001, p. 27), “os espaços educativos são dotados de significados que transmitem estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo que impõe suas leis como organizações disciplinares”. É possível perceber que, apesar da amplitude do pátio com jardins e espaços culturais, a estrutura pedagógica da escola funciona dentro de padrões do ensino convencional tradicional, colonial e opressor, tais como, rigidez de horários de aulas, ensino conteudista, a sineta indicando o tempo, a organização com as filas, rigidez com uso uniforme, forma de comunicação opressora e hierárquica, dentre outros.

Atualmente, a escola oferece os cursos de Administração de Empresas, Dança, Eventos, Guia de Turismo, Hospedagem, Produção de Áudio e Vídeo e Publicidade, todos integrados ao Ensino Médio. Assim, muito embora a escola se enquadre numa estrutura tradicional, a maioria dos cursos é voltada para as áreas da comunicação, arte e economia criativa, que traz características e peculiaridades simbólicas de ações educativas mais libertárias. Há projetos que movimentam o cotidiano da escola, como as aulas de dança, expressão corporal, teatro, música, produção cultural, áudio e vídeo, projetos - como o NEAB Sankofa (núcleo de aquilombamento da ETEAB), o Cineclube de Olho Na Cena (núcleo pedagógico com exibição e debate de filmes na ETEAB) e o CEMEAB (Centro de Memória

da Escola Adolpho Bloch, voltado para a aquisição, preservação, conservação e guarda da memória, história e identidade da escola) - e as atividades de visitas aos espaços culturais fora da escola (as visitas a museus e espaços culturais).

2.2. Como se deu a Parceria entre o Museu e a Escola

Conforme já mencionado acima, a inauguração do Museu Rio Memórias foi realizada na Escola Adolpho Bloch. A interação dialógica entre as duas instituições se deu a partir da atividade de visita escolar, realizada pelas turmas de Ensino Médio Integrado da escola, nos anos de 2020 a 2022, iniciando-se no ensino remoto, num cenário de pandemia de Covid-19, e concluindo-se com o retorno ao ensino presencial, em 2022. As atividades ocorreram através da aproximação, interação e diálogo entre educadores do museu e da escola e teve como desdobramento as Oficinas Rio dos Estudantes.

Tudo começou com a visita da Escola Adolpho Bloch ao Museu Rio Memórias, em maio de 2021, numa conjuntura pandêmica da Covid 19. As aulas estavam ocorrendo remotamente e em consequência disso as visitas a museus também aconteceram virtualmente e foram parte do planejamento pedagógico da docente-pesquisadora, lecionando na disciplina Turismo, Patrimônio e Memória Cultural, com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio Integrado ao técnico de Guia de Turismo e Hospedagem.

A visita virtual ocorreu, fora do horário de aula, através do site do museu, no qual os estudantes acessaram os *links* de acesso às sete galerias, a fim de conhecerem o acervo e se apropriarem das diversas narrativas existentes nesses espaços. Como sugestão de atividade, a proposta foi de, no prazo de um mês, elaborar uma produção textual, audiovisual, de imagem ou qualquer outra expressão comunicativa, de forma individual, a fim de mostrar as percepções e reflexões a partir das experiências vivenciadas durante todo o processo de visita ao museu. Vale ressaltar que a produção não era atividade obrigatória, porém, a maioria da turma a realizou. Os alunos que fizeram a visita e a atividade, receberam nota, e os que não fizeram, receberam outro tipo de atividade avaliativa.

As narrativas foram surpreendentes e emocionantes, sendo uma delas escolhida para ser compartilhada com o museu, com a intenção de evidenciar a relevância da visita para a didática escolar, para as aprendizagens, assim como para vislumbrar a continuidade e desdobramentos para outros processos do pós-visita. O trabalho encaminhado ao museu foi

relacionado à visita de uma estudante à “Galeria Rio de Sons”. O acervo escolhido por ela para a produção de seu texto narrativo foi “Entre títulos, sirenes e helicópteros”. Segue o relato da estudante:

O registro que escolhi é já dito no título “sobre os tristes sons da nossa cidade maravilhosa - Rio de Janeiro”. A memória conta sobre conflitos armados de traficantes armados contra a polícia, que envolve moradores do local, jovens na rua, idosos fazendo compras, crianças indo para a escola e mais um dia normal na vida de pessoas que habitam em comunidades cariocas. A história se passa no morro Dona Marta, onde podemos ver como é a luta de perto dos moradores locais, que precisam conviver com isso diariamente. O conflito permanece por muito tempo, até o momento em que há mães chorando pelo jovem filho morto, crianças assustadas (ou não, pelo costume), e todos presos em casa com o barulho alto e seco dos tiros. Essa é a realidade de moradores de comunidade, embora haja conflito fora de favelas do Rio, sabemos que essa não é a realidade de moradores de Copacabana, Leblon, Barra, Recreio; e sim a árdua realidade de moradores da Penha, Rocinha, Maré e, como podemos ver, do morro Dona Marta (R.R, 2021).

Além da descrição citada acima, a estudante comunicou à docente a sua emoção e contentamento com a realização da atividade: “caramba professora, cheguei a chorar vendo esse museu. Eu vi a parte de "linha do tempo" de 2000 até os dias de hoje e chorei muito kkkkmtto emocionante, adorei mesmo” (R.R, 2021).

Destacam-se neste momento outros dois relatos de estudantes que realizaram a visita ao museu Rio Memórias. O primeiro aluno visitou o museu no ano de 2021 e relatou que só tinha ido a um museu uma única vez quando era bem pequeno, e foi levado pela escola. Quando conheceu o museu através do seu celular, percebeu que podia acessar quando quisesse e ainda apresentar a experiência para outras pessoas do seu convívio. Afirmou, ainda, que pretende voltar mais vezes ao museu.

O segundo estudante, que fez sua visita no ano de 2022, relatou oralmente que achou a visita virtual uma ideia muito boa para pessoas que não podem ir aos museus ou querem visitar pela internet, mencionando que o site é de fácil acesso e organizado. Declarou que gostou muito da galeria “Rio de Sons”, mais especificamente a parte do carnaval, pois se identifica com as músicas e as escolas de samba. Mostrou-se feliz e curioso ao ler os textos expostos nas galerias, porém achou que não é a mesma sensação de visitar um museu físico. Por fim, complementou que para quem gosta de ler é ideal.

Os relatos, expressados naturalmente em roda de conversa na sala de aula virtual do Google - plataforma utilizada pelo Museu durante o período do ensino remoto, nos anos letivos de 2020 e 2021 -, na presença dos estudantes e da docente, após as visitas, foram analisados e compreendidos aqui como significativos para a educação, pois foi possível

perceber que a motivação, o prazer, a descoberta de algo novo e a surpresa de retornar a um museu de maneira autônoma, a partir do seu aparelho de celular ou computador, desencadeia o que podemos pontuar como uma aprendizagem mais sensitiva, o que pode contribuir para ir além de uma didática conteudista e multidisciplinar.

O principal critério de escolha para encaminhamento do primeiro relato ao museu foi a emoção que a estudante expressou. A profissional do museu, ao receber o conteúdo compartilhado pelo site do museu, mostrou-se entusiasmada e a partir daí entrou em contato com a docente-pesquisadora propondo a continuidade de outras ações junto à escola. Foi assim que se iniciou o projeto denominado “Oficinas Rio dos Estudantes”, que é voltado para inserir o jovem no resgate da história e memória da cidade do Rio de Janeiro.

As oficinas foram e ainda estão sendo direcionadas a estudantes do ensino médio das escolas públicas cariocas, e especificamente, em parceria com a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, que tem como propósito despertar o estudante para o olhar de reconhecimento e apropriação do patrimônio cultural carioca. Busca também saber dos estudantes quais são as suas memórias sobre os diversos lugares por onde percorrem no município do Rio de Janeiro, mais especificamente no bairro de São Cristóvão e quais são as histórias que têm para contar.

De acordo com o museu, os objetivos das oficinas são despertar no estudante o interesse pela história da sua cidade, de maneira que se coloque como sujeito protagonista do processo de construção histórica e cultural; motivá-los à busca por histórias e memórias de lugares e personalidades, sobretudo daqueles não explorados nos livros didáticos; provocar a pesquisa em suas próprias vivências, assim como nas experiências de pessoas próximas, através de trocas de informação e conhecimento junto a familiares e amigos. Um bom exemplo é ouvir as memórias de alguém conhecido que já tenha frequentado ou ainda frequenta o bairro, que possua histórias surpreendentes para contar. São essas histórias que o Museu Rio Memórias quer ouvir e divulgar, para que o público possa conhecer as narrativas dos estudantes.

2.3. Oficinas Rio dos Estudantes - 2021

O projeto Oficina Rio dos Estudantes já havia sido elaborado pelas profissionais do museu, porém foi replanejado a partir da cultura e contexto da escola Adolpho Bloch, com a participação ativa de quatro docentes desta instituição que contribuíram com a elaboração, desenvolvimento, metodologia e didática das oficinas. Foi sugerido pelas docentes, como tema do projeto, o bairro de São Cristóvão/RJ e seu entorno, por ser o local onde a escola está inserida e também por se tratar de um bairro que possui um rico patrimônio cultural, marcado pelas diferenças culturais, que se manifestam no samba, futebol, favelas, aldeia indígena, estação de trem, universidades, escolas públicas, templos religiosos, museus e centros culturais, todos de grande representatividade histórica e cultural no cenário brasileiro e mundial.

Parte integrante da metodologia das oficinas do ano de 2021, houve a realização de três encontros, com a participação dos estudantes, docentes e educadores museais, pela plataforma Google Meet durante o horário regular das aulas e ainda foi utilizada a plataforma Google Classroom para interação, troca e publicação de material para os estudantes e envio das atividades realizadas por eles.

O primeiro encontro ocorreu com a presença de duas docentes e três profissionais do museu. Uma destas profissionais iniciou o encontro apresentando uma explicação sobre o Museu Rio Memórias e sobre as Oficinas Rio dos Estudantes. Em seguida, as docentes iniciaram uma outra prática a partir da escuta das histórias e memórias que os estudantes já possuíam sobre o bairro de São Cristóvão e entorno. Parte dos alunos mostraram que já conheciam alguns espaços e outros que não possuíam conhecimento algum. Foi nesse sentido que as professoras usaram como referência a escola Adolpho Bloch, com a intenção de localizar geográfica e afetivamente estes estudantes no contexto patrimonial do bairro, vislumbrando as aprendizagens a partir da percepção, apropriação, identidade e pertencimento ao lugar onde se localiza a escola, pois acreditam que os sujeitos guardam muitas memórias dos tempos da escola e do local onde ela está inserida.

Algumas intervenções foram necessárias, através de perguntas como “Por que escolhemos trabalhar com o bairro de São Cristóvão?”, “Quem já conhece o bairro?”, “Quem mora no bairro?”, “Conte pra gente uma memória sua sobre o bairro?”, “Quem estava junto com você nessa história?”, “Será que você esqueceu de alguém?”, “Qual foi o sentimento quando chegaram na escola pela primeira vez?”, “Quais foram as percepções que tiveram

sobre o entorno da escola?”, “Já frequentavam o bairro antes de chegar à escola?”. As perguntas funcionaram como estratégia para que se desse início a um processo de rememoração sobre o bairro e, a partir de então, se pudesse compreender os conceitos de memória, identidade e sujeito histórico. Interessante perceber que, neste momento, estudantes e educadores lembraram de muitas histórias e ficaram ansiosos para contá-las. A interação foi considerada positiva, pois boa parte dos estudantes reagiram e interagiram com a proposta.

Outra atividade interativa foi a “nuvem de palavras”, com a proposta de cada um de nós resumir em uma palavra o bairro de São Cristóvão. Foi utilizada através do aplicativo *Mentimeter*, como ferramenta auxiliar didática para as aulas remotas, e cuja imagem da nuvem coletiva criada pode ser acessada na gravação do vídeo deste encontro. Ressalta-se do resultado que apareceu a palavra “cultura” com maior destaque, além de palavras como “diversidade”, “patrimônio histórico”, “poesia”, “história”, dentre outras, claro. Após a divulgação do resultado, criou-se ainda um momento para conversar sobre as palavras em destaque.

O segundo encontro apresentou a proposta de produção de um trabalho de culminância das oficinas. A ideia foi a realização de uma pesquisa sobre o patrimônio cultural e as memórias do bairro de São Cristóvão no Rio de Janeiro, sobre algum local de importância histórica, que poderia ser já conhecido ou a ser explorado, ou ainda sobre uma personalidade simbólica do bairro.

Vale ressaltar que, em razão das oficinas terem ocorrido durante a pandemia do Covid-19, a orientação conferida aos estudantes foi que realizassem a pesquisa através de bibliografia, vídeos, relatos orais, sites, dentre outros. Durante todo o processo de pesquisa houve a interação e orientação com as docentes e educadoras do museu através das plataformas ou aplicativos virtuais, Google Classroom (com sala de aula específica para as oficinas), Whatsapp (grupos das turmas) e Google Meet (aulas virtuais das disciplinas). Foi estipulado um prazo de quinze dias para a elaboração da pesquisa, além da utilização dos tempos das aulas das disciplinas Turismo Patrimônio Cultural e Turismo e Memória Cultural.

Profissionais do museu prepararam uma cartilha explicativa, intitulada “Compreendendo as oficinas Rio dos Estudantes”, que contém dicas e orientações para a realização da pesquisa. Uma boa dica da cartilha é que os estudantes conversem com seus familiares, pois com certeza eles terão histórias incríveis para contar, sobre lugares ou pessoas e o que ainda pode ser visto pelas ruas do bairro de São Cristóvão. Outro ponto importante da

cartilha é a explicação sobre a estrutura do trabalho, que deverá ser um texto narrativo produzido com bastante criatividade.

Orientou-se que a história é para ser contada como os estudantes gostariam de ouvi-la, dando destaque para elementos que não são conhecidos e foram descobertos por eles. Outros itens da cartilha orientam que o trabalho podia ser feito em grupos entre três a cinco estudantes; ter no máximo duas páginas de texto e, no mínimo, três imagens. Destaca ainda a importância de citar as fontes consultadas e a autoria das imagens. Aponta e orienta sobre locais para a consulta de referências bibliográficas e de imagens, tais como a Hemeroteca Digital, o próprio *site* do Museu Rio Memórias, e os perfis do *instagram* @riomemórias.educa, @riomemórias, dentre outros indicados. Há ainda a informação de que os trabalhos seriam transformados em e-book pela plataforma “Crie seu livro”, no site www.crieseulivro.com.br.

Além da cartilha, as docentes orientaram os estudantes com indicações de roteiros para os textos, além da formatação do texto, também de imagens e como inseri-las, dentre outros itens. Especial destaque foi dado para a indicação da consulta ao “Guia cultural e turístico de São Cristóvão: um passeio pelas raízes imperiais”, elaborado sob coordenação do Projeto Núcleo de História dos Bairros do Rio de Janeiro, ou Núcleo Bairros - RJ, sob responsabilidade da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, concluído no ano de 2015.

A escolha do local a ser pesquisado ficou a cargo de cada grupo, não havendo interferência das educadoras. Porém, por vezes, faziam sugestões atuando como facilitadoras, com o uso de perguntas e algumas orientações a título de encaminhamento metodológico, como, por exemplo: “quantas pessoas do convívio de vocês já frequentaram a Quinta da Boa Vista com seus familiares e amigos e que devem ter histórias inusitadas para contar?”, “Quem sabe tem alguém com uma narrativa de quando no bairro ainda circulavam os bondes?”, “E as vivências nos jogos no Maracanã e São Januário?”, “Há também aqueles lugares que não são famosos, mas muito frequentados e com significado para a sociedade”, “Não podemos deixar de mencionar as praças, ruas, personalidades e monumentos”, “Sobre as memórias das escolas de samba, será que algum de vocês ou seus familiares e amigos têm memórias sobre a Mangueira e o Paraíso do Tuiuti?”, “Estes e outros são lugares que guardam uma infinidade de histórias e que precisam ser contadas por vocês estudantes e serem salvaguardadas no acervo do museu Rio memórias, preservadas e passadas às próximas gerações”.

O terceiro encontro com cada turma foi o momento para as apresentações das produções dos estudantes, sendo que as primeiras ficaram a cargo das turmas de primeiro ano,

com a participação e entrega das pesquisas por um total de trinta e dois estudantes. Os patrimônios culturais escolhidos por eles foram o Estádio de São Januário, o Estádio Maracanã, o Observatório Nacional, a Feira de São Cristóvão, o Museu Nacional, a Quinta da Boa Vista e a Estação de trem de São Cristóvão. As apresentações foram, enfim, realizadas nomês de julho de 2021 e os estudantes foram acompanhados nestas apresentações por duas docentes responsáveis pelas turmas e por duas profissionais do museu.

No encontro com as turmas do segundo ano, as apresentações contaram com um total de dezoito alunos participantes, que entregaram as pesquisas. Os patrimônios culturais que eles escolheram foram o Clube Vasco da Gama, a Quinta da Boa Vista, a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch e a Aldeia Maracanã. As apresentações ocorreram em agosto de 2021, igualmente com acompanhamento e orientação de duas docentes e duas educadoras do museu Rio Memórias.

A turma de terceiro ano obteve um total de onze estudantes que entregaram as pesquisas e os patrimônios escolhidos por eles foram a Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, a Quinta da Boa Vista e o Observatório Nacional. O encontro ocorreu também no mesmo mês de agosto de 2021, tendo contado também com o acompanhamento e orientação de duas docentes e duas profissionais do museu Rio Memórias.

Houve um total de vinte trabalhos entregues, que tiveram apresentações criativas e ricas de memórias coletivas e individuais e conteúdos históricos e culturais. Alguns relatos de estudantes durante as apresentações merecem destaque, pois aparecem permeados de sentimentos e subjetividades. Um estudante que relatou ter conhecido o Observatório Nacional apenas com a atividade educativa, expressou o desejo de visitar o local e levar amigos e familiares na primeira oportunidade. Outra estudante relatou de forma emocionada amemória alegre e afetiva do dia em que foi à Feira de São Cristóvão com seus avós. Alguns alunos, ao abordarem o histórico do Clube de Regatas Vasco da Gama, expuseram de forma sensível o tema do racismo. Aqueles que pesquisaram a Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch tiveram o cuidado e o carinho de apresentar suas memórias de afeto pela escola. Sobre a Aldeia Maracanã, os estudantes que a pesquisaram relataram o histórico de luta e resistência indígena no local, sinalizando as muitas memórias que um ambiente é capaz de abrigar.

Após as apresentações, docentes e profissionais do museu definiram como critérios de análise dos trabalhos a criatividade, autenticidade, subjetividade, memórias e histórias inusitadas e surpreendentes que não são contadas nos livros didáticos. Averiguou-se, em seguida, a necessidade de correção e adequação textual, pois os trabalhos passaram por um

processo de seleção para fazerem parte da exposição da Galeria Rio dos Estudantes do Museu Rio Memórias. Posteriormente, todos os estudantes que entregaram os trabalhos de pesquisa receberam impresso o mencionado “e-book”, contendo as informações escritas e ilustradas coletadas nas suas pesquisas.

A galeria foi inaugurada no dia 15 de outubro do ano de 2021. Segundo o *site* do museu Rio Memórias (2022), a Galeria Rio dos Estudantes “é um espaço virtual reservado para exposição dos trabalhos de jovens estudantes que contam suas histórias, suas memórias, seus dramas e suas alegrias”. Está subdividida em três salas: “Concurso de Narrativas”, “Cartas ao Rio” e “Oficinas Rio dos Estudantes”, todas com conteúdos produzidos por estudantes de escolas públicas do município do Rio de Janeiro. Na sala “Oficinas Rio dos Estudantes”, a Escola Técnica Adolpho Bloch é uma das escolas em exposição, com um total de trinta e nove atividades, sendo que trinta e cinco são do bairro de São Cristóvão.

Apresentamos abaixo todos os trabalhos de pesquisa realizados pelos estudantes nas oficinas no ano de 2021, que estão expostos na galeria do museu:

QUADRO 1- Trabalhos de 2021 em exposição na Galeria Rio dos Estudantes:

Títulos	Patrimônio Cultural de referência	Ano, turma e curso.	Quantidade de estudantes por grupo
1- “Um passeio, várias histórias”	Quinta da Boa Vista	Primeiro ano do curso de Produção de áudio e vídeo.	4
2- “Estação de São Cristóvão”	Estação de Trem de São Cristóvão	Primeiro ano do Ensino Médio do Curso de Eventos.	4
3-“A tua torcida assim se fez”	Clube de Regatas Vasco da Gama	Segundo ano do Ensino Médio do curso de Guia de Turismo.	3
4-“São Cristóvão”	Quinta da Boa Vista	Primeiro ano do Ensino Médio do curso de Guia de Turismo	3
5-“A história além da história”	Quinta da Boa Vista	Terceiro ano do curso de Guia de Turismo	3
6-“Estádio Vasco da Gama”	Clube de Regatas Vasco da Gama	Primeiro ano do curso de Guia de Turismo.	4
7-“Tuiuti”	Escola de Samba Paraíso do Tuiuti	Terceiro ano do curso de Guia de Turismo.	4
8-“Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã)”	Estádio Maracanã	Segundo ano do curso de Guia de Turismo.	4

9-“Eles já estavam aqui”	Aldeia Maracanã	Segundo ano do curso de Guia de Turismo.	4
10-“Nossas memórias com a Quinta da Boa Vista”	Quinta da Boa Vista	Terceiro ano do curso de Guia de Turismo.	4
11- “Centro Luiz Gonzaga de tradições nordestinas”	Centro Luiz de Gonzaga de Tradições Nordestinas	Primeiro ano do curso Produção de Áudio e Vídeo.	3
12- “Estação Maracanã”	Estação de Trem e Metrô Maracanã	Segundo ano do curso de Eventos	4
13- “ETE Adolpho Bloch”	Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch	Primeiro ano dos cursos de Guia de Turismo e Hospedagem.	4

Quadro 1 - Trabalhos em exposição na Galeria Rio dos Estudantes. Fonte: elaborado pela autora (2022) a partir de dados do Museu Rio Memórias.

O resultado das apresentações foi surpreendente, pois os estudantes se empenharam, trazendo as memórias a partir dos seus olhares e vivências no bairro. Todos os alunos que participaram e entregaram os trabalhos se mostraram animados com a realização e finalização de uma atividade que, segundo eles, foi uma tarefa complexa, porém gratificante.

Vale destacar que a atividade estava atrelada ao sistema de avaliação escolar do primeiro trimestre do ano letivo de 2021. Os docentes estabeleceram critérios para determinar o peso das notas a serem geradas aos estudantes. Tomando como análise a prática desta professora pesquisadora, determinou-se aos estudantes que em relação à disciplina Turismo, Patrimônio e Memória Cultural, a pesquisa não era obrigatória e, caso não a realizassem, seriam avaliados a partir de outra atividade. Tal postura se deve ao fato de buscar dar maior liberdade aos estudantes, tendo o cuidado de não atrelar uma obrigatoriedade nas atividades realizadas junto aos museus e espaços culturais.

Ressalta-se que os trabalhos que foram pesquisados, mas que não se encontram na Galeria Rio dos Estudantes, não foram selecionados pois não estavam dentro dos critérios estabelecidos pelas docentes e educadoras do museu.

2.4. Oficinas Rio dos Estudantes - 2022

As oficinas do ano de 2022 ocorreram entre os meses de abril e junho, no formato presencial, em horários de aulas regulares, sob o acompanhamento e orientação de docentes da escola e profissionais do museu. A docente pesquisadora listou os patrimônios culturais que ainda não tinham sido pesquisados nas oficinas de 2021 e apresentou aos docentes e educadores do museu, sugerindo um direcionamento desses locais aos trabalhos de pesquisa dos estudantes nas próximas oficinas. Todos acataram a proposta e, assim, foram definidos os seguintes locais: Museu de Astronomia e Ciências afins- MAST, Observatório Nacional, Museu do Samba, Museu Militar Conde de Linhares, Cadeg - Mercado Municipal do Rio de Janeiro, Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, Igreja Matriz de São Cristóvão, Solar da Marquesa de Santos, Colégio Pedro II, Educandário Gonçalves de Araújo, Estação Ferroviária Leopoldina Barão de Mauá, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Igreja do Bonfim e Nossa Senhora do Paraíso, Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, Portão da coroa, Primeiro Batalhão da Guarda, Capela de São Francisco de Paula, Bairro Santa Genoveva, Coreto, São Cristóvão Futebol Clube, Escola Municipal Nilo Peçanha, Escola Municipal Floriano Peixoto, Igreja Santa Edwiges, Igreja São Januário e Santo Agostinho, Centro Cultural da Maçonaria, Corpo de Bombeiros, Centro Hípico do Rio de Janeiro, Pilastras do profeta Gentileza, Centro Espírita Trabalhadores de Oxalá, Solar Bezerra de Menezes, Igreja Evangélica Assembléia de Deus, Hospital Frei Antônio -Lazareto,Reservatório do Pedregulho.

A estrutura das oficinas continuou bem próxima ao modelo do ano anterior, porém com algumas alterações nos objetivos e na metodologia. Os novos objetivos passaram a ser, difundir o conhecimento historiográfico sobre a história da cidade e do bairro onde os estudantes moram e/ou estudam; apresentar as diferentes possibilidades de fontes e registros historiográficos; refletir sobre a importância dos museus, centros culturais e lugares históricos para a preservação da memória; desenvolver habilidades de trabalho em grupos.

A metodologia do novo modelo difere da anterior em razão da coordenação pedagógica ter sido elaborada por três profissionais do museu (oficineiros e coordenador pedagógico), com formação acadêmica na área de Educação, sem a participação das docentes, ficando a cargo destas as questões de escolha do bairro, sugestão de patrimônios, logística na escola. Além disso, acompanharam as atividades duas gestoras do museu, que possuem formação na área de Economia.

A equipe de educadores do museu se encarregou da didática nos encontros presenciais e do acompanhamento e orientação para a elaboração dos trabalhos finais e realizou as revisões dos trabalhos e a seleção daqueles que estão expostos na Galeria Rio dos Estudantes. Já as docentes ficaram responsáveis pela idealização e planejamento das oficinas; pelas possíveis conexões das oficinas com o conteúdo do currículo escolar; pelas articulações entre as turmas, a escola e o museu; pelos encaminhamentos e organização dos tempos de aula; e pela verificação dos espaços e recursos necessários para a realização da atividade.

Cada oficina contou com três encontros na escola, de forma presencial, com os educadores museais, responsáveis pela didática das oficinas. No primeiro encontro, houve uma apresentação sobre o conceito das oficinas de 2022, com uma explicação sobre o trabalho a ser elaborado; uma intervenção artística através de um slam (poesia falada) apresentado pelo oficinheiro do museu, com o fim de representar uma forma de contar histórias e de impactar o bairro com cultura e arte; e um *quizz* para conhecer as experiências que os alunos possuem com o bairro e o grau de seus conhecimentos históricos sobre o território. No segundo encontro, ocorreu um aprofundamento sobre a estrutura do trabalho final, que contou com dois momentos, a divisão dos grupos (entre 3 e 5 alunos, cada) e a escolha dos temas a serem abordados. E no terceiro encontro, foram apresentados os trabalhos finais, após toda a pesquisa de campo feita pelos estudantes. No total, foram doze oficinas, com o montante de trinta e seis encontros.

Os estudantes do primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio Integrado aos cursos técnicos de Guia de Turismo, Hospedagem, Produção de Áudio e Vídeo, Eventos e Administração de Empresas escolheram os seguintes patrimônios culturais para as suas pesquisas: CADEG - Mercado Municipal do Rio de Janeiro; Centro Hípico do Rio de Janeiro; Colégio Pedro II; Educandário Gonçalves de Araújo; Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira; Estação Leopoldina; ISERJ - Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro; Museu do Samba; Museu Militar Conde de Linhares; Conjunto residencial Pedregulho; São Cristóvão Futebol e Regatas; UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Centro Cultural da Maçonaria; Coreto da Quinta da Boa Vista; Bairro Santa Genoveva; Casa da Marquesa de Santos; e Restaurante da Quinta da Boa Vista.

Um total de 185 estudantes, divididos em 44 grupos, entregaram e apresentaram os trabalhos finais, que foram apresentados em maio e junho de 2022. Como já mencionado, todos os trabalhos passaram por um processo de análise, correção e seleção para serem expostos na Galeria Rio dos Estudantes, com os mesmos critérios utilizados nas Oficinas

2021, a partir dos quais foram selecionados vinte e dois. A seguir, o quadro com os títulos desses trabalhos selecionados e em exposição:

QUADRO 2 - Produções das Oficinas 2022 em exposição na Galeria Rio dos Estudantes:

Títulos	Ano, turma e curso	Quantidade de estudantes por grupo
1- Bairro Santa Genoveva	Terceiro ano do curso de Guia de Turismo	3
2- CADEG	Terceiro ano do curso de Hospedagem	2
3- CADEG	Primeiro ano do curso de Publicidade	5
4- CADEG	Primeiro ano do curso de Administração de Empresas	5
5- Casa da Marquesa de Santos	Terceiro ano do curso de Hospedagem	3
6- Centro Cultural da Maçonaria	Segundo ano do cursos de Guia de Turismo e Hospedagem	5
7- Coreto da Quinta da Boa Vista	Segundo ano do cursos de Guia de Turismo e Hospedagem	5
8- Escola de Samba Mangueira	Segundo ano do curso de Produção de Áudio e Vídeo	5
9- GRES Estação Primeira de Mangueira	Terceiro ano do curso de Hospedagem	2
10- ISERJ	Segundo ano do cursos de Guia de Turismo e Hospedagem	3
11- ISERJ	Primeiro ano do curso de Publicidade	5
12- Museu do Samba	Terceiro ano do curso de Hospedagem	5
13- Museu do Samba	Primeiro ano do curso de Publicidade	4
14- Museu Militar Conde de Linhares	Primeiro ano do curso de Publicidade	6
15- Museu Militar Conde de Linhares	Terceiro ano do curso de Guia de Turismo	5
16- Pedregulho (Conjunto residencial)	Primeiro ano do curso de Publicidade	5
17- Restaurante da Quinta da Boa	Terceiro ano do curso de	5

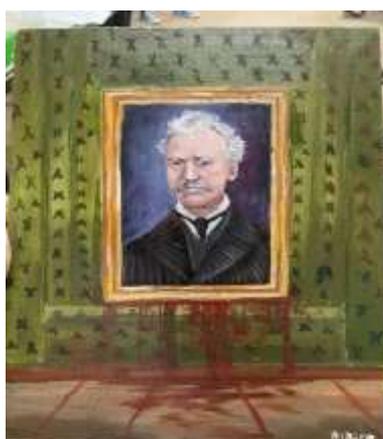
Vista	Hospedagem	
18- São Cristóvão de Futebol e Regatas	Segundo ano do curso de Administração de Empresas	4
19- São Cristóvão Futebol e Regatas	Primeiro ano do curso de Produção de Áudio e Vídeo	4
20- UERJ	Segundo ano do curso de Administração de Empresas	4
21- UERJ	Segundo ano dos cursos de Guia de Turismo e Hospedagem	7
22- UERJ	Primeiro ano do curso de Hospedagem	4

Quadro 2 - Produções em exposição na Galeria Rio dos Estudantes. Fonte: elaborado pela autora (2022) a partir de dados do Museu Rio Memórias.

As produções supracitadas demonstram o quanto as experiências foram provocativas de sentimentos, sentidos, sensibilidades, criatividade, curiosidades, questionamentos e subjetividades. Praticamente todos os estudantes revelaram suas inquietações e estranhamentos sobre as experiências que tiveram em suas pesquisas. É fundamental pensar sobre os olhares outros que os jovens estudantes do Ensino Médio se apropriam ao explorar esse patrimônio cultural já consagrado. É importante que as atividades educativas aconteçam dentro de perspectivas criativas e inventivas, provocando produções através de olhares poéticos, sensíveis e esperançosos sobre o mundo.

Nesse contexto, vale destacar algumas das produções dos estudantes, iniciando-se com a pintura feita pela aluna B. A. B, do terceiro ano do Ensino Médio Integrado ao curso de Guia de Turismo (2022), que visitou o Museu Conde de Linhares e intitulou sua obra de “Tem sangue retinto pisado, atrás do herói emoldurado”:

Figura 1 - O 3º Conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho Teixeira de Andrada Barbosa. “Tem sangue retinto pisado, atrás do herói emoldurado” – quadro da estudante B.A.B.



Fonte: Museu Rio Memórias, 2022.

A aluna, através de escrita informal encaminhada via e-mail à professora pesquisadora, descreve e comenta sobre sua obra da seguinte maneira:

A inspiração para a composição da pintura surgiu através de um trecho específico do samba-enredo da Mangueira em 2019, intitulado “Histórias Para Ninar Gente Grande”. O trecho em questão, que dá nome à pintura, diz: “Tem sangue retinto pisado Atrás do herói emoldurado”, fazendo alusão aos tratados como heróis pela ingratidão história brasileira, que finge não enxergar as muitas barbaridades por eles cometidas, apagando os verdadeiros mercedores desse título. Baseando-me nisso, pude fazer uma pintura que se relacionasse com os chamados “Conde de Linhares”, uma geração de homens com um papel muito simbólico graças ao seu histórico violento muitas vezes ignorado e a relação próxima mantida com a corte portuguesa. Essa é uma obra que fala sobre o verdadeiro homem por trás do imaginário popular, expondo a sangria de seus atos ao emoldurá-lo sobre uma parede manchada com a morte (sangue)³ (B.A.B., 2022).

Outra produção artística de destaque é o desenho realizado pela estudante A. B., que cursa o terceiro ano do Ensino médio integrado ao curso técnico de Hospedagem (2022), e realizou a visita à Casa da Marquesa de Santos junto de seu grupo, mostrando uma representação significativa a partir de um olhar subjetivo do feminino:

Figura 2- Desenho da estudante A. B.



Fonte: Museu Rio Memórias, Galeria Rio dos Estudantes. (2022)

³ Relato escrito encaminhado por e-mail a docente pesquisadora, em setembro de 2022.

A autora do desenho também fez um breve relato oral sobre a obra:

Eu usei tons de vermelho e rosa em todo o desenho, porque representam o amor e consequentemente, ligar a história inteira a um sentimento só, a casa e os amantes. Coloquei no fundo a silhueta dos 2, a esquerda o imperador e a direita a marquesa, porque estariam por trás da história dessa casa⁴ (A. B., 2022).

Outros dois estudantes, S. T. e B. M., que cursam o terceiro ano do Ensino Médio Integrado ao curso técnico de Hospedagem, realizaram a visita e desenvolveram pesquisa no espaço cultural CADEG - Mercado Municipal do Rio de Janeiro, mostrando sentimento de entusiasmo e alegria ao identificarem que o lugar é repleto de memórias e histórias. Com um texto em formato de artigo de revista, eles iniciam contando o histórico do espaço e em seguida apresentam as suas próprias memórias a partir da experiência que tiveram durante a visita, conforme o trecho destacado:

É claro que nós visitamos o conhecido mercado municipal, como dois moradores da baixada fluminense e por conta da distância, nunca tínhamos ido ao CADEG e fomos surpreendidos com a variedade de coisas e os restaurantes para todos os gostos, ao chegar ficamos até um pouco desorientados, tanta coisa para explorar e registrar, por onde deveríamos começar? Subimos dois lances de escada rolante e a surpresa foi iminente, um galpão amplo foi revelado, com dezenas de lojas e ruas e galerias que se misturavam conforme o público se movimentava pelos espaços, um espaço digno de centro comercial, desde floriculturas até lojas de quitutes importados, nossa primeira reação foi explorar tudo, visitamos algumas lojas e logo a curiosidade veio, qual será a história desse lugar? (S.T; B.M. MUSEU RIO MEMÓRIAS, GALERIA RIO DOS ESTUDANTES, 2022. Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/cadeg/>>. Acesso em: 6 set. 2022).

Além de contar sobre os encantos das suas próprias vivências no local, também trouxeram as memórias de “Maria”, funcionária da administração do mercado a trinta e três anos, e de “Seu Abel”, trabalhador de uma floricultura a mais de cinquenta anos, os quais narram com emoção as suas memórias sobre a representatividade do espaço nas suas vidas, sobretudo para o sustento de suas famílias e relatam sobre a diversidade do lugar e sobre os eventos que acontecem por lá. Segue mais um trecho do texto:

Abel falou da importância daquele lugar como sustento da família dele e como é o movimento rotineiro do mercadão sempre com pessoas de todas as idades comprando flores e plantas, a sensação que tivemos foi que tudo relacionado à floricultura podia ser encontrado no Real Atacadão do seu Abel. Por fim fomos a uma loja com comidas típicas do nordeste, Bruno não resistiu e precisou comprar biscoitos, todos muito solícitos. Tivemos uma ótima experiência com o CADEG e convidamos todos a visitarem este lugar tão importante. (S.T; B.M.

⁴ Relato escrito encaminhado pelo whatsapp a docente pesquisadora em, setembro de 2022.

MUSEU RIO MEMÓRIAS, GALERIA RIO DOS ESTUDANTES, 2022.
Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/cadeg/>>. Acesso em: 6 set. 2022).

Os dois estudantes afirmaram, no mesmo texto, que nunca tinham visitado o “conhecido mercado municipal”, em razão da distância e por serem “moradores da Baixada Fluminense”, revelando que estudantes de classes sociais populares, de escola pública, em sua maioria não se sentem pertencentes ou merecedores de frequentar determinados lugares. Assim, fica subentendido que as escolas e os museus muitas vezes podem atuar como promotores de acesso desses estudantes aos espaços culturais. Porém, é importante pontuar que não são todas as atividades pedagógicas de visitas a museus que proporcionam esse acesso. Ao percorrer por esse campo de análise, é muito comum testemunhar educadores selecionando estudantes para as visitas a museus, utilizando como critério a meritocracia. Portanto, para de fato possibilitar acesso, faz-se necessário que haja um engajamento com propostas de uma pedagogia inclusiva e libertadora.

Também é interessante refletir sobre o fato de as produções destes estudantes serem adquiridas, conservadas e colocadas em exposição pelo Museu Rio Memórias, apresentando as suas memórias para todo o mundo, como forma de acesso dos mesmos ao patrimônio cultural e de enfrentamento ao modelo educacional tradicional e colonial, uma vez que a escola proporciona aos seus estudantes serem protagonistas e produtores de cultura e história.

Outras apresentações ainda merecem destaque, como o trabalho realizado por um grupo de três estudantes, que cursam o terceiro ano do Ensino Médio integrado ao técnico de Guia de Turismo, sobre o Bairro Santa Genoveva, que apresenta uma narrativa poética das suas memórias sobre o dia em que saíram da escola para a visita ao Patrimônio cultural:

Nós tínhamos um riocard estudantil, uma tarefa e poucas expectativas para desbravar as ruas de São Cristóvão que se localizam no Rio de Janeiro. Eu e mais duas amigas Maria Eduarda e Ana Neves futuras guias, estávamos animadas com nosso primeiro trabalho de campo, pois acreditamos que escrever sobre algo é feito a partir da experiência de sua essência.

Seguimos de nossa escola, ETE Adolpho Bloch da Rede FAETEC para o ponto de ônibus, o tempo estava duvidoso sobre seu humor, pois às vezes ele tinha um lindo céu azul e outrora nuvens cinzas cobriam todo cenário. Descemos próximo a um ponto histórico, a Casa da Marquesa de Santos, uma vez que São Cristóvão também é conhecido como bairro imperial devido a mudança da corte portuguesa para o Brasil. A felicidade e o nervosismo se instaurou em nós três porque aquela pequena Paris se tornou um condomínio residencial e havia grandes chances de não podermos entrar no local, então a mais carismática de nós, a Maria Eduarda comumente chamada de Madu conseguiu falar com o síndico que nos deu cartão verde para explorar o lugar. Pareceu que quando passamos por aquela entrada antiga, havia mudado totalmente nossos ânimos, começamos a nos empolgar com a aventura que estamos

protagonizando e até mesmo o tempo parecia prestar atenção em nossas ações pela sua mudança contínua. Passávamos pelas ruas de paralelepípedos tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) maravilhadas com o zelo que os moradores possui com o lugar, há diversas plantas que enfeitam as residências e a natureza parecia ter abraçado a construção, era bem fresco devido a arborização que projetavam sombras, criando um ambiente sereno, a maioria dos moradores já são idosos, então a tranquilidade acolhe a todos. (M.E.Q; A.N; A.G. MUSEU RIO MEMÓRIAS, GALERIA RIO DOS ESTUDANTES, 2022. Disponível em: <<https://riomemorias.com.br/memoria/bairro-santa-genoveva/>>. Acesso em: 6 set. 2022).

A narrativa demonstra que as estudantes estavam sensibilizadas frente às novas descobertas do local visitado e se declararam como protagonistas do processo educativo, pois estavam presentes, interagindo e dialogando com o patrimônio cultural a partir dos seus olhares e percepções, de forma confortável. Este grupo apresenta as peculiaridades e curiosidades sobre o bairro, se utilizando de uma linguagem poética, destacando a estética do local, os nomes das ruas e os detalhes da arquitetura das casas e da igreja de Santa Genoveva, o que reflete seu olhar sensível para o patrimônio.

Outro grupo que se resalta produziu um vídeo sobre as memórias do Centro Cultural da Maçonaria, apresentando uma narrativa que vem a desconstruir muitas ideias equivocadas sobre a instituição. Antes de visitar o local, o grupo entrevistou algumas pessoas a fim de saber o que elas conheciam sobre a maçonaria e o Centro Cultural. A partir da análise das respostas, eles decidiram visitar o local e, como estudantes pesquisadores, fizeram a observação e apropriação do espaço. Ainda conseguiram realizar uma entrevista com um dos administradores da instituição, que contou as muitas histórias inusitadas e as memórias sobre o Centro Cultural.

Vale trazer também as produções artísticas em áudio e vídeo de estudantes expondo a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Ao visitarem o espaço, as estudantes se misturaram às cores verde e rosa do local, que dialogam com os objetos musicais, com a arquitetura e as mais diversas nuances que simbolizam este riquíssimo patrimônio cultural brasileiro. Expressaram-se alegremente ao som do hino da Exaltação à Mangueira, de Chico Buarque de Holanda, “Ô, ô, ô, ô, a Mangueira chegou!” (MUSEU RIO MEMÓRIAS, GALERIA RIO DOS ESTUDANTES, 2022).

O grupo que apresentou as memórias do Instituto de Educação (ISERJ) mostrou as curiosidades inerentes aos registros históricos arquivados no local. Em uma gravação de áudio e vídeo, relembram com afeto as suas próprias vivências dos tempos de estudantes do Ensino Fundamental na instituição. Também visitaram o Centro de Memória da instituição e

mostraram um pouco do acervo, abordando a sua importância para a história da educação brasileira. Como andar por São Cristóvão e não visitar o Museu do Samba? Dois grupos que visitaram este museu produziram vídeos que contam as memórias do samba como patrimônio cultural material e imaterial.

Outra revelação foi a produção de um vídeo sobre o Clube São Cristóvão de Futebol e Regatas, que conta, com emoção, um pouco sobre a trajetória do clube. O destaque ficou por conta de uma entrevista com uma ex-atleta do futebol feminino e mãe de uma das estudantes do grupo.

As memórias da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foram representadas por três grupos. Também em produção de áudio e vídeo, apresentaram de maneira descontraída o percurso que fizeram até chegar ao local. As narrativas apareceram através de entrevistas com estudantes, funcionários e docentes, que contaram sobre as suas vivências na Universidade.

Sobre o conjunto residencial Pedregulho, a produção foi de um vídeo realizado pelos estudantes do primeiro ano do curso de Publicidade, que, ao visitarem o local, mostraram apropriação, encantamento e identidade com a descoberta do espaço. Para obter dados sobre o local, entrevistaram um morador que contou um pouco da importância desse patrimônio para a história do Rio de Janeiro.

Como pode ser observado, nas oficinas de 2022, as produções dos alunos superaram as atividades do ano anterior em criatividade, sensibilidade, crítica e sensação de pertencimento. Isso ocorreu devido ao fato de estudantes e professores já terem retornado ao ensino presencial e os encontros terem acontecido presencialmente. As pesquisas aos patrimônios culturais também foram presenciais. A parceria entre escola e museu gerou uma didática que se utilizou de uma linguagem adaptada aos adolescentes, houve todo um cuidado ao falar a linguagem deles para se sentirem pertencentes e protagonistas de todo processo.

Entende-se também que o fato dos estudantes terem tido a possibilidade de ir presencialmente aos locais de pesquisa, de forma autônoma (sem a intervenção direta de educadores no momento das visitas), junto com seus colegas de turma, protagonizando as atividades, aumentou a sua motivação para a pesquisa. Fato este que será melhor analisado adiante.

2.5. Avaliações dos Participantes das Oficinas

Com o objetivo de gerar dados para fundamentar o presente estudo, foram elaborados questionários de avaliação aos estudantes, docentes e educadores museais que participaram diretamente das oficinas, e também a docentes que não participaram, mas conhecem o Museu Rio Memórias e a atividade pedagógica em análise. Elaborados através da ferramenta “Google Formulários”, os questionários semi estruturados continham questões objetivas e uma discursiva, direcionadas a cada grupo específico, sendo as respostas encaminhadas por e-mail para esta pesquisadora. A seguir, apresentam-se as perguntas, respostas e as análises correspondentes a elas.

2.5.1. Avaliações dos Estudantes

O questionário de avaliação foi encaminhado aos estudantes pelo aplicativo Google Formulários, no mês de agosto de 2021, com um total de treze questões, objetivas e subjetivas, a fim de colher dados sobre o grau de satisfação com a participação nas oficinas daquele ano. Um total de trinta e oito estudantes responderam. Seguem abaixo quadros com dados e análise sobre o formulário de avaliação final.

QUADRO 3 - Pergunta 1 - Local de residência dos estudantes participantes das Oficinas (2021):

Local de Residência	Número de Estudantes
Jacarepaguá	2
Anchieta	3
Niterói	3
Vaz Lobo	1
Belford Roxo	3
Cavalcanti	1
Penha	3
Irajá	2

Pavuna	2
Madureira	1
Triagem	1
Centro	1
Ramos	2
Maré	2
Bangu	1
Brás de Pina	1
Campo Grande	1
Parque Columbia	1
Duque de Caxias	2
Quintino	1
Catumbi	1
Inhaúma	1
Rio Comprido	1
Del Castilho	1

Quadro 3 - Lista do local de residência dos estudantes. Fonte: Formulário Final Oficina Rio dos Estudantes - Adolpho Bloch- cursos de Guia de Turismo e Hospedagem. (2021)

A lista supracitada refere-se ao bairro de residência dos estudantes que participaram das oficinas e que responderam ao questionário de avaliação final. A lista evidencia que os estudantes pesquisadores do patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão frequentam o bairro em razão da localização da escola em que estudam e não por residirem na região. As suas narrativas ficaram mais associadas às memórias da infância, quando foram levados aos locais pela família, escola e amigos. Já as narrativas cujas memórias fizeram referências ao tempo presente estiveram associadas às experiências que tiveram com o círculo de amigos da escola. Isso leva à compreensão de que a escola, de maneira direta e indireta, proporciona o acesso do estudante ao patrimônio cultural brasileiro. E, de maneira mais específica, quando educadores das escolas e dos museus sistematizam um processo educativo na perspectiva do patrimônio cultural, há uma potencialização desse acesso.

QUADRO 4 - Pergunta 2 - “Em uma escala de 1 a 5, quanto você gostou da atividade Oficinas Rio dos estudantes?”:

Escala 1	0
Escala 2	0
Escala 3	3
Escala 4	10
Escala 5	25

Quadro 4 - Respostas à pergunta do questionário.
 Fonte: Formulário Final Oficina Rio dos Estudantes
 - Adolpho Bloch- cursos de Guia de Turismo e
 Hospedagem. Museu Rio Memórias (2021)

QUADRO 5 - Pergunta 3 - “O que achou mais interessante nas Oficinas Rio dos Estudantes - 2021?”:

“O quanto todo mundo se divertiu nas apresentações.”
“A troca de experiência de cada grupo. É visível que todos pesquisaram e se aprofundaram nos assuntos, entendendo a importância das oficinas.”
“Conhecer mais sobre um bairro que eu não conhecia tanto.”
“As diversas versões que podem ser contadas do mesmo lugar.”
“Poder conhecer mais sobre o bairro de São Cristóvão, já que o mesmo faz parte da minha rotina.”
“A diversidade de coisas que descobri sobre os lugares que eu achava que já conhecia.”
“O fato de trabalhar com um museu.”
“Este trabalho nos fez desbloquear várias memórias.”
“A pesquisa em si sobre o bairro de São Cristóvão, principalmente pelo fato do bairro ser carregado de histórias, tanto pela criação quanto pelas pessoas que ali viveram, transformando o local e o pensar do grupo sobre o mesmo. Juntar a região com o nosso tema abordado nos fez ter uma melhor percepção de desenvolvimento, juntamente com o sentimento de realização, pelos relatos de vida das pessoas.”
“A troca de memórias entre alunos e educadoras.”
“A variedade de lugares com aspectos culturais completamente diferentes.”
“A relação dos estudantes com a Quinta da Boa Vista.”

Quadro 5 - Respostas dos estudantes ao formulário de avaliação final das Oficinas Rio dos Estudantes. Fonte: Formulário Final Oficina Rio dos Estudantes - Adolpho Bloch- cursos de Guia de Turismo e Hospedagem. Museu Rio Memórias (2021)

Antes de analisar os últimos quadros, convém explicar que, a partir do Quadro 5, foram selecionadas apenas algumas respostas dos estudantes, uma vez que transcrever todas elas não seria razoável para o presente trabalho. Assim, foram destacadas respostas que explicitam a expressão geral das turmas, excluindo-se as que repetem uma mesma opinião. Para esclarecimento, a totalidade dos relatos segue em anexo a esta dissertação.

Através da análise dos quadros 4 e 5, compreende-se que 90% (noventa por cento) dos estudantes se sentiram motivados e felizes com as Oficinas Rio dos Estudantes. Revela-se ainda que foi um processo educativo que possibilitou uma experiência sensível, crítica e criativa, abrindo caminhos para novas descobertas e invenções a partir do olhar dos estudantes.

QUADRO 6 - Pergunta 4 - “O que mudaria nas Oficinas - 2021?” :

“Nada, eu amei a experiência, achei bem organizada a oficina é bem clara sobre os pontos que seriam abordados.”
“Foi um trabalho complicado pois nem todos os alunos têm histórias em São Cristóvão.”
“Sinto que não mudaria nada sobre a pesquisa, talvez se não estivéssemos nessa situação (pandemia) gostaria que tivéssemos ido às ruas, fazer uma pesquisa sobre os relatos das pessoas que viveram naquela região, e assim, criasse um artigo sobre a história do bairro.”
“Mudaria a maneira de como foi escolhido o bairro, por mais que seja o lugar em comum a todos , mas achei difícil para quem não tem muitas histórias por lá.”
“O curto prazo para o desenvolvimento de nossas ideias.”
“Eu aumentaria a quantidade de páginas do trabalho.”

Quadro 6 - Respostas dos estudantes ao formulário de avaliação final das Oficinas Rio dos Estudantes. Fonte: Formulário Final Oficina Rio dos Estudantes - Adolpho Bloch- cursos de Guia de Turismo e Hospedagem. Museu Rio Memórias (2021)

Além das respostas mencionadas no quadro, o documento analisado ainda indica que um total de vinte estudantes responderam que não mudariam nada e doze estudantes não responderam a essa questão. O resultado de 60% (sessenta por cento) que responderam que não mudariam nada revela que a maioria se identificou com a proposta; que vivenciaram uma experiência como pesquisadores do bairro onde está inserida a escola; que tiveram a oportunidade de conhecer o bairro junto de seus colegas; que viram as oficinas como uma prática educativa diferenciada das aulas convencionais e que o fato de estarem atrelados a uma atividade em parceria com um museu interferiu de maneira positiva para o processo educativo.

Dos três estudantes que responderam de forma contrária, dois mudariam a maneira como foi escolhido o lugar (bairro) da pesquisa e um estudante respondeu que aumentaria o tempo para o desenvolvimento do trabalho final. As respostas desses três estudantes, apesar de serem minoria, são relevantes para esse estudo, pois revela que de alguma maneira houve uma hierarquia por parte dos docentes quanto à escolha do local a ser trabalhado e que esses estudantes não se sentiram confortáveis ou interessados na proposta.

Uma outra pergunta pertinente no questionário de avaliação foi: “Você já visitou o site do Museu Virtual Rio memórias - riomemorias.com.br?”. O resultado foi que 90% (noventa por cento) dos estudantes responderam que sim. Isso revela que a atividade possibilitou o acesso e a motivação de estudantes a visitarem o museu Rio Memórias e, conseqüentemente, pôde interferir para a continuidade de visitas nesse e em outros museus e espaços culturais.

Em relação à avaliação dos estudantes sobre as oficinas de 2022, segue o quadro com relatos que contam um pouco sobre suas experiências após as apresentações dos trabalhos:

Quadro 7 - Relatos dos estudantes, gravados em vídeo, após a apresentação dos trabalhos de culminância das Oficinas 2022:

<p>Participar das Oficinas do Rio Memórias foi uma experiência muito boa, pois eu tive a oportunidade de desenvolver um trabalho de campo junto com os meus amigos, uma experiência que eu nunca tinha tido. No museu do Samba eu conheci uma pessoa que nos recebeu e que foi muito acolhedora, isso vai ficar marcado para o resto da minha vida. A gente correu muito atrás, tivemos que editar um vídeo, sendo que a gente nunca tinha feito isso. Essas são experiências que eu nunca iria ter normalmente e tive com o Rio memórias. (L. H., 2022)</p>
<p>Foi muito legal fazer um trabalho podendo interagir com outras pessoas nos locais da minha pesquisa. Foi muito divertido fazer as gravações do lugar. Eu pude enxergar a UERJ como eu nunca vi antes. Eu já tinha ouvido falar, mas não sabia que a UERJ era tão importante assim para a nossa sociedade atual. O que vai ficar marcado pra sempre são as entrevistas com as pessoas. É muito legal descobrir que aquelas pessoas que estudam e trabalham lá fazem mais parte da construção da UERJ do que o próprio edifício. Sabe, eles são parte da UERJ. Eu achei muito interessante e eles ficaram muito empolgados porque a gente deu voz para as histórias deles. Eu achei muito interessante porque o Rio Memórias nos deu a oportunidade de dar voz para estas pessoas, pra gente ouvir as memórias deles e guardar para sempre. Eu acho que memória é vida e preservar a memória da UERJ é muito importante. (M. S., 2022)</p>
<p>A primeira experiência com o Rio Memórias foi esse ano. No ano passado eu não pude participar, por motivos pessoais. Eu fiquei muito triste no ano passado quando vi meus amigos recebendo os livros no final das oficinas e eu não. E hoje eu tenho certeza de que esse trabalho valeu a pena. Ficar três semanas indo pra UERJ foi uma experiência incrível. A gente estava passando por um período muito difícil com as provas da escola, mas fazer esse trabalho realmente animou a gente. (M.T, 2022)</p>
<p>Eu tive uma experiência incrível em participar dessa oficina porque tive oportunidade de trabalhar ao lado de pessoas que eu admiro muito e que me sinto muito bem. Eu tive uma recepção muito acolhedora da Talita, que trabalha no Museu do Samba. Foi extraordinário participar dessa oficina. (A. C., 2022)</p>
<p>Eu acho que o que mais me marcou nessa experiência toda foi sair da escola e ir pra UERJ durante três semanas seguidas. A gente chegava em casa e continuava conversando sobre o trabalho. Foi muito louco, eu</p>

nunca tinha me entregado tanto a um projeto assim. Eu nunca vou me esquecer das memórias que as pessoas me contaram porque acabaram virando memórias minhas de ouvinte e foram várias histórias divertidas. Eu nunca vou me esquecer desse projeto que foi muito importante pra mim e foi muito legal poder fazer o trabalho no formato de reportagem, já que eu tenho vontade de ser jornalista no futuro. É uma memória que eu nunca vou esquecer. (A.P., 2022)

Quadro 7 - Relatos de estudantes de gravação em vídeo. Fonte: elaborado pela autora (2022)

Os relatos apontam que os estudantes se sentiram felizes com a dinâmica de sair da escola para visitar outros lugares e descobrir coisas novas na companhia de seus amigos. Os encontros e desencontros que aconteceram durante a atividade foram fundamentais para momentos que ficarão marcados para sempre nas suas memórias. É importante ressaltar que os relatos vão ao encontro das teorias já referenciadas no primeiro capítulo desta pesquisa, advogando sobre as experiências educativas realizadas fora da escola, sobretudo no território do entorno, como ações provocativas de sensações de bem estar e felicidade para estudantes e docentes e o quanto isso contribui para aprimorar os relacionamentos entre ambos.

No entanto, é preciso ressaltar um desconforto gerado nos estudantes que não tiveram suas pesquisas publicadas na galeria e nos docentes, que não participaram do processo de seleção dos trabalhos e não tinham clareza dos critérios utilizados pelos educadores museais para a exclusão de determinadas produções. Assim, surgiu uma lacuna na relação entre docentes e estudantes, pois os primeiros não tinham argumentos para responder aos seus questionamentos. Tal desconforto foi relatado oralmente entre alunos e esta professora pesquisadora.

2.5.2. Avaliações dos Docentes sobre as Oficinas

As quatro docentes participantes das oficinas foram entrevistadas através de um questionário (Google formulário) semi estruturado. O objetivo foi obter dados sobre o grau de satisfação, motivação, alegria, afetividade, possibilidade de novos conhecimentos a partir das oficinas e reflexões sobre as suas concepções e perspectivas pedagógicas, através das perguntas a seguir.

QUADRO 8 - Questionário às quatro docentes que participaram das Oficinas Rio dos Estudantes:

1 - “Qual a disciplina que leciona?”
2 - “Trabalha na ETEAB? Opções: Sim ou Não”
3 - “Visitou o Museu Rio Memórias com seus estudantes? Opções: Sim ou Não”
4 - “Costuma realizar visitas ao patrimônio cultural com seus estudantes? Opções: Sim ou Não”
5 - “Como vê a relação entre docentes da escola e profissionais do museu? Opções: Parceria, interação e autonomia; Hierárquica por parte do museu; Hierárquica por parte da escola; ou Neutra”
6 - “Foi possível perceber alegria, afeto, criatividade e motivação dos estudantes durante a visita ao museu Rio Memórias e nas Oficinas Rio dos Estudantes? Opções: Sim, não ou talvez.”
7 - “Percebeu se a dinâmica escolar, com a obrigatoriedade de cumprir os conteúdos disciplinares, de alguma forma atrapalhou o processo educativo durante as oficinas Rio dos Estudantes? Opções: Sim, não ou talvez.”
8 - “Quando vai ao museu com seus alunos pensa em aproveitar o seu conteúdo da escola para dar a sua aula no museu ou espaço cultural? Opções: Sim, não ou talvez”
8 - “Quando propõe atividade de visita ao museu para seus alunos, faz atividades de avaliação valendo nota? Opções: Sim, não ou talvez.”
9 - “As atividades em parceria com o museu, quando atreladas às avaliações escolares, podem interferir negativamente no processo educativo emancipatório e libertador? Opções: Sim, não ou talvez.”
10 - “Percebeu se os processos de visita ao museu e Oficinas Rio dos Estudantes são ações educativas que podem servir como estratégias para ir além do modelo escolar conservador e colonial? Opções: Sim, não ou talvez”
11 - “As atividades com o museu Rio Memórias geraram possibilidades para reflexão sobre suas concepções e perspectivas pedagógicas? Opções: Sim, não ou talvez.”

Quadro 8 - Questionário de avaliação final das oficinas (2021; 2022) encaminhado aos docentes participantes das Oficinas Rio dos Estudantes. Fonte: elaborado pela autora (2022)

As respostas às duas primeiras perguntas do questionário demonstram que as docentes, atuantes na Escola Adolpho Bloch, são de áreas do conhecimento distintas, portanto lecionam em disciplinas específicas, tais como, História, Língua Portuguesa, Pedagogia, Turismo e Hotelaria.

Os dados apontam que as docentes são de áreas de ensino diferentes, mas que durante a atividade estiveram abertas para novas possibilidades pedagógicas, indo além do ensino convencional curricular da escola. As quatro dispuseram de tempo de suas aulas em sala para a realização desta atividade educativa em parceria com o museu, entrando em diálogo com um

campo diferente do escolar. Conheceram e interagiram com as profissionais do museu que apresentavam perspectivas educacionais também diferentes das suas. Todas as docentes responderam que trabalham na perspectiva do patrimônio cultural e acreditam na potencialidade das memórias e histórias passadas e presentes, como forma de compreensão e aprendizagem crítica dos processos culturais ao longo da história da humanidade.

Três docentes responderam que o sistema conteudista tradicional da escola não interferiu no processo das oficinas e apenas uma docente respondeu que sim, de alguma maneira, o ensino escolar tradicional interferiu durante as atividades. Além disso, as mesmas três docentes responderam que aproveitam as atividades de visitas a museus e centros culturais para aplicar seus conteúdos disciplinares e avaliações e não associaram esse fato como interferência negativa para o processo educativo e apenas uma docente, a mesma que também divergiu na pergunta anterior, respondeu que não necessariamente pensa em museu como espaço e/ou complemento da sala de aula, assim como não se sente confortável em vincular as avaliações obrigatórias do currículo escolar tradicional junto às atividades nos museus.

Estes dados sugerem um distanciamento entre a Educação Museal e os docentes, uma vez que é no campo da Educação Museal que acontecem as discussões teóricas sobre as visitas escolares e outras atividades pedagógicas com os museus não ocorrerem atreladas ao ensino tradicional e seu conteúdo. Neste sentido, como já analisado anteriormente, a obrigatoriedade da atividade pode interferir no processo educativo, pois os estudantes podem ficar mais preocupados com as notas e entrega de atividades do que com as diversas possibilidades criativas que podem ocorrer quando estão em contato com os museus.

As respostas ao questionário são quase todas unânimes, pois as docentes representam um perfil de professores que trabalham na perspectiva do patrimônio cultural. O mesmo não acontece, porém, com outros perfis de professores, entre os quais há maiores divergências em suas respostas, como será analisado adiante.

Além de entrevistar as docentes participantes das oficinas, foi aplicado também um outro questionário direcionado a professores que atuam na educação básica, que conhecem o museu Rio Memórias e as Oficinas Rio dos Estudantes, apesar de não terem participado diretamente das mesmas. As perguntas dos dois questionários são parecidas, mas o objetivo do segundo foi de buscar dados sobre as relações de aproximação destes docentes com os museus e saber sobre o que pensam acerca das visitas e das oficinas como práticas pedagógicas aplicadas na escola em parceria com o museu e como essas práticas podem

contribuir para a reflexões sobre as suas concepções e perspectivas pedagógicas. Cinco docentes responderam ao questionário, conforme o quadro abaixo.

Quadro 9 - Questionário e respostas de docentes da educação básica que conhecem o Museu Rio Memórias e as Oficinas Rio dos Estudantes, mas não participaram diretamente da atividade em análise:

Perguntas	Respostas
1 - “Quais são as escolas que trabalham?”	ETEAB, ISERJ, IEPIC
2 - “Qual a disciplina que leciona?”	Sociologia, Turismo, Língua Portuguesa, Hotelaria e História.
3 - “Costuma visitar museus com seus estudantes? Opções: Sim ou Não”	Três docentes responderam “Sim” Dois docentes responderam “Não”.
4 - “Quais são as maiores dificuldades que os docentes podem encontrar no planejamento de atividades de visita a museus e espaços culturais? Opções: Resolução dos trâmites burocráticos para sair da escola com os estudantes; Conseguir um transporte; Conseguir ajuda de profissionais de apoio; Conseguir agendar as visitas com os museus e/ou espaços culturais; Não encontro dificuldades.”	Três docentes responderam a opção “Conseguir um transporte”. Um docente respondeu a opção “Conseguir ajuda de profissionais de apoio”. Uma docente não respondeu.
5 - “Como vê a relação entre os docentes da escola e os profissionais do museu Rio Memórias? Opções: Parceria, interação e autonomia; Hierárquica por algumas das partes; Neutra”.	Três docentes responderam à opção “Parceria, interação e autonomia”. Um docente respondeu “Hierárquica por parte do museu”. Um docente respondeu “Neutra”.
6 - “Quando leva sua turma para visitar um museu, é possível perceber alegria, afeto, criatividade e motivação dos estudantes durante a visita? Opções: Sim ou Não.”	Quatro docentes responderam que “Sim”. Um docente respondeu que “Não”.
7 - “Quando vai ao museu com seus alunos pensa em aproveitar o seu conteúdo da escola para dar a sua aula no museu ou espaço cultural? Opções: Sim ou não”	Quatro docentes responderam que “Sim”. Um docente respondeu que “Não”.
8 - Quando propõe atividade de visita ao museu para seus alunos, faz atividades de avaliação valendo nota? Opções: Sim ou não.”	Três docentes responderam que “Sim”. Dois docentes responderam que “Não”.
9 - “Conhece a Educação Museal?”	Quatro docentes responderam que “Sim”.

Opções: Sim ou não.”	Uma docente respondeu que “Não”.
10 - “Percebe se os processos de visita ao museu e Oficinas Rio dos Estudantes são ações educativas que podem servir como estratégias para ir além do modelo escolar conservador e colonial? Opções: Sim ou não.”	Os cinco docentes responderam que “Sim”.
11 - “Já indicou o museu Rio memórias para seus estudantes? Opções: Sim ou Não.”	Os cinco responderam que “Sim”
11 - “Numa escala de 0 a 10, indique a sua pontuação para a atividade Oficina Rio dos Estudantes”.	Três docentes responderam “10”. Um docente respondeu “8”. Uma docente não respondeu.
12 - “Já realizou as oficinas com as suas turmas? Opções: Sim ou Não.”	Quatro docentes responderam que “Não”. Um docente respondeu que “Sim”.
13 - “Caso já tenha realizado oficinas com seus estudantes, o que achou da experiência educativa? Opções: Ótima, Boa, Regular ou Ruim.”	Uma docente respondeu “Boa”. Quatro docentes não responderam.
14 - “Caso ainda não tenha realizado as oficinas, indique um dos motivos relacionados abaixo: Dificuldade de vincular o conteúdo da disciplina a este tipo de atividade; Tenho interesse, mas não recebi nenhum convite dos profissionais do museu; Tenho interesse, mas não recebi convite por parte da minha escola; Não sabia que a atividade seria aberta a todas as disciplinas; Não tenho interesse neste tipo de atividade”.	Dois docentes responderam a opção “Dificuldade de vincular o conteúdo da disciplina a este tipo de atividade”. Dois docentes responderam a opção “Não tenho interesse neste tipo de atividade”. Uma docente não respondeu.

Quadro 9 - Perguntas e respostas do questionário encaminhado a docentes da Educação Básica. Fonte: elaborado pela autora (2022)

As respostas dos docentes revelam que há divergências entre as opiniões, o que gerou maior impacto nas reflexões referentes às questões analisadas.

Os dados apontam que os docentes têm algum tipo de relação com a perspectiva educativa, patrimonial e museal. A maioria conhece a Educação Museal, acredita no potencial das visitas e oficinas, porém, nem todos as realizam por considerarem que as dificuldades que encontram para o planejamento de todo o processo contribuem para a sua desmotivação. Chama atenção o fato de que a maioria dos docentes pensa nas visitas a museus como complemento da sala de aula e atrelam as atividades às avaliações valendo nota. Isto é um indicativo da presença do ensino tradicional no sistema escolar, mesmo quando este

pensamento parte de docentes que já conhecem e acreditam na potencialidade das atividades em parceria com os museus como possibilidades para vislumbrar pedagogias decoloniais.

Fatores como estes reforçam o que já foi sinalizado na análise do quadro oito, ou seja, a necessidade de maior proximidade entre os campos da Educação Museal e da educação escolar, havendo a participação dos docentes nas discussões sobre as visitas a museus pelo público escolar.

QUADRO 10 - Pergunta discursiva comum aos dois questionários - “Para reflexão e comentário: Quando a escola vai ao museu, será que ela derruba seus próprios muros? O fato da escola sair do ambiente escolar para um espaço cultural é suficiente para mudar concepções e perspectivas educacionais?”:

<p>“Acredito que traga novos olhares na prática pedagógica, porém não é suficiente para mudar a perspectiva pedagógica já que o processo educativo é de grande complexidade porque envolve a maneira que a sociedade está organizada.”</p>
<p>“Depende da perspectiva teórica e metodológica de quem propõe a atividade. Se a pessoa proponente for conservadora, a interação na saída da escola, possivelmente o será, também. Idas a espaços não formais de educação são práticas escolares, e, se não houver uma integração entre o antes, durante e após essas visitas, trabalhos de campo, passeios, ou quaisquer outras denominações, a visita não acarretará conhecimento renovador e modificador das estruturas conservadoras dentro dos muros escolares.”</p>
<p>“O fato da escola sair para visitar um museu não necessariamente irá derrubar seus muros. O que pode contribuir para que isso aconteça é a abertura a novos olhares pedagógicos e se abrir para perspectivas outras de formação humana.”</p>
<p>“Depende da proposta”.</p>
<p>“Sim. Não é suficiente, mas é muito importante para a concretização desse processo.”</p>
<p>“Necessário demonstrar aos alunos que há uma cartografia de afetos e ressignificações, seja no espaço escolar ou fora dele, assim a escola, como espaço democrático, derrubará muros. No entanto, através da educação museal, o patrimônio material e imaterial torna-se experiência imersiva, educativa e prazerosa, seja levando a escola ao museu ou trazendo o museu para dentro da escola, como nas oficinas do site Rio Memórias. Os alunos dos cursos de Guia de Turismo e de Hospedagem são norteados a esses pertencimentos e ao desenvolvimento das inteligências atreladas a eles. Grata pelo compartilhar de reflexões e de pertencimentos.”</p>
<p>“Falando do ponto de vista de escola pública no Rio de Janeiro, sempre que conseguimos sair com alunos da escola, superando os obstáculos de transporte e riscos inerentes aos deslocamentos com muitas crianças na cidade, existe sim uma queda de muros físicos e abstratos. Contudo, apenas sair do espaço físico da escola não garante que haja impactos significativos nas concepções dos alunos, pois uma saída pode se resumir apenas a um caráter contemplativo, não necessariamente reflexivo. Nesse sentido, o papel do professor (e dos representantes do espaço que recebe a visita) em tornar uma saída escolar algo transformador, e não um simples passeio expositivo, é fundamental. Mudar concepção/perspectiva educacional é tarefa complexa, que envolve toda comunidade escolar. Entendo que visitas a museus, caso haja intenção da escola em buscar mudanças em concepções educacionais, podem somar a uma ação maior, que envolva outras estratégias, como formações continuadas e curadoria de material didático.”</p>
<p>“Não, efetivamente, a visita a museus é apenas uma entre outras atividades. Ela é importante mas somente uma revolução educacional pode mudar concepções e perspectivas.”</p>

Quadro 10 - Respostas dos docentes à pergunta discursiva do questionário de avaliação final das Oficinas. Fonte: elaborado pela autora (2022).

Os docentes apontaram que a atividade Oficinas Rio dos Estudantes pode contribuir como estratégia para transcender o modelo tradicional colonial do sistema escolar brasileiro e pode servir como reflexão sobre as suas perspectivas pedagógicas. Porém, apontaram o fator estrutural do sistema escolar como um problema que interfere diretamente nas práticas educativas progressistas e decoloniais. A estrutura escolar, constituída em concepções pedagógicas tradicionais, é uma questão desafiadora que se enfrenta no cotidiano da educação e que requer uma constante busca no sentido de ir além desse modelo cujo objetivo é uma formação para a competitividade, uniformidade, meritocracia, padronização do pensamento, entre outros. Para isso, como afirmado por hooks (2013), a educação deve ter um olhar e um agir de subversão, pensando numa formação integral com vistas à valorização da subjetividade, criatividade e sensibilidade.

As duas últimas respostas merecem destaque. A penúltima em relação à sugestão de que, para as concepções e perspectivas pedagógicas serem transformadas de fato, as saídas da escola devem se “somar a uma ação maior” e cita como exemplo as “formações continuadas”. Entende-se aqui que, para que esta formação alcance o objetivo de transcender as estruturas pedagógicas conservadoras, no âmbito de atividades pedagógicas com a perspectiva do patrimônio cultural, é necessária a aproximação entre os saberes da escola e da Educação Museal.

E a última resposta vai ao encontro da perspectiva freiriana, de que para se romper com o modelo tradicional de educação, é preciso uma pedagogia revolucionária, que vise a transformação estrutural da escola e, conseqüentemente, da sociedade. Para isso, podem ser usadas práticas educativas que coloquem o estudante como protagonista e o leve a refletir e criticar a realidade que está posta, no sentido de observar onde está inserido historicamente e culturalmente, de empoderar-se a partir dessa análise, enquanto sujeito social dentro de sua própria comunidade, para, então, agir como ator de transformação social. Nessa perspectiva, a sociedade somente será transformada por aqueles que são oprimidos e recebem as regras estruturantes da sociedade pelas classes dominantes. Da mesma forma, a educação só pode ser alterada verdadeiramente se a comunidade escolar o fizer, orgânica, democrática e dialogicamente.

Para uma prática pedagógica decolonial, segundo Giroux e Figueiredo, são necessários projetos políticos de luta, resistência e enfrentamento revolucionários, que rompam com a

tradição conservadora (GIROUX ; FIGUEIREDO, 2021, p. 4). Para os autores, a lógica freiriana pode ser enxergada por um viés decolonial, de luta em favor da liberdade, tendo a educação e a cultura como campos políticos com potencialidade de transformação social.

2.5.3. Avaliações dos Profissionais do Museu sobre as Oficinas

Além dos docentes, a pesquisa recorreu também aos profissionais que trabalham no museu Rio Memórias e que participaram das Oficinas Rio dos Estudantes, aplicando a eles uma entrevista através de um questionário (Google formulário) semi estruturado com objetivo de obter dados sobre as suas apreciações acerca da relação que se estabeleceu entre a escola e o museu e, sobretudo, da relação entre os docentes e educadores museais durante o processo educativo, cujas perguntas seguem no quadro abaixo.

QUADRO 11 - Questionário de avaliação das Oficinas Rio dos Estudantes encaminhado às profissionais do Museu Rio Memórias:

“Qual a sua atuação profissional no Museu Rio Memórias?”
“Qual a sua área de formação?”
“Como se deu a relação de interação entre docentes da ETEAB e profissionais do museu? (escala linear de 1 a 5)”
“Houve algum tipo de hierarquia entre profissionais das duas instituições? Opções Sim ou Não”
“A escola gerou algum tipo de dificuldade para a realização das oficinas Rio dos estudantes? Opções Sim ou Não”
“Durante as Oficinas Rio dos Estudantes foi possível perceber sentimentos como motivação, alegria, afeto, criatividade, e outras emoções nos estudantes, docentes e profissionais do museu? Opções Sim ou Não”
“Percebeu algum tipo de preocupação nos docentes quanto à dificuldade de não conseguir adequar o seu conteúdo disciplinar às Oficinas Rio dos Estudantes? Opções: Sim ou Não”
“As atividades em parceria com o museu, quando atreladas às avaliações escolares, podem interferir negativamente no processo educativo emancipatório e libertador? Opções: Sim ou Não”

“As atividades educativas como visitas a museus e Oficinas Rio dos Estudantes podem ser ações que funcionem como estratégias para ir além do modelo escolar tradicional colonial? Opções: Sim ou Não”
“As Oficinas Rio dos Estudantes, uma parceria entre a escola e o museu, geraram possibilidades para reflexão sobre suas concepções e perspectivas pedagógicas?” Opções: Sim ou Não”

Quadro 11 - Questionário encaminhado aos profissionais do museu Rio Memórias. Fonte: elaborada pela autora (2022)

O questionário foi respondido por quatro profissionais do museu: duas historiadoras que atuam no museu como oficinairas (nomenclatura usualmente designada na prática aos educadores que atuam nas Oficinas Rio dos Estudantes do Museu Virtual Rio Memórias) e pesquisadoras, consideradas nesta pesquisa como educadoras museais (por serem elas que fazem a mediação das ações educativas) e duas diretoras do museu, que também se envolveram em toda a dinâmica do processo.

Suas respostas unânimes apontam que a relação entre docentes e profissionais do museu foi satisfatória e que contribuiu para um processo didático emancipador e libertário. Dessa forma, observa-se que foi uma prática que gerou possibilidade para reflexão sobre as perspectivas pedagógicas de cada participante.

As profissionais do museu também apontam para um grau satisfatório quanto à organização da estrutura escolar para receber as oficinas. Porém, em comparação com as respostas dos docentes sobre a existência de dificuldades, viu-se que estes apontaram algumas, como a burocracia, a dificuldade com transporte e a inexistência de profissionais de apoio. De fato, para o museu a escola não criou dificuldades, mas será que ela forneceu a estrutura adequada para todos os profissionais envolvidos? Esta é uma reflexão que busca diminuir o encargo e a sobrecarga dos docentes neste tipo de atividade, para que se sintam motivados a realizá-las com seus alunos.

No mesmo questionário, constou uma pergunta aberta, a mesma que foi encaminhada aos docentes, cujas respostas das profissionais do museu seguem abaixo.

QUADRO 12 - Respostas dos profissionais do Museu Rio Memórias à Pergunta: “Para reflexão e comentário: Quando a escola vai ao museu, será que ela derruba seus muros? O fato da escola sair do ambiente escolar para um espaço cultural é suficiente para se mudar concepções e perspectivas educacionais?”

<p>“Acredito que a visita ao museu abre possibilidades para a derrubada de muros, mas, para isso, a ação deve ser continuada e integrada. Discussões, leituras, escuta ativa entre docentes e estudantes, espaço para falar sobre dificuldades e angústias que a atividade pode mobilizar em alguns indivíduos e observação sensível do local a que o grupo se destina são essenciais para que uma visita ao museu seja efetivamente uma ferramenta que auxilia na mudança de perspectivas educacionais. Sem preparação antes, durante e depois, uma visita a um museu pode não ser efetiva na vida dos estudantes que não se veem representados e/ou valorizados por essas instituições.”</p>
<p>“É muito importante mas não suficiente.”</p>
<p>“Acho uma experiência enriquecedora para todos os participantes, não só para os alunos como para os professores docentes e colaboradores do Rio Memórias. Sair da escola e conhecer outras realidades, sejam experiências, memórias, histórias ou espaços culturais/museus abre muito a cabeça e expande o olhar, o interesse e a percepção dos alunos. Conhecendo mais a história, pode-se entender melhor o presente e faz refletir sobre o futuro. É uma derrubada de muros produtiva e positiva.”</p>
<p>“Sim, creio que sair dos muros escolares é uma forma de romper essa barreira. A aula pode ser na rua, no bairro, no museu, na esquina. No entanto, não é o suficiente. Essa é uma das estratégias possíveis e que geram processos de ensino e aprendizagem significativos. Não basta ir ao museu e aquele espaço não gerar impactos a partir das narrativas museológicas. É necessário pensar que o que está no museu precisa fazer sentido com a vida vivida.”</p>

Quadro 12 - Respostas dos profissionais do Museu Rio Memórias. Fonte: elaborada pela autora. (2022)

As respostas apontam uma proximidade de reflexão entre os profissionais do museu e os docentes. A maioria entende que levar os estudantes para fora da escola é o início de uma possibilidade para transcender o modelo escolar colonial, porém apenas isto não é o suficiente, sendo necessário que estas atividades externas sejam acompanhadas de reflexões e discussões críticas e emancipatórias, colocando o estudante como sujeito e protagonista de suas próprias ações.

3. O PRODUTO EDUCACIONAL: MAPA INTERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO BAIRRO DE SÃO CRISTÓVÃO E ENTORNO: UMA EXPERIÊNCIA PATRIMONIAL, MUSEAL E DE MEMÓRIA AFETIVA

A proposta de apresentar um mapa interativo como produto educacional foi semeada durante o curso da disciplina “Produtos Educacionais” deste programa de Mestrado de Ensino em Educação Básica, que teve como trabalho para avaliação final, a elaboração de um produto educacional, com tema livre. Na ocasião, o grupo de trabalho do qual fazia parte esta pesquisadora decidiu por desenvolver um mapa interativo do município do Rio de Janeiro, para o qual a mesma sugeriu como temática o patrimônio cultural. Como o resultado teve êxito, em razão da inovação de sua proposta, decidiu-se, então, por aprofundar a ideia, trazendo-a para o âmbito da relação que já acontecia entre a Escola Adolpho Bloch e o Museu Rio Memórias, através das Oficinas Rio dos Estudantes, e que é objeto e problema desta pesquisa.

Seguiu-se, então, dentro desta parceria entre o museu e a escola, a elaboração de um mapa interativo, a ser oferecido nas escolas do bairro de São Cristóvão e entorno, contendo o patrimônio cultural deste território, especificamente os bens culturais pesquisados pelos estudantes durante as oficinas e expostos na galeria do museu, e, como apêndice, os demais patrimônios do local, aqueles que foram pesquisados mas não estão na galeria e os que podem vir a ser pesquisados e visitados, seja em uma atividade da escola ou espontaneamente pela comunidade escolar.

As atividades pedagógicas de visitação a museus pelas turmas da Escola Adolpho Bloch são recorrentes, tendo alguns bens culturais, como a Quinta da Boa Vista, uma ampla participação da comunidade escolar, tendo em vista a proximidade entre a escola e o patrimônio. A partir da intensificação das visitas e pesquisas de todo o conjunto patrimonial do bairro de São Cristóvão, tornou-se viável e necessária a materialidade do percurso feito pelos estudantes e educadores.

Foi possível tornar o percurso concreto através da cartografia, tendo em vista ser um recurso fundamental para o processo de aprendizado e construção das diversas áreas de conhecimento, em especial, a localização geográfica e historiográfica dos sujeitos em sociedade. Neste sentido, a perspectiva de Prado e Carneiro (2017, p. 983):

Dentre as potencialidades pedagógicas da Educação Geográfica está o pensar o espaço a partir da Cartografia; esta, como ciência que contribui à reflexão sobre a

espacialidade geográfica, trazendo informações sistematizadas nas representações espaciais. (PRADO; CARNEIRO, 2017, p. 983)

Nesta lógica, a cartografia é representada em um mapa físico, com padrão de impressão em tamanho A0 em papel 170g ou lona, alocado inicialmente na Escola Adolpho Bloch e, em seguida, oferecido às outras escolas do bairro de São Cristóvão e entorno. O material estará também à disposição das demais escolas da cidade e do Estado do Rio de Janeiro que tiverem interesse em utilizá-lo, podendo, para tanto, fazer contato com a autora pesquisadora, através da Escola Adolpho Bloch ou do Museu Rio Memórias - o material poderá ser impresso e disponibilizado virtualmente.

Em primeiro lugar, quem visualiza o mapa se localiza geograficamente no território onde está inserida a escola, através de pontos enumerados destacados, que correspondem aos bens culturais pesquisados pelos estudantes nas oficinas e expostos na galeria do museu e designados em uma legenda lateral. Em seguida, os estudantes podem associar os caminhos utilizados usualmente para ir e voltar da escola ao patrimônio e às suas próprias memórias e histórias ou às de seus colegas. Desta forma, o mapa tem a intenção de promover uma troca: já que o ambiente escolar se dirigiu ao patrimônio cultural, leva-se também este ambiente externo para dentro dos muros da escola.

A proposta de interação se faz com um código QR, o qual pode ser facilmente escaneado a partir de telefones celulares equipados com câmera, com a função de transferir o sujeito que interage até a Galeria dos Estudantes do Museu Rio Memórias, onde ele poderá acessar as memórias narradas pelos estudantes e também as informações técnicas como endereço, dias e horário de funcionamento de cada patrimônio pesquisado.

O fato do mapa ser interativo e apresentar as produções dos próprios estudantes, como atores e produtores culturais, os motiva a visitar, realizar pesquisas e elaborar as mais diversas atividades sobre esses espaços e, o mais importante, viabiliza o acesso dos estudantes da escola pública ao patrimônio cultural brasileiro, em especial ao patrimônio do local que frequentam cotidianamente, por causa da localização da escola. Em relação a outros bairros, este produto tem como objetivo e proposta a motivação de outras escolas públicas à elaboração de novos mapas, delimitando e pesquisando os territórios e os patrimônios de onde estejam localizadas e promovendo acesso e relação entre escola e patrimônio cultural.

O Mapa Interativo foi construído tendo como referencial o Google Maps, delimitando o espaço geográfico dos bairros de São Cristóvão e os que o limitam, quais sejam, Vasco da Gama, Maracanã, Mangueira, Praça da Bandeira, Benfica, Caju e Santo Cristo, em razão do

patrimônio cultural desse conjunto de bairros fazer parte da paisagem de quem frequenta São Cristóvão, localizado na região central deste território.

O principal objetivo do produto é provocar a elaboração de planejamentos pedagógicos que explorem a criatividade, sensibilidade, liberdade, criticidade, estética, memórias e subjetividades. E como objetivos específicos, o Mapa busca provocar o interesse das escolas a realizarem as visitas ao patrimônio cultural brasileiro; estimular docentes a realizarem atividades em parceria com os museus; motivar a continuidade das atividades das Oficinas Rio dos Estudantes, com intenção de contemplar no roteiro as memórias de patrimônios culturais que ainda não foram pesquisados; contribuir para o acesso de estudantes de escola pública aos bens culturais de natureza material e imaterial; proporcionar experiências de memórias do bairro da escola, visitando o patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão e entorno; e fomentar a pesquisa.

O estímulo e a motivação objetivados ocorrem devido a várias particularidades do produto, como as que se exemplificam a seguir. Primeiramente, o fato de apresentar locais pelos quais os interlocutores percorrem frequentemente. Em segundo lugar, porque as produções associadas a cada bem cultural identificado no mapa foram elaboradas pelos próprios estudantes e seus colegas. E também pela forma inovadora de apresentação de atividades escolares, em razão do uso da tecnologia, através da internet e de celulares, em lugar de ferramentas didáticas obsoletas, como maquetes de isopor.

O produto é, portanto, direcionado aos estudantes e docentes do Ensino Médio de escolas do Rio de Janeiro, principalmente escolas públicas de São Cristóvão e entorno, mas também podendo abranger escolas particulares e/ou de outros bairros, municípios e estados do país.

A proposta é de um mapa aberto à continuidade dessas atividades de pesquisa e visitação por outras turmas desta e de outras escolas. O produto não tem como intenção ser um roteiro turístico, pois se baseia em referenciais teóricos dos campos da Educação, Educação Museal e Educação Patrimonial. Portanto, se encontra na categoria de recurso pedagógico interativo e aberto a diversas possibilidades de aplicabilidade.

3.1. Sugestões de Aplicabilidade do Produto Educacional

Existe uma variedade de possibilidades para o uso Mapa Interativo criado a partir desta pesquisa como recurso pedagógico e ferramenta de conhecimento. Qualquer professor,

das diversas áreas, pode se utilizar do material para sua didática em sala de aula ou fora dela. E, além disso, o estudante pode acessá-lo como fonte de forma autônoma, seja por sua própria curiosidade ou para servir de base em atividades escolares.

A seguir, apresenta-se algumas sugestões de aplicabilidade do mapa, mas sem a pretensão de esgotar a infinidade de maneiras de utilizá-lo que, como já afirmado, está permanentemente disponível para a comunidade escolar.

Uma primeira possibilidade do desfrute do mapa pelas escolas do bairro de São Cristóvão e seu entorno é utilizá-lo como referencial para a exploração patrimonial do território onde a escola está inserida. A ideia é que professores das escolas da região delimitada no mapa se apropriem do produto como base para fomentar as atividades pedagógicas na perspectiva do patrimônio cultural da região, podendo ou não tangencia-las a seus conteúdos disciplinares.

Isso vale também para escolas de outras regiões que queiram trabalhar os seus conteúdos explorando este território específico, como, por exemplo, escolas da zona sul do Rio de Janeiro que queiram incentivar seus estudantes a expandir sua visão sobre a cidade, ou mesmo escolas de outros municípios, que por vezes fazem visitas à capital do Estado com o mesmo objetivo de ampliar o conhecimento territorial, histórico, geográfico e patrimonial de seus estudantes, podendo agora utilizar-se deste mapa.

Outra proposta é utilizar o produto de forma lúdica, buscando completar o mapa com os bens culturais que ainda não foram pesquisados. Para tanto, o produto é acompanhado por um catálogo com estes bens culturais, com a finalidade de orientar e sugerir novas pesquisas e visitas, para que estes patrimônios passem, então, a ser destacados no mapa. Um exemplo de atividade neste sentido é um professor que propõe o trabalho com o patrimônio cultural religioso do bairro, direcionando seus estudantes a visitarem e pesquisarem as igrejas e templos de todas as religiões que existem no local.

Há também a possibilidade de trabalhar com todos os patrimônios da região, sem ficar restrito aos bens identificados no mapa ou ao catálogo de locais não pesquisados. Docentes e estudantes podem escolher os locais com que mais possuem identificação, podendo repetir e até descobrir novos lugares de memória.

É possível, como outra sugestão, que as escolas de forma geral se apropriem da ideia do mapa, utilizando-se inclusive da cartografia para a exploração de outros territórios. Propõe-se, aqui, a realização de atividades sobre outros bairros significativos para os estudantes, seja pela localização da escola ou de suas moradias, ou qualquer outro fator

determinante para suas memórias, com a expansão do mapa, de modo a abranger estas novas territorialidades acessadas por estudantes.

Outra possibilidade interessante é a utilização do mapa pelos estudantes de forma autônoma. Foi detectado nesta pesquisa que, pelo fato dos estudantes terem saído para as visitas e interagirem com o patrimônio cultural sem estarem acompanhados diretamente dos docentes, suas visões de mundo e estranhamentos ficam mais aflorados, pois seus corpos ficaram mais livres e, assim, suas produções passaram a ser mais afetivas e poéticas. Eles atuaram como protagonistas em suas pesquisas e visitas, sua satisfação e interesse pela atividade alcançaram um grau mais elevado em comparação com quando a visita é acompanhada por um professor. Um exemplo dessa aplicabilidade seria, na ocasião de um professor, como mediador, propor uma atividade e, o estudante ou um grupo utilizar o mapa, por conta própria, fazendo os percursos sozinhos ou com os colegas, ou como fonte de dados, ou como potencializador de ideias, tais como formas de apresentação de trabalhos, parcerias com instituições, criação de produtos, entre outros.

As propostas de aplicabilidade expostas acima poderão ser elaboradas em parceria com o Museu Rio Memórias, pois a instituição está disponível para a realização de oficinas com outros professores e escolas do município do Rio de Janeiro, e também podem ser buscadas parcerias com outros museus.

Além disso, o mapa físico, alocado em cada escola, possui também a função de servir como uma peça de exposição do conjunto de bens culturais local, cuja finalidade é apresentar à comunidade escolar lugares de memória que nem sempre são percebidos ou identificados quando se faz o percurso do caminho de ida e volta para a escola. A partir da interação que o mapa propõe, há a possibilidade de descobrir a existência e a importância de determinados espaços nesse caminho, além das respectivas informações técnicas e, sobretudo, das memórias narradas sobre os mesmos a partir dos olhares dos estudantes.

São as histórias contadas pelos discentes que tornam o mapa diferenciado para o local em que é apresentado, a escola. A linguagem, as expectativas, as sensações e as emoções, tudo o que está relatado nas produções de cada patrimônio cultural é adequado e atraente ao público ao qual é destinado.

Por fim, apresenta-se uma última sugestão de aplicabilidade, dentre várias outras ainda possíveis, de utilização do mapa interativo como ferramenta didática para percepção geográfica, levando o estudante a se localizar espacialmente no território que convive em seu

cotidiano escolar. Esta derradeira sugestão abrange especialmente as disciplinas de Geografia e História, que mais se utilizam da cartografia no processo educativo.

A importância do patrimônio cultural ser um registro histórico de memórias sociais é um referencial importante para os processos educativos e, diante disso, é imprescindível o acesso do estudante a essas memórias afetivas que despertam sentimento de pertencimento e apropriação da história do seu povo.

Neste item, desenvolveram-se algumas sugestões de aplicabilidade do produto, porém de forma apenas exemplificativa, sem a pretensão de exaurir as suas infinitas possibilidades. O produto ganha vida acompanhado de um rol de propostas da autora, mas é um mapa feito para outros professores e, principalmente, feito pelos estudantes e para os estudantes, e deles surgirão ideias de aplicabilidade ainda mais inovadoras, transformadoras e, espera-se, libertárias.

3.2. Metodologia do Produto

O produto educacional é fruto da atividade Oficina Rio dos Estudantes, uma prática de parceria entre a escola e o museu. Como já explicitado no segundo capítulo, houve por parte das educadoras a ideia de se trabalhar nas Oficinas com o território do bairro de São Cristóvão e entorno, como ação educativa provocativa de apropriação do patrimônio cultural e identificação com o entorno da escola, não só como forma de uma pedagogia de resistência ao modelo colonial, mas também atrelada a uma perspectiva educativa sensível, inventiva e criativa, referente às memórias do passado que continuam vivas pelas ruas, avenidas e vielas do bairro de São Cristóvão.

Como esclarecido anteriormente, a proposta das Oficinas foi a realização de uma pesquisa como trabalho de culminância. Foram realizadas pesquisas em sites e outras fontes, além dos percursos pelas ruas e visitas presenciais e virtuais ao patrimônio cultural, como parte das aulas escolares das disciplinas de Turismo, Patrimônio e Memória Cultural, Língua Portuguesa e História. Trata-se, assim, da metodologia de aulas-pesquisa, conceituada, segundo Moran (2000), da seguinte forma:

Transformar uma parte das aulas em processos contínuo de informação, comunicação e pesquisa, equilibrando o conhecimento individual e o grupal, entre o professor-coordenador-facilitador e os alunos, participantes ativos. Trabalhar os temas do curso coletivamente, mas pesquisando mais individualmente ou em pequenos grupos os temas secundários. Os grandes temas são coordenados pelo professor e pesquisados pelos alunos. Assim o papel do aluno não é de executar

atividades, mas o de co-pesquisador responsável pelo resultado final do trabalho. O professor coordena a escolha de temas ou questões mais específicas, procura ajudar a ampliar o universo alcançado pelos alunos, a problematizar, a descobrir novos significados das informações. (MORAN, 2000. P.46; 47).

A docente pesquisadora mapeou os patrimônios culturais do local e criou uma lista com os locais a serem sugeridos a docentes, educadores museais e estudantes para a pesquisa do trabalho de culminância. Esta listagem teve um total de quarenta e quatro patrimônios culturais locais.

Apesar da lista apresentada como sugestão, os grupos tiveram liberdade para escolher os locais com que mais se identificaram, pois são lugares que se encontram numa localização que faz parte da paisagem e conseqüentemente do cotidiano da ETEAB e dos estudantes.

Em suas pesquisas, os estudantes se utilizam de entrevistas orais e escritas e pesquisa de campo (com observação e registro). E para a apresentação de suas produções, no ano de 2021, durante a pandemia, foi utilizada a plataforma digital “Google Meet”, que consiste em uma sala de reunião virtual, na qual podem ser compartilhados documentos com todos os participantes - nas ocasiões, toda a turma e educadores envolvidos nas oficinas estavam presentes. E após o retorno ao ensino na escola, em 2022, as apresentações também puderam voltar a ser presenciais. A maioria dos grupos de estudantes apresentou suas pesquisas através de produções de áudio e vídeo, mas também houve outras formas de apresentação, como desenho digital, pintura em tela, revista, poesia, entre outros.

Revelou-se, a partir disto, que a tendência dos estudantes é de apresentar suas pesquisas e produções escolares através de recursos tecnológicos, que estimulam sua criatividade.

Após todas as apresentações, os educadores museais selecionaram algumas produções para fazerem parte da exposição virtual da “Galeria Rio dos Estudantes”, cujos critérios de seleção foram explicitados no capítulo dois. A partir destes trabalhos expostos, foi elaborado o mapa interativo.

O mapa foi elaborado em parceria com o Museu Rio Memórias e existem duas versões do mesmo, uma física e uma virtual, que têm como fonte o “Google Mapas” e ambas se inter relacionam. O mapa físico, é impresso em papel 170g, tamanho A0, e nele existe uma legenda com todos os patrimônios culturais identificados no mapa por um ícone com a numeração correspondente e um código QR, que direciona para o site do museu, onde consta um mapa virtual com os mesmos bens culturais. No mapa virtual, é possível clicar em cada patrimônio

e ser conduzido à exposição referente a ele na Galeria Rio dos Estudantes ou às informações de localização.

O Produto educacional segue em anexo em imagem de tamanho reduzido.

3.3. O Bairro de São Cristóvão

A Escola Técnica Adolpho Bloch, situada na Rua Bartolomeu de Gusmão, nº 850, no bairro de São Cristóvão, pode ser acessada de várias formas pela comunidade escolar. Quem usa o trem, antes de chegar à Estação de São Cristóvão, observa passar pelo caminho a Mangueira, a UERJ, o Maracanã; quem vai de carro ou de ônibus pela Av. Brasil ou Linha Vermelha vê correr pelas janelas o Estádio de São Januário e o Centro de Tradições Nordestinas. E a Quinta da Boa Vista pode ser considerada o coração do bairro, adjetivado por Brasil (2004, p. 11) como “um dos mais belos parques da cidade”.

O caminho para a escola Adolpho Bloch não é um caminho qualquer, justamente por sua localização em um dos bairros de maior riqueza histórica e cultural do Rio de Janeiro, o que é corroborado por Brasil (2004, p. 30 a 34) em sua proposta de caminhada atenta pelo local:

Proponho partir de lugar bastante conhecido: a avenida Francisco Bicalho. O caminhante verá o edifício da Estação Barão de Mauá (inicial da Leopoldina Railway), construído em 1926, projeto do arquiteto Roberto Prentice.

[...] Adiante, encontramos os monumentais tambores do gasômetro, lá desde o início do século XX. Por trás deles estão os torreões do antigo Lazareto. É bom lembrar que só pisamos em terra firme graças ao aterrado do mangue que cobriu de vez a língua de mar de São Diogo. Prosseguindo, encontramos a matriz de São Cristóvão que nos faz lembrar a fundação jesuítica e, à beira da avenida Brasil, a igreja do Bonfim (1871), no extremo da rua que leva seu nome.

[...] Muitas ruas adiante, deixando a avenida Brasil - que se tornou limite do bairro a partir dos anos quarenta -, entramos no miolo da região até alcançar a rua São Luiz Gonzaga, uma das mais extensas e importantes vias do bairro. Seu leito, aberto nos primórdios do desenvolvimento de São Cristóvão, foi cruzado pelos aventureiros em busca das minas, e que de lá retornavam com preciosos carregamentos.

[...] Na rua São Luiz Gonzaga encontramos o Largo de Benfica, um dos pontos limites de São Cristóvão. Nele, o chafariz, pouco observado por não ser monumental, projetado pelo arquiteto Grandjean de Montigny, figura importante para a cultura brasileira vindo para o Brasil com a Missão Francesa em 1816.

[...] Quase no início da rua São Luiz Gonzaga está o Largo da Cancela, assim chamado desde épocas esquecidas, pela existência no local de uma cancela imposta pelos jesuítas para a passagem dos tropeiros.

[...] Podemos, afinal, entrar na Quinta da Boa Vista pela rua que tem seu nome. No belo parque passamos por trás do Museu Nacional (a antiga moradia dos monarcas), veremos à direita o Jardim Zoológico, deixando a Quinta por um dos portões dos fundos. Estamos na junção da rua Francisco Eugênio com a avenida Bartolomeu de Gusmão onde há um viaduto que nos levará ao Maracanã. Lá do outro lado, está a

avenida Osvaldo Aranha (aberta nos anos sessenta como parte da Radial-Oeste), onde se vê a velha Estação da Quinta, exclusiva da família imperial, restaurada há poucos anos. A rua Francisco Eugênio fechará a caminhada, uma vez que nos leva de volta à Estação Barão de Mauá. Antes de chegar ao ponto de partida podemos nela ver o desenho neogótico do velho Quartel da PM e, na esquina da rua São Cristóvão, um terreno baldio. Há meio século, em prédio apalacetado, abrigaram-se, em sucessivos momentos, a famosa PE (a temida Polícia Especial, com seus quepes vermelhos e truculência ostensiva) da época de Vargas, e, depois, o Serviço de Assistência aos Menores (SAM), de tétrica memória. (BRASIL, 2004, p. 30 a 34)

A própria edificação da Escola é um precioso patrimônio cultural, com seu belo jardim de antigas espécies de vegetação, tais como pau brasil, mogno, jamelão, mangueira e palmeira imperial, e seu prédio de seis andares. Não existe registro no Centro de Memória da ETEAB sobre a data exata da construção do prédio, havendo apenas indícios de ter sido construído entre as décadas de 50 e 60, em razão do uso de fragmentos da obra do Maracanã estarem presentes em sua estrutura. Tal edifício nem sempre foi uma escola, já tendo abrigado, por exemplo, a Secretaria Extraordinária de Educação. Segundo Bomeny (2008, p.16), no governo de Leonel Brizola, com a atuação de Darcy Ribeiro, o local tinha por objetivo a administração do projeto de CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) para todo o Estado do Rio de Janeiro.

Apesar de toda a riqueza do bairro, a maioria dos estudantes e professores, porém, observa este Patrimônio Cultural de fora, apenas como parte do caminho, mas sem se aprofundar acerca da história e das memórias de cada um desses ambientes, que juntos também criam o contexto sócio cultural do bairro. Neste ponto, reside uma enorme lacuna deste ambiente escolar - o conhecimento tradicional é passado aos estudantes dentro dos muros da escola, mas o ambiente externo, de onde irrompem tantas fontes de conhecimento, em geral é desconsiderado no processo de aprendizado. Mesmo os projetos mais criativos mantêm-se dentro desta estrutura.

Os muros da escola significariam, então, uma barreira de desconexão entre a escola e a vida que acontece do lado de fora, no bairro em que ela se encontra. Numa perspectiva mais ampla, há uma desconexão entre a escola e a vida individual e coletiva de cada sujeito da comunidade escolar.

Neste contexto, surgem discussões acadêmicas em torno da aproximação entre a escola e as instituições externas, no sentido de uma formação integral, tanto para educandos quanto para educadores. Soares (2015) traz em resumo a seguinte perspectiva:

Atualmente, museus e escolas têm realizado esforços no sentido de um trabalho articulado. Todavia, notamos que essa perspectiva ainda não se tornou hegemônica.

Os condicionantes estruturais da gênese dos museus e os modelos de gestão e de educação permanecem como um desafio a um trabalho numa outra direção. Como instituição de saber, de conhecimento, de memória e cultura, tais instituições possuem ricas possibilidades como agências de transformação social. O horizonte da formação integral emerge como pilar fundamental para pensar a conjunção museu-escola. A permeabilidade de ambas as instituições deve ser buscada como forma de romper com os tradicionais muros que os separam (SOARES, 2015).

Romper com os muros que separam a escola e as instituições externas é, portanto, um desafio da educação, mas que nem sempre é alcançado, mesmo quando se aproximam a escola e as instituições culturais, como o museu, por exemplo. Quando a atividade de visita externa é realizada ainda no molde conservador e hierárquico, a barreira de desconexão continua presente, uma vez que o estudante não é colocado como sujeito e protagonista, mas como objeto da experiência. Neste cenário, ele não se integra ao ambiente e ao conhecimento revelado ali e sai do museu como se tivesse apenas o observado pela janela do ônibus no caminho de volta para casa.

As visitas e pesquisas realizadas pelos estudantes da Escola Adolpho Bloch aos bens culturais do bairro de São Cristóvão e seu entorno demonstram que pode surgir uma nova forma de se relacionar com o ambiente escolar, uma nova identificação entre estudante e local de estudo, novas perspectivas de aprendizagem, e principalmente o reconhecimento de si mesmo como ator fundamental no processo de busca de conhecimento, atuando os educadores de ambas as instituições como mediadores dos processos educativos. Essa perspectiva é corroborada por Moran (2000):

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar a informação significativa, escolher as verdadeiramente importantes, a compreendê-las de forma cada vez mais abrangente e profunda. Aprendemos melhor, quando vivenciamos, experimentamos, sentimos, descobrindo novos significados, antes despercebidos. Aprendemos mais, quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática: quando uma completa a outra. Aprendemos quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social (MORAN, 2000, p. 23).

A partir do percurso de suas pesquisas, percebe-se que os estudantes modificaram a sua compreensão e relação com o bairro de São Cristóvão, como pode ser observado a partir de trechos de seus próprios relatos, como por exemplo: “Eu pude enxergar a UERJ como eu nunca vi antes. Eu já tinha ouvido falar mas não sabia que a UERJ era tão importante assim para a nossa sociedade atual” (M. S., 2022); “como dois moradores da baixada fluminense e por conta da distância, nunca tínhamos ido ao CADEG e fomos surpreendidos com a

variedade de coisas e os restaurantes para todos os gostos” (S.T; B.M.); “Foi uma experiência incrível participar destas oficinas porque eu pude conhecer coisas novas ao lado de pessoas que eu admiro muito e que eu me sinto muito bem” (A.C., 2022).

Além dos relatos, há vídeos em exposição na Galeria Rio dos Estudantes, como o caso da visita ao coreto da Quinta da Boa Vista, que mostram o comportamento interativo entre os membros do grupo que se comportam livremente, com alegria e brincadeira, revelando ter sido uma experiência marcante e diferente das propostas educativas tradicionais. O grupo gravou um vídeo com os momentos dos “erros” de gravação, que mostra o quanto eles se divertiram.

As edificações e bens culturais emprestam novas cores e sensações ao percorrer o bairro. A Escola Adolpho Bloch passa a ser vista como um espaço de memórias, tanto dos antepassados como dos próprios discentes, já que suas produções fazem parte do acervo da instituição. No mesmo sentido, o Clube de Regatas Vasco da Gama, por exemplo, deixa de ser apenas um clube no meio do caminho, e passa a ser também um símbolo da luta anti racista na região. Ambientes que sofrem processos violentos de invisibilização, como a Aldeia Maracanã, passam a ser conhecidos pelos estudantes, transformando significativamente sua visão geográfica do bairro e do mundo, conforme se observa no seguinte trecho extraído de uma das pesquisas:

Eles já estavam aqui. Um espírito que carrega ancestralidade, residindo em meio à urbanização do Rio de Janeiro, na Zona Norte. A aldeia Maracanã resiste mesmo após anos de genocídio indígena, lutando para tomar posse de algo que já lhes pertence desde muito antes de 1500. (MUSEU RIO MEMÓRIAS, GALERIA RIO DOS ESTUDANTES, 2022)

Além da escola, do clube e da aldeia, acima mencionados, foram também objeto de pesquisas dos estudantes os espaços relacionados abaixo, embora alguns com a possibilidade de visita de campo, conhecendo-os presencialmente com todos os seus detalhes materiais e imateriais, e outros, em razão do período de pandemia, apenas com contato virtual:

- Quinta da Boa Vista
- Museu Nacional
- Estação de São Cristóvão
- Clube de Regatas Vasco da Gama
- Paraíso do Tuiuti

- Estádio Maracanã
- Centro de Tradições Nordestinas Feira de São Cristóvão
- Estação Maracanã
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
- Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)
- Observatório Nacional
- Museu Militar Conde de Linhares
- Bairro Santa Genoveva
- Solar Marquesa de Santos
- Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira
- Museu do Samba
- Circo Marcos Frola
- Mercado Municipal do Rio de Janeiro (CADEG)
- Centro Cultural da Maçonaria
- Coreto da Quinta da Boa Vista
- Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)
- Pedregulho
- Restaurante da Quinta da Boa Vista
- Clube São Cristóvão Futebol e Regatas
- Centro Hípico do Rio de Janeiro
- Colégio Pedro II
- Educandário Gonçalves de Araújo
- Estação Leopoldina.

Todos os patrimônios pesquisados foram de alguma maneira ressignificados pelos discentes, docentes e educadores museais. No geral, pode-se dizer que o acervo das produções dos estudantes (incluindo as que estão expostas na Galeria Rio dos Estudantes e as que não foram selecionadas para a exposição), em conjunto, afeta e arraiga a identidade cultural do próprio bairro. A partir das oficinas, esta pesquisa identificou o sentimento de pertencimento, apropriação e identificação por parte dos estudantes, principalmente, mas também dos educadores, com o patrimônio do local.

A quantidade de bens pesquisados revela, como afirmado preliminarmente, a riqueza histórica e cultural de São Cristóvão. Quando a história e a importância do patrimônio passa a

ser acessada, conhecida e apropriada por discentes e educadores, todos passam a compreender a relevância do local e dos bens culturais de forma geral para a sociedade. Este é um dos sentidos da Educação Patrimonial e Museal, que torna possível o diálogo entre os sujeitos e os bens culturais materiais e imateriais, colocando os primeiros numa perspectiva de protagonismo e ação, o que leva ao movimento de não ver os objetos como estáticos, mas sim em movimento e diálogo, comunicando-se e trazendo sentido cultural e reflexões críticas sobre os mesmos, como por exemplo, a estudante que visitou o Museu Militar Conde de Linhares e enxergou criticamente o “sangue retinto por trás do herói emoldurado”.

Ainda que todo esforço fosse lançado, existem ainda muitos estabelecimentos, entidades, organizações, monumentos a serem reconhecidos, ressignificados e apropriados, que não foram objeto do projeto de estudo utilizado nesta pesquisa, citando como exemplos a Matriz de São Cristóvão, a Igreja Nosso Senhor do Bonfim, a Igreja de São Januário, a Igreja Santa Edwiges, a Capela de São Francisco de Paula, a Igreja São Januário e Santo Agostinho, a Igreja evangélica Assembléia de Deus, os centros Espíritas Trabalhadores de Oxalá e Solar Bezerra de Menezes; o Colégio Pedro II, a Escola Municipal Nilo Peçanha, a Escola Municipal Gonçalves dias e Educandário Gonçalves de Araújo, o Corpo de Bombeiros, o Portão da Coroa, o Hospital Frei Antônio - Lazareto, o Reservatório do Pedregulho, as Pilastras do Profeta Gentileza, dentre outros.

O mapa interativo propõe-se, por tudo o que já foi mencionado, a ser uma ferramenta didática para explorar o território do bairro e do entorno através da perspectiva do patrimônio cultural e da relação entre a escola e o museu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como proposta investigar a relação e aproximação entre as instituições escola e museu, em ações educativas de visitação de estudantes ao patrimônio cultural, a fim de refletir acerca das subjetividades e perspectivas pedagógicas dos educadores de cada instituição e das possibilidades das atividades quando construídas em conjunto, além dos reflexos desse encontro nos estudantes. O problema enfrentado pela pesquisa é se, através dessa relação entre escola e museu, há a possibilidade de desconstruir as didáticas tradicionais, gerando uma educação problematizadora, libertadora, sensível e, quem sabe, decolonial. Para tanto, teve como objeto de estudo, para análise de dados, as visitas da Escola Técnica Adolpho Bloch ao museu Rio Memórias e as Oficinas Rio dos Estudantes, que decorreu de uma parceria entre as duas instituições.

A reflexão teórica da pesquisa se inicia a partir da ideia de que educação, cultura, patrimônio e memória se contemplam dentro de uma concepção abrangente de educação, em que se aproximam a educação formal e não formal, e que tem como fundamento a formação integral dos sujeitos, como um direito social. A educação não se restringe à escolarização, abarcando também o acesso ao patrimônio cultural e à memória social, o qual, no entanto, não costuma ser alcançado pelas classes mais baixas, tendo a escola a função de promover tal direito.

Nos museus brasileiros, a relação entre educação e patrimônio se iniciou a partir de um cunho instrutivista, com foco nos objetos. Com o desenvolvimento da Educação Patrimonial, porém, esse foco se transferiu para os sujeitos e suas relações sociais, a partir dos marcos históricos da Política Nacional de Museus (PNM), de 2003, e da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), de 2018, cuja maior influência vem de Paulo Freire e que consolida os conceitos e parâmetros da Educação Museal, a qual tem como cerne a “formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la” (COSTA, 2018).

A relação entre escola e museu pode se dar de diversas formas e para melhor compreendê-la, é importante pontuar que cada instituição está submetida a uma legislação própria, com características distintas. A escola, regida pela LDB (1996), rígida e impositiva; e o museu, no âmbito da educação, pela PNEM (2018), flexível e participativa. Apesar das diferenças, há também características comuns, como a lógica seletiva, excludente e disciplinadora que tanto escolas como museus mais tradicionais manifestam. Porém, mesmo

nesses espaços e com essas contradições, é possível uma prática pedagógica libertária, a depender do olhar dos educadores e docentes, desde que se disponham a elaborar atividades com liberdade e diálogo, que se proponham a aguçar a criatividade, subjetividade, criticidade e empoderamento e que coloquem os estudantes como protagonistas.

A elaboração dessas atividades tem inúmeros desafios, destacando-se três como exemplo: a burocracia que recai sobre os docentes sobrecarregando-os e limitando sua participação nas reflexões pedagógicas do encontro; as especificidades e distinções dentro do público escolar; e ferramentas para que os estudantes, como protagonistas, realmente se apropriem do patrimônio, identificando-se e associando-os às próprias memórias, história e subjetividade, e os transforme enquanto sujeitos sociais. Tais desafios, para serem, de fato, vencidos, demandam uma relação dialógica entre todos os sujeitos envolvidos, em especial entre os educadores da escola e do museu, com o objetivo de uma educação subversiva e integral.

Para subsidiar o estudo dessas relações, foram analisadas atividades de parceria entre e Escola Adolpho Bloch e o museu Rio Memórias, iniciadas, em 2021, durante a pandemia, com as visitas remotas de estudantes ao museu e com a produção de um trabalho para expressar as suas percepções da atividade, que demonstrou sua motivação, prazer e sensibilidade e surpreendeu os educadores.

Então, a parceria se estendeu através das Oficinas Rio dos Estudantes, que envolveram docentes de quatro disciplinas escolares e teve como objetivo a apropriação da história e memória do patrimônio cultural de São Cristóvão, onde fica a escola, e seu entorno. Em 2021, a atividade ainda se deu remotamente, com encontros entre estudantes, professores e educadores museais e com visitas e pesquisas por plataformas digitais, para ao final apresentarem, em grupo, produções sobre suas descobertas, o que resultou num total de vinte trabalhos. Em 2022, de volta ao ensino presencial, a atividade teve quarenta e quatro trabalhos e diferiu do ano anterior por conta da coordenação didática ser elaborada pelos educadores museais.

A partir dos critérios de criatividade, autenticidade, subjetividade, os trabalhos, que fizeram parte do sistema de avaliação da escola, passaram por um processo de seleção pelos educadores museais, para serem expostos pelo museu na “Galeria Rio dos Estudantes”, onde atualmente estão publicadas trinta e cinco obras dos alunos. As produções, de forma geral, foram permeadas de sensibilidades, subjetividades, afetos, inquietações e questionamentos, sendo que muitas delas demonstram o sentimento de pertencimento de espaços não acessados

anteriormente por estudantes de escolas públicas, a apreensão de histórias e memórias omitidas de povos oprimidos, o empoderamento através do protagonismo e das próprias memórias expostas ao mundo e a renovação de suas identidades. De acordo com a avaliação dos estudantes, a grande maioria se sentiu motivada e feliz com as atividades. Revelaram, também, que por serem moradores de bairros distantes, não têm acesso ao patrimônio local e tiveram por causa da atividade escolar.

Docentes que participaram ativamente das oficinas e outros que conhecem a atividade e o museu, mas não participaram, e educadores museais reagiram positivamente à relação entre eles e com o trabalho na perspectiva do patrimônio cultural, mas a maioria dos docentes afirmou que o sistema tradicional escolar não interfere no processo de aprendizado e que os conteúdos disciplinares podem ser aplicados na atividade, o que se distancia da perspectiva da Educação Museal. Quanto à possibilidade de transformação das concepções e perspectivas educacionais a partir das atividades além dos muros da escola, todos entendem que é um caminho para uma educação decolonial, mas não basta apenas isso, dependendo da relação dialógica entre as instituições e do olhar que os educadores adotem, que deve ser o de colocar o estudante como protagonista e o levar à crítica, reflexão, empoderamento e emancipação.

Na relação entre o museu e a escola, nas oficinas de 2022, os professores tiveram liberdade e autonomia para definir alguns aspectos do processo pedagógico, como o local a ser trabalhado e os patrimônios a serem pesquisados, enquanto os demais aspectos ficaram a cargo da equipe do museu, como a didática e as orientações das oficinas, os critérios de seleção para a exposição, entre outros. Devido à sobrecarga com a burocracia e a logística internas da escola, os professores ficaram limitados em relação às reflexões pedagógicas, podendo-se, por isso, concluir que houve alguma hierarquia entre as instituições, apesar do resultado de todo o processo ter sido considerado positivo pelos professores que responderam à pesquisa.

Um desconforto gerado a partir desta situação, por exemplo, foi o fato de que os professores, por não terem participado da seleção das produções a serem expostas nas oficinas de 2022, quando questionados pelos alunos que não foram selecionados, não tinham argumentos para respondê-los, diferentemente do que ocorreu nas oficinas de 2021. Percebeu-se, neste processo de seleção, a exclusão de alguns trabalhos, sem a clareza dos critérios utilizados pela equipe do museu, gerando perplexidade em alguns alunos que não tiveram suas pesquisas publicadas.

Por mais que as relações entre escola e museu tenham sido consideradas como positivas por todas as docentes que participaram das oficinas, inclusive por esta docente pesquisadora, a realidade ainda é de distanciamento entre a escola e o museu, sendo preciso superar as hierarquias entre as instituições e entender a importância das duas no processo pedagógico, a fim de desfazer esta lacuna.

Como a Educação Museal é um campo de pesquisa que reflete sobre esta relação e já identifica a existência desta falha, entende-se que é cada vez mais necessário a inclusão de docentes em suas discussões sobre o tema da visita escolar, além do oferecimento de cursos de formação aos professores, como programas de pós graduação, educação continuada, disciplinas na grade curricular dos cursos de pedagogia, entre outros.

Além disso, verificou-se que as visitas e as oficinas podem ser um caminho para uma educação decolonial, porém os processos educativos ainda se encontram dentro de aspectos tradicionais que precisam ser transformados radicalmente, a partir da ação direta dos educadores dos dois campos.

Por fim, foi apresentado como produto educacional da pesquisa um mapa interativo do patrimônio cultural de São Cristóvão e entorno, a partir das pesquisas feitas pelos estudantes, publicadas pelo museu, o que por si só já os coloca em posição de empoderamento. Seu objetivo é motivar a comunidade escolar a se apropriar do patrimônio cultural de seu entorno, através de inúmeras formas de aplicabilidade, mas principalmente aquelas que sejam inovadoras, transformadoras, libertárias e revolucionárias, no sentido de empoderar os estudantes enquanto sujeitos sociais. Apesar de o mapa ainda não ter sido aplicado formalmente, já foi apresentado aos alunos que participaram da sua elaboração e a alguns docentes, que expressaram grande expectativa em relação à exposição do produto na escola e a motivação em trabalhar com ele.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. **Memória Social: itinerários poéticos conceituais**. Revista Morpheus. Estudos interdisciplinares em Memória social. V. 9 n15 2016. Disponível em http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf acesso em: maio de 2021

ANTUNES, B. Rio dos estudantes - [Mensagem pessoal] Pintura, Conde de Linhares. mensagem recebida por <eferreiraped@gmail.com> em 8 de setembro de 2022.

ANTUNES, B. Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado. Pintura em tela. Coleção Rio Memórias.

ARROYO, M. **Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia**. Educ. Soc. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807, out. 2007.

BARREIROS, C. H. **Investigar as ações docentes frente às diferenças, Operando com a Noção de Jurisprudência Pedagógica**. in: Didática: questões contemporâneas. Vera Candau Organizadora. - Rio de Janeiro: Forma e ação, 2009

BOMENY, H. Salvar pela escola: programa especial de educação. In: **A FORÇA do povo: Brizola e o Rio de Janeiro** / Organizadora Marieta de Moraes Ferreira; Marieta de Moraes Ferreira...[et al]. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getúlio Vargas ; ALERJ, 2008. p.95-127. Texto disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br>

BRASIL, Portaria nº 137 de 28 de abril de 2016. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, DF

BRASIL, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2009. Disponível em: L11904 (planalto.gov.br) acesso em: 13/09/2021.

BRASIL, **Caderno da Política Nacional de Educação Museal - PNEM**. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. 140 p.

BRASIL, Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Casa Civil. República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1996.

BRASIL, H. **São Cristóvão: memória e esperança**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 2004. (Cantos do Rio; v. 23)

CANDAU, V. M.; SACAVINO, S. B. Educação em direitos humanos e formação de educadores. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 1, p. 59-66, jan./abr. 2013

CANDAU, V. M. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.** Currículo sem fronteiras, v. 11, nº 2, pp 240-255, jul/dez 2011.

CARVALHO, C. **Quando a escola vai ao museu.** Campinas, SP: Papirus, 2016.

CARVALHO, C; LOPES, T. **O público infantil nos museus.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016.

CASTRO, F. **Há sentido na educação não formal na perspectiva da formação integral?** Revista do programa de pós-graduação em ciência da informação da Universidade de Brasília. Museologia e interdisciplinaridade vol. IV, Nº 8, dez 2015.

CAZELLI, S. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de educação. Rio de Janeiro, 2005.

CHAGAS, M. **Diabruras do Saci: museu, memória, educação e patrimônio.** Revista Musas, v. 1. n. 1. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. p. 135-146.

CHAGAS, M. **Memória e poder: dois movimentos.** Cadernos de Sociomuseologia no 19, v.19, jun. 2002.

CHAGAS, M. **Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação.** In TOLENTINO, Átila (org.). Educação patrimonial: educação, memórias e identidades. Caderno Temático de Educação Patrimonial no 03. João Pessoa: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, pp 27-31, 2013. FLORÊNCIO, Sônia. et al. Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos. 2 ed. rev. ampl. Brasília:

COSTA, A. Entrevista concedida a Elisabete Ferreira. Rio de Janeiro, 10 de junho de 2022

COSTA, A. F. **Breve histórico da Seção de Assistência ao Ensino do Museu Nacional. Da institucionalização aos dias atuais.** In: COSTA, A. F. et al (org.) O Lugar da Educação no Museu: Museu de Ideias, [edição 2017]. p. 50-58. Rio de Janeiro: Museus Castro Maya, 2018.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sociocultural.** In: DAYRELL, J. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DEWEY, J. **A Arte Como Experiência.** Traduzido para o português por Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores) Texto original publicado em 1950.

DOBEDEI; FARIAS; GONDAR. **Apresentação.** Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

ESCOLANO, A; VIÑAO-FRAGO, A. **Currículo, Espaço e Subjetividade. A arquitetura como programa.** [tradução Alfredo Veiga Neto]. 2ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO RIO MEMÓRIAS. Disponível em: <servico-assinado(1).pdf (riomemorias.com.br)> acesso em: 20/09/2022

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ADOLPHO BLOCH. **Guia cultural e turístico de São Cristóvão - Um passeio pelas raízes imperiais.** coordenado pelo Projeto Núcleo de História dos Bairros do Rio de Janeiro. Núcleo bairros - RJ: 2015.

FERRERA-BALANQUET, R. M. **Pedagogías decoloniales. Práticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir.** Série pensamento decolonial. ed. Catherine Walsh. Quito - Equador: 2017

FLORENCIO, S. R. R. **Educação Patrimonial: um processo de mediação.** In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org). Educação Patrimonial: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. (Caderno Temático 2). p. 22-29.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRECHEIRAS, K. **Do Palácio ao Museu: a trajetória pedagógica do Museu da República. Do governo bossa nova à ditadura civil-militar (1960-1977).** Petrópolis: KBR Editora Digital, 2015.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não formal.** Suíça: Institut Inter- Suíça: Institut International des Droit de l'enfant (IDE), 2005. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. acesso em 28 set. 2022.

GIROUX, H. A; FIGUEIREDO, G. O de. **Paulo Freire e a Revolução Política do Pensamento Decolonial.** Ensino, Saúde e Ambiente. v. 14 n. esp. (2021): Dossiê Paulo Freire para além dos 100 anos: construir utopias, transformar a realidade, p. 01-21.

GONDAR, J. **Cinco proposições sobre memória social. Revista Morpheus.** Por que memória social? / Amir Geiger ... [et al.] Vera Dodebei, Francisco R.de Farias, Jô Gondar (Org.) — 1. ed. — Rio de Janeiro : Híbrida, 2016.

GOHN, M. G. da. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** São Paulo/; Cortez, 2011.

GOHN, M. G. da. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) Educação Patrimonial. Disponível em: <Home - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional> Acesso em: 27 de setembro de 2021).

KASTRUP, V. **Experiência Estética Para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus.** Informática na Educação: teoria & prática Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010.

LOPES, M. M. **A favor da desescolarização de museus.** Artigo publicado na revista Educação & Sociedade. No 40, dezembro de 1991.

LOPES, T. B. **Outras formas de conhecer o mundo : educação infantil em museus de arte, ciência e história.** Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2019.

MARANDINO, M. Educação em museus: a mediação em foco/Organização Martha Marandino — São Paulo, SP:Geenf / FEUSP, 2008.

MARANDINO, M. **Interfaces na relação museu escola.** Cad.Cat.Ens.Fís., v. 18, n.1: p.85-100, abr. 2001.

MARINO, L. **A Falência do modelo escolar tradicional e a necessária construção de uma educação integral e comunitária.** Revista Giramundo, RJ, Vol. 5, no 10, 2018.

MOURA; GARCIA; DANTE. *in:* BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio.** Brasília, dez. 2007.

MORAN, J. M; MASETTO, M. T; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas: Papyrus, 2000.

MORAN, J. M. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas.** *in:* MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas: Papyrus, 2000.

PEREIRA, A. Entrevista concedida ao museu Rio memórias. Rio de Janeiro, 9 de junho de 2022.

POLÍTICA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO IPHAN: diretrizes conceituais e ações estratégicas, 2019, p. 61.

PORTELLA, I. S. **Acessibilidade plena.** In: Caderno da Política Nacional de Educação Museal - PNEM. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

PRO DIA NASCER FELIZ. Direção de João Jardim. Documentário. Longa metragem. Brasil, 2006. Resenha de: COSTA, L. C. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/resenha-do-filme-pro-dia-nascer-feliz/>> Acesso em: 29 de agosto de 2022)

RIO MEMÓRIAS. Museu Virtual. Apresenta acervo histórico e cultural da cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <Rio Memórias | Museu virtual do Rio antigo (rio memórias.com.br)> Acesso em: 21/8/2022

TEIXEIRA, S; MARTINS, B. Galeria Rio dos Estudantes. Museu Rio Memórias. Disponível em: <CADEG - Rio Memórias (riomemorias.com.br)> acesso em: 6 de set. de 2022

NEVES, A.C; GOMES, H; QUEIROZ, M.E. Galeria Rio dos Estudantes. Disponível em: <Bairro Santa Genoveva - Rio Memórias (riomemorias.com.br)> acesso em: 6 de set. de 2022

SIQUEIRA, J. M. de. **A Educação Museal e seu papel num projeto decolonial da museologia. in: Educação Museal: conceitos, histórias e políticas.** Org: Fernanda Castro, Ozias Soares e Andréa Costa. Vol. IV. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020.

SOARES, O. J. **“Ir onde o público está”:** Contextos e experiências de museus itinerantes. Mouseion, Revista do Museu e Arquivo Histórico Unila Salle, Canoas, 2016. disponível em: “Ir onde o público está”: Contextos e experiências de museus itinerantes | Soares | Mouseion (unilasalle.edu.br). acesso em 24/09/2021.

SOARES, O. J. **Reflexões sobre a relação museu-escola: na direção de um museu permeável.** Educação On-Line (PUCRJ), v. 18, p. 27-44, 2015.

TOLENTINO, A. B. **O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática.** Educação patrimonial [recurso eletrônico] : políticas, relações de poder e ações afirmativas / organização, Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF: 2 megabytes). – João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5) . Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/> acesso em: dezembro 2020.

TONUCCI, A. Entrevista concedida a Secretaria de Educação de Bogotá- La educación en tiempos de pandemia: una charla con Francesco Tonucci. 12 de Junho de 2020. disponível em: La educación en tiempos de pandemia: una charla con Francesco Tonucci - YouTube acesso em: novembro de 2021.

TOZONI-REIS, M. F. C. de. **A pesquisa e a produção de conhecimentos.** In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. Caderno de Formação: formação de professores. Educação, Cultura e Desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 3, p.1-37, 2010, p.142. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>> Acesso em 18/03/2022.

TRILLA, J; GHANEM, E; ARANTES, V. A. **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2008

VALENTE, M. E. A. **Da dimensão à função educativa no museu: algumas incursões.** In: COSTA, A. F. et al (org.) O Lugar da Educação no Museu: Museu de Ideias, [edição 2017]. Rio de Janeiro: Museu Castro Maya, 2018. p. 41-48. Disponível em: http://portal.mast.br/images/pdf/publicacoes_do_mast/o-lugar-da-educacao-nos-museus-museu-de-ideias-edicao-2017-2.pdf. Acesso em: 13/6/2022

VALENTE, M. E. **Educação e Museus: a dimensão educativa do museu.** In: MAST Colloquia. vol 11. Museus e Museologias: Interfaces e Perspectivas. Museu de Astronomia e Ciências Afins - Organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Luciane N. M. Loureiro . — Rio de Janeiro : MAST, 2009.

VIÑAO FRAGO, A; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** 2ª edição Rio de Janeiro: DP&A, 2001

WALSH, C. **Pedagogías Decoloniales. Prácticas Insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir.** Série pensamiento decolonial. Abya Yala, Catherine Walsh, editora: Quito-Ecuador, 2017.

APÊNDICE – Patrimônio Cultural do bairro de São Cristóvão



Quadro com os patrimônios culturais de São Cristóvão e entorno, que não constam no mapa pois não foram pesquisados. Ficará anexo ao produto educacional como forma de sugestão para futuras atividades pedagógicas.

ANEXO A – Produto Educacional- Mapa interativo do patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão e entorno

Figura 3 : Produto Educacional- Mapa interativo do patrimônio cultural do bairro de São Cristóvão e entorno.



Figura 3- Produto Educacional Mapa interativo do Patrimônio Cultural do bairro de São Cristóvão e entorno.
Fonte: elaborado pela autora pesquisadora em parceria com o museu Rio Memórias.

ANEXO B – Entrevista para docentes que atuam na escola básica

1- Entrevista para docentes que atuam na escola básica.

Pesquisa - Quando a escola visita o museu: educação na perspectiva do Patrimônio cultural.

1. 1- Nome

2. 2- E-mail

3. 3- Qual a escola que leciona?

4. 4- Qual a sua disciplina?

5. 5 - Costuma realizar visitas a museus com seus estudantes? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

6. 6- Quais são as maiores dificuldades que os docentes podem vir a encontrar no planejamento de atividades de visitação a museus e espaços culturais.

Marcar apenas uma oval.

Resolução dos Trâmites burocráticos para sair da escola com os estudantes

Conseguir um transporte

Conseguir ajuda de profissionais de apoio

Não encontro di culdades

Conseguir agendar as visitas com os museus e/ou espaços culturais

Outros Outro:

7. 7 - Como vê a relação entre docentes da escola e os profissionais dos museus?

Marcar apenas uma oval.

- Parceria, interação e autonomia
- Hierárquica por parte do museu
- Hierárquica por parte da escola
- Neutra

8. 8 - Quando leva sua turma para visitar um museu, é possível perceber alegria, afeto, criatividade e motivação dos estudantes durante a visita?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

9. 9- Quando vai ao museu com seus alunos pensa em aproveitar o seu conteúdo da escola para dar uma aula no museu ou espaço cultural?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

10. 10- Quando propõe atividade de visita ao museu para seus alunos, passa atividades de avaliação valendo nota?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

11. 11- Conhece a Educação Museal?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

12. 12- Conhece o Museu Rio Memórias?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. 13 - Já indicou o museu Rio memórias para seus estudantes?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

14. 14 - Conhece a atividade "Oficinas Rio dos Estudantes"?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

15. 15- Na escala abaixo indique a sua pontuação para a atividade Oficina Rio dos Estudantes.

Marcar apenas uma oval.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>									

16. 16- Já realizou as oficinas com as suas turmas?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

17. 17- Caso já tenha realizado as Oficinas com seus estudantes, o que achou da experiência educativa?

Marcar apenas uma oval.

- Ótima
 Boa
 Regular
 Ruim

18. 18- Caso ainda não tenha realizado as oficinas, indique um dos motivos relacionados abaixo:

Marcar apenas uma oval.

- Di culdade de vincular o conteúdo da disciplina a este tipo de atividade.
 Tenho interesse, mas não recebi nenhum convite dos profissionais do museu
 Tenho interesse, mas não recebi convite por parte da minha escola
 Não sabia que a atividade seria aberta a todas as disciplinas
 Não tenho interesse neste tipo de atividade

19. 19- Os processos educativos de visita ao museu e Oficinas Rio dos Estudantes são ações que podem servir como estratégias e possibilidades para ir além do modelo escolar conservador e colonial?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

20. 20- Para reflexão e comentário: Quando a escola vai ao museu, será que ela derruba seus muros? O fato de a escola sair do ambiente escolar para um espaço cultural é suficiente para se mudar concepções e perspectivas educacionais.

ANEXO C – Entrevista aos profissionais do Museu Rio Memórias

2- Entrevista aos profissionais do Museu Rio Memórias

1- Nome

2 - E-mail

3- Qual a sua atuação profissional no Museu Rio Memórias?

4- Qual a sua área de formação?

5- Como se deu a relação de interação entre docentes da ETEAB e profissionais do museu?

6- Houve algum tipo de hierarquia entre profissionais das duas instituições?

7- A escola gerou algum tipo de dificuldade para a realização das oficinas Rio dos estudantes?

8- Durante as Oficinas Rio dos Estudantes foi possível perceber sentimentos como motivação, alegria, afeto, criatividade, e outras emoções nos estudantes?

9- Durante as Oficinas Rio dos Estudantes foi possível perceber sentimentos como motivação, alegria, afeto, criatividade, e outras emoções nos docentes e educadores do museu?

10- Percebeu algum tipo de preocupação nos docentes quanto a dificuldade de não conseguir adequar o seu conteúdo disciplinar às Oficinas Rio dos Estudantes?

11- As atividades em parceria com o museu, quando atreladas às avaliações escolares, podem interferir negativamente no processo educativo emancipatório e libertador?

12- 12 - As atividades educativas como visitas a museus e Oficinas Rio dos Estudantes podem ser ações que funcionem como estratégias para ir além do modelo escolar tradicional colonial?

13- 13 - Às Oficinas Rio dos estudantes, uma parceria entre a escola e o museu, geraram possibilidades para reflexão sobre suas concepções e perspectivas pedagógicas?

14- Para reflexão e comentário: Quando a escola vai ao museu, será que ela derruba seus muros? O fato da escola sair do ambiente escolar para um espaço cultural é suficiente para se mudar concepções e perspectivas educacionais?
